



UFRRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTO CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**MULHERES NEGRAS E PROFESSORAS ATUANTES NOS
MUNICÍPIOS DE MIRACEMA E SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA DO
NOROESTE FLUMINENSE: E A TEIMOSIA DO NÃO LUGAR**

ADRIANA BERNARDINO MARCELINO

*Sob a Orientação da Professora
Joselina da Silva*

*e Co-orientação do Professor
Amauri Mendes Pereira*

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Educação**, no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ
Agosto de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Biblioteca
Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M314m Marcelino, Adriana Bernardino , 1979-
 Mulheres negras e professoras atuantes nos
 municípios de Miracema e Santo Antônio de Pádua do
 Noroeste Fluminense: e a teimosia do não lugar /
 Adriana Bernardino Marcelino. - Seropédica; Nova
 Iguaçu , 2023.
 105 f.: il.

 Orientadora: Joselina da Silva.
 Coorientador: Amauri Mendes Pereira.
 Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal
 Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
 Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares
 , 2023.

 1. Professoras Negras. 2. Relações Raciais. 3.
 Educação Básica. 4. Racismo. I. Silva, Joselina da ,
 1955-, orient. II. Pereira, Amauri Mendes , 1951-,
 coorient. III Universidade Federal Rural do Rio de
 Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação,
 Contextos Contemporâneos e Demandas Populares . IV.
 Título.



TERMO N° 1442 / 2023 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.083099/2023-02

Seropédica-RJ, 15 de dezembro de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS
POPULARES

ADRIANA BERNARDINO MARCELINO

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestra**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 31/08/2023

Membros da banca:

JOSELINA DA SILVA. Dra. UFRRJ (Orientadora/Presidente da Banca).

AMAURI MENDES PEREIRA. Dr. UFRRJ (Examinador Interno).

CRISTIANE SOUSA DA SILVA. Dra. IFCE (Examinadora Externa à Instituição).

MARIA APARECIDA SILVA. Dra. UFAL (Examinadora Externa à Instituição).

(Assinado digitalmente em 15/12/2023 17:40)
AMAURO MENDES PEREIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)
Matrícula: 2131782

(Assinado digitalmente em 10/01/2024 12:47)
JOSELINA DA SILVA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptECMSD (12.28.01.00.00.00.22)
Matrícula: 1525135

(Assinado digitalmente em 22/12/2023 15:15)
CRISTIANE SOUSA DA SILVA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 915.209.753-68

(Assinado digitalmente em 23/12/2023 16:31)
MARIA APARECIDA SILVA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 030.321.618-27

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: **1442**, ano: **2023**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **15/12/2023** e o
código de verificação: **a95c8bd7ce**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me iluminar e me mostrar quais caminhos percorrer, por colocar pessoas boas na minha vida e outras que aprendi a suportar. Quanto as rasteiras que sofri, elas serviram para me impulsionar a ficar de pé e acreditar que dias melhores estavam por vir e esse dia chegou. Hoje estou aqui, agradecendo carinhosamente à Nossa Senhora Aparecida, que sempre intercede por mim, a São Miguel Arcanjo e a toda milícia celeste que me guarda, me protege e me ilumina.

A minha avó Consolatila Pinto Bernardino (in memoriam), que sempre nos incentivou a estudar e ao meu pai Geraldo Jose Marcelino (in memoriam) que dizia que a herança dele eram os seus filhos.

A minha amada mãe Maria Filomena Bernardino Marcelino, professora, que sempre nos educou para a vida e nos mostrou que a educação era a chave que poderia abrir portas para termos uma vida digna por meio do nosso trabalho.

Aos meus irmãos: Geraldo André, Lazara, Antonielle e Laiza. Obrigada pelo apoio e pelas conversas. Amo vocês!

A minha amada filha e companheira Ana Júlia, que indiretamente cursou o mestrado comigo, embarcou nas minhas tentativas, vivenciou as minhas etapas, compreendendo que o não faz parte da vida, mas que podemos buscar o sim.

Ao meu querido companheiro Julio Fabio Raimundo, que aguentou firme as minhas dificuldades, reclamações e sempre tentava amenizar a situação me agradando com um cafezinho ou um suco.

A todos os meus professores e professoras: Benedita Josefina, Nair Procópio, Nilcenei da Cruz, Creusa Mendes, Cássia Maria e Ana Paula Valentim, que fizeram parte desta pesquisa. Maria Aparecida Silva, Cícera Nunes e Maria Simone Euclides, que fizeram parte da composição da minha qualificação. Maria Aparecida Silva, Amauri Pereira Mendes e Cristiane, que aceitaram compor a banca de defesa. Eduardo Quintana pelo incentivo e por acreditar no meu potencial. Rolf Malungo, meu eterno orientador, por não me deixar desanimar, me lembrando que não estou nesta vida a passeio. Professor Amauri, pela paciência. Suas aulas foram de estrema importância na minha formação enquanto pesquisadora, o que me ajudou a compreender as discussões do grupo de estudos, Conjuntura Nacional e Luta Contra o Racismo. Minha orientadora Joselina da Silva, que me deu o seu sim e desde então sempre se fez presente, não apenas como orientadora, mas também como uma “Griot”, que abriu caminhos para que eu estivesse neste espaço acadêmico, mostrando que sou capaz e que preciso deixar de lado as minhas inseguranças, que insistem em me rondar.

A todos os meus amigos e amigas: Gleice Feijó, por ter me cedido para trabalhar na Assistência Social como Pedagoga. Foi uma experiência gratificante que se potencializou com a chegada da amiga Valéria Garcia. Jeane e Juliana, ambas Assistentes Sociais e foram as primeiras que plantaram a semente na minha cabeça para que eu cogitasse a possibilidade de fazer o mestrado. Jane Rose, Glauscia, Lucia Helena, Rosemère e Marlucia, pelo incentivo, que foi um refrigerio nos momentos em que pensei em desistir. Doutora Suellen pela ajuda com as cópias. Vanessa, atual Secretária de Saúde, pela sua sensibilidade e ajuda quando a solicitei. Marcia Aparecida, que sempre falou da importância das nossas escritas enquanto mulheres negras. Roseleia Oliveira, Fabricia Nascimento, Gabrielle Mesquita, Priscilla Bahia, Suellen Estevan, Jane Quintino, Ágatha Leite, Simone Almeida, Marcele e Wudson Guilherme, amigos que fiz no mestrado.

Às mulheres do Fórum Estadual de Mulheres Negras, pela acolhida, por me inspirarem a prosseguir e alcançar voos mais altos.

Christiane Malungo, irmã, que Deus me presenteou na estrada da vida, por mostrar, que acima do medo precisamos ter coragem.

A vocês, o meu MUITO OBRIGADA!

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

“A vida não é para os covardes!”
Carolina Maria de Jesus

RESUMO

MARCELINO, Adriana Bernardino. **Mulheres negras e professoras atuantes nos municípios de Miracema e Santo Antônio de Pádua do noroeste fluminense: e a teimosia do não lugar.**2023.105p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

O presente trabalho de pesquisa de Mestrado, foi desenvolvido no recinto do (PPGEDUC) Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneo e Demandas Populares, na (UFRRJ) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, sobre professoras negras atuantes na educação básica nos municípios de Miracema e Santo Antônio de Pádua, localizadas no Noroeste Fluminense. Uma das indagações deste trabalho é procurar saber quais empecilhos elas precisaram enfrentar para adentrarem e permanecerem no magistério, contrariando as estatísticas do lugar destas cidades destinado às mulheres negras; o trabalho subalterno. A metodologia de pesquisa é do tipo qualitativa, pois traz a história de vida das mulheres negras. Foi realizado revisão bibliográfica com autores que ajudaram a fundamentar o trabalho e que atrelada às análises das entrevistas semiestruturadas no período entre (2021, 2022 e 2023) possibilitou compreender sobre suas trajetórias e refletir a respeito das estratégias empregadas para não sucumbirem no ambiente escolar e fora dele, considerando que suas presenças se tornaram um ato político. O estudo apontou em algumas situações a não percepção com relação ao racismo, onde discurso de igualdade é cruel e poucas são as que conseguem galgar um lugar de liderança ou de coordenação. A vida das professoras negras se ressignifica à medida que elas passam por um processo de ascensão social e visibilidade. Porém está mobilidade não é proteção para que elas não sofram com racismo tão naturalizado no Brasil que se materializa em meio a inércia e a crença do mito da democracia racial nas cidades pequenas do interior.

Palavras-Chave: Professoras Negras. Relações Raciais. Educação Básica. Racismo

ABSTRACT

MARCELINO, Adriana Bernardino. **Black women and teachers working in the municipalities of Miracema and Santo Antônio de Pádua in the northwest of Rio de Janeiro: and the stubbornness of no place.** 2023. 105p. Dissertation (Master's in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Institute of Education/Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

This Master's research work was developed at the (PPGEDUC) Postgraduate Program in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands, at (UFRRJ) Federal Rural University of Rio de Janeiro, on black teachers working in basic education in the municipalities of Miracema and Santo Antônio de Pádua, located in Northwest Fluminense. One of the questions of this work is to find out what obstacles they had to face to enter and remain in teaching, contradicting the statistics of the place in these cities destined for black women; menial work. The research methodology is qualitative, as it brings the life stories of black women. A bibliographical review was carried out with authors who helped to support the work and which, linked to the analysis of semi-structured interviews in the period between (2021, 2022 and 2023), made it possible to understand their trajectories and reflect on the strategies used to avoid succumbing in the school environment and outside. of him, considering that his presence became a political act. The study pointed out in some situations the lack of perception regarding racism, where the discourse of equality is cruel and few are able to rise to a position of leadership or coordination. The lives of black teachers are given new meaning as they go through a process of social ascension and visibility. However, this mobility is not protection so that they do not suffer from racism so naturalized in Brazil that it materializes amid inertia and the belief in the myth of racial democracy in small towns in the interior.

Keywords: Black Teachers. Race Relations. Basic education. Racism

Jongo irmão café

Auê, meu irmão café
Auê, meu irmão café
Mesmo usados, moídos, pilados
Vendidos, trocados, estamos de pé
Olha nós aí, meu irmão café
Mesmo usados, moídos, pilados
Vendidos, trocados, estamos de pé
Olha nós aí, meu irmão café
Meu passado é africano
Teu passado também é
Nossa cor é tão escura
Quanto chão de massapé
Amargando igual mistura
De cachaça com fernet
Desde o tempo que ainda havia
Cadeirinha e landolé
Fomos nós que demos duro
Pro país ficar de pé
Auê, meu irmão café
Auê, meu irmão café
Mesmo usados, moídos, pilados
Vendidos, trocados, estamos de pé
Olha nós aí, meu irmão café
Mesmo usados, moídos, pilados
Vendidos, trocados, estamos de pé
Olha nós aí, meu irmão café
Você quente, queima a língua
Queima o corpo e queima o pé
Adoçado, tem delícias
De chamego e cafuné
Requentado, cria caso
Faz zoeira e faz banzé
E também é de mesinha
De gurufa e candomblé É
por essas semelhanças
Que eu te chamo irmão café
Auê, meu irmão café
Auê, meu irmão café
Mesmo usados, moídos, pilados
Vendidos, trocados, estamos de pé
Olha nós aí, meu irmão café.

Nei Braz Lopes/ Wilson Moreira Serra

Lista de Quadros

Figura	Página
1. Tabela do perfil das Professoras entresvistadas fator idade, cor, cidade, formação, período no magistério	48

Listas de Figuras

Figura	Página
1. Representação das cidades de Miracema e Santo Antônio de Pádua e mapa da cidade de Miracema.....	25
2. Mapa da cidade de Santo Antônio de Pádua	26
3. Imagem da Professora Benedita Josefina.....	50
4. Imagem da Professora Nair Procópio.....	53
5. Imagem da Professora Nilcenei da Cruz.....	55
6. Imagem da Professora Creusa Maria.....	60
7. Imagem da Professora Cássia Maria	64
8. Imagem da Professora Ana Paula	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1-FALANDO NA PRIMEIRA PESSOA.....	12
1.1 Eu caçador de mim.....	14
1.2 O despertar.....	17
1.3 Mulheres negras estão sempre em marcha	19
1.4 A topada machuca, mas nos impulsiona	21
2- CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA, O OBJETO E OS OBJETIVOS.....	23
2.1 Procedimentos Metodológicos.....	24
3- SITUANDO AS CIDADES DA PESQUISA	25
3.1 Miracema.....	25
3.2 Santo Antônio de Pádua	26
4- RAÇA RACISMO E EDUCAÇÃO.....	27
5- AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DA ESCOLA: PAREANDO OLHARES.....	42
6- É TEMPO DE OUVIR! COM A PALAVRA PROFESSORAS NEGRAS DE MIRACEMA E SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA	47
6.1 Dona Benedita e a conversa na mesa de bolo	49
6.2 A conversa com Dona Nair.....	52
6.3 Dona Nilcenei, a que foi minha professora	55
6.4 Dona Creusa, a que transborda vitalidade	60
6.5 Cássia Maria, a alfabetizadora	63
6.6 Ana Paula, acolhedora de sonho	68
6.7 Percurso escolar	72
6.8 A entrada e permanência para o magistério.....	75
6.9 As relações de tratamento e a prática pedagógica.....	81
6.10 As artimanhas do racismo brasileiro	86
7-CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
9- ANEXOS	104

INTRODUÇÃO

1-FALANDO NA PRIMEIRA PESSOA

Sou mulher negra, filha de Maria Filomena Bernardino Marcelino (Professora) e Geraldo José Marcelino (Pedreiro). Não conheci meus avós paternos, mas tive o privilégio de conviver com minha avó materna, Consonatila Pinto Bernardino, ex-tecelã da fábrica de tecidos, católica praticante e mulher sábia, que soube viver a vida e cuidar da família. Como a matriarca, suas decisões não eram questionadas. Ficou viúva jovem e não quis casar. Sempre dizia que quem fica dentro de casa não leva na cara.

Minha mãe é filha única, ao contrário de mim que tenho quatro irmãos: Geraldo André (ex-militar e atualmente mecânico sênior), Lazara (Professora da educação básica, licenciada em História pela UFF), Antonielle (Pedagoga/UFF) e Laíza (está concluindo a licenciatura em Geografia/UFF). A educação sempre foi prioridade na nossa família e nossa mãe sempre nos orientou a fazer o Curso Normal de Formação de Professores.

Minha mãe apesar dos esforços e dificuldades fez formação de professores quando já estava casada. Antes, trabalhou como lavadeira, mas não tinha pagamento em dinheiro, recebia mantimentos. Quando estava formada, atuou por um período em uma creche aqui na cidade de Miracema/RJ através de contrato e também no projeto da Fundação Educar, que tinha por objetivo alfabetizar as pessoas que estavam fora da escola. A sala de alfabetização funcionava no quintal da nossa casa em um cômodo feito pelo meu pai. Ali eram ministradas as aulas pela minha mãe e também onde se fazia a merenda, que era fornecida pelo projeto. Ela se sentia realizada como professora, ali, naquele pequeno espaço carregado de afeto, onde a maioria dos alunos eram nossos vizinhos e até minha avó era aluna.

Fomos ensinados que a educação seria um caminho estreito e difícil, mas que deveríamos estudar para conseguirmos um bom emprego e lutar para sermos concursados, para não dependermos de favores políticos. Este conselho se deu após minha mãe ter sido desligada do contrato e a mesma ver sua sala de aula ser desfeita e os seus alunos irem embora, pois o polo educacional seria em outra casa com outra professora. Após este episódio, minha mãe tentou alguns concursos, mas infelizmente não foi convocada. Passou em um processo seletivo municipal, porém ela e os demais candidatos nunca foram chamados. Ela e os demais candidatos viram suas vagas serem fatiadas pelos políticos. Recorreram à justiça, mas nada foi feito. Para

ajudar no sustento da família, ela trabalhou como doméstica em casa de família e sempre dizia que a justiça divina seria feita por ela porque a dos homens era falha.

Sempre estudei em escola pública. Como uma criança negra sentia as dores e as alegrias de estar na escola. As interações na hora do recreio eram difíceis e constrangedoras diante dos turbilhões de apelidos. A palavra “macaca” era a mais proferida e utilizada nos bilhetes que eram escritos para nós. Relacionar a figura do negro ao animal é a forma mais contundente de feri-lo, pois o descaracteriza da figura humana. Segundo Gomes:

Não é fácil construir uma identidade negra positiva convivendo e vivendo num imaginário pedagógico que olha, vê e trata os negros e sua cultura de maneira desigual. Muitas vezes os alunos e as alunas negras são vistos como “excluídos”, como alguém que, devido ao seu meio sociocultural e ao seu pertencimento étnico/racial, já carrega congenitamente alguma “dificuldade” de aprendizagem e uma tendência a “desvios” de comportamento, como rebeldia, indisciplina, agressividade e violência. (GOMES, 2002 p.41)

Eu não conseguia me defender e quando reagi uma vez, fui repelida pela professora que disse: “Fica quieta e finge que não está escutando!” Como fingir que não estava escutando, se meu coração gritava de ódio daquelas pessoas. Ou seja, quem deveria tomar uma atitude não compartilhava das nossas dores, não sabia lidar com situações de conflitos tão presentes nas escolas. Estas situações muitas vezes eram presenciadas por funcionários da escola que se esquivavam e não faziam nada.

Enxergavam nestas atitudes de violência psicológica algo normal, que deveria permanecer no silêncio. Para eles, era simplesmente, coisa de criança. Não viam que era um divertimento por parte de quem estava oprimindo e em contrapartida um sofrimento por aqueles que estavam sendo rechaçados. Os alvos eram na maioria das vezes as crianças negras, estas, que em tese, não recebiam carinho, eram preteridas nas festas escolares, nas peças de teatro, ficando sempre como coadjuvantes por não se enquadarem no ideal de beleza.

A escola enquanto lugar de estudos, quase sempre se tornava um lugar de angústia que perpetuava práticas discriminatórias e que colocava os negros/negras como inferiores e incapazes de aprender. Esta prática era evidente na divisão das turmas, onde a turma (A) era considerada a forte, composta por crianças ditas inteligentes, filhas de pais que tinham trabalhos considerados de prestígio naquela época, enquanto a turma (B), em sua maioria, as crianças negras eram alocadas, vistas como medianas ou fracas, com dificuldades de aprender, filhas de trabalhadores subalternos ou que não tinham trabalho.

Diante destas divisões de turmas, percebe-se que, era algo premeditado e segregado, que determinava os limites de compreensão que os alunos negros poderiam alcançar, limitando-os há um conhecimento mínimo, sem que tivessem a oportunidade de mostrarem suas capacidades. Os estereótipos criados a respeito do negro contribuíram para que se perpetuassem pensamentos negativos a seu respeito. Vistos como inferiores e preguiçosos, ao adentrarem na escola, negros são apontados pela sua condição social e ancestralidade, como aqueles que apresentam dificuldades educacionais e por isso devem ser culpados por não terem suas singularidades levadas em consideração.

Sabemos que a escola não é pensada para a população negra e que esta, por ser considerada inferior, sofre preconceitos também no ambiente escolar. E que o lugar que deveria ajudar a eliminar toda forma de preconceito, na maioria das vezes se omite diante de certas situações.

Vivemos em um país que não acolhe a diversidade étnica existente. Um país onde se privilegia uma cultura em detrimento de outra. A cor da pele vai ser um determinante para segregar e perseguir o indivíduo, mantendo-os à margem da sociedade, com políticas públicas que nem sempre vão atendê-los de forma efetiva e que garantam o seu acesso e permanência em espaços que viabilizem perspectivas de mudanças cultural que refletem a sociedade.

1.1 EU CAÇADOR DE MIM

Ao terminar o curso de Formação de Professores no ensino médio, por não conseguir passar no vestibular na época para cursar serviço social, resolvi fazer um curso Técnico em Enfermagem, pois meu objetivo era conseguir um trabalho com registro. Minha avó dizia: quem não trabalha quando é novo trabalhará quando estiver velho. Naquele momento não tinha perspectivas em trabalhar na educação, mesmo sendo aconselhada pela minha mãe. A justificativa que eu usava é que não queria trazer trabalho para casa, pois as professoras estavam sempre reclamando que tinham que corrigir provas, fazer relatórios e que eram mal remuneradas.

Sempre gostei de dançar e na adolescência fui matriculada em um projeto social na Igreja Católica Matriz Santo Antônio, em Miracema. Lá eram oferecidas aulas de danças gratuitas, ministradas pela professora Sandra Azevedo, que ao perceber a minha dedicação em aprender as coreografias me presenteou com uma viagem em uma das suas excursões para o programa da Xuxa. Confesso que fiquei um pouco frustrada, pois não pude ficar junto com as

demais crianças. Sempre fui muito alta para a minha idade e em certas ocasiões essa característica me causava constrangimentos. Lembro que uma das últimas vezes em que fui ao parquinho da cidade ouvi do vigilante que era muito grande para brincar, apesar de ser a mais nova entre as crianças. Minha altura me colocava barreiras. A professora Sandra Azevedo sempre dizia: “Levanta o corpo e erga a cabeça! Você se destaca em meio à multidão”. Por alguma razão o projeto foi encerrado, mas eu continuei dançando em casa.

Joguei basquete por um tempo e apesar de alta e magra, não tinha agilidade nem talento para seguir carreira, desse modo, desviei meu olhar para outros rumos. Naquela época fazia-se trabalhos voluntários na Pastoral da Criança e foi através dela, que consegui uma oportunidade como Agente Comunitária de Saúde fazendo visitas nas comunidades, mediando os atendimentos entre a unidade de saúde e as pessoas. participei também dos Vicentinos (grupo religioso internacional), onde fazia visitas às pessoas, que estavam em condições de vulnerabilidade social levando alimentos e orações. A solidariedade me foi ensinada desde muito cedo pela minha família.

Conclui meu curso de enfermagem, mas em Miracema não consegui trabalho e por isso fui me aventurar na cidade do Rio de Janeiro. A sedução de receber um salário melhor e ter carteira assinada era uma realidade totalmente diferente daqui que nem salário pagava. As patroas justificavam que as sobras de comidas, roupas ou calçados surrados dados por elas era o complemento. Foi então que entrei em contato com minha tia avó Lurdes, pedindo para me arrumar um trabalho. Não demorou muito, fui para o Rio de Janeiro e me alojei na baixada fluminense em Duque de Caxias na casa da minha tia. Como o trabalho era na Barra da Tijuca, devido à distância, acertei o salário e ficou acordado que eu trabalharia de segunda a sexta-feira até as 13h da sexta-feira e depois seguiria para Caxias no final de semana. Levei esta rotina por 2 meses. Dormia entre as geladeiras, em uma cama de ferro com molas onde a metade das minhas pernas ficavam de fora da cama. Eu literalmente dormia na cozinha e tinha que levantar todas as vezes que queriam pegar algum alimento.

Certa vez uma moça que trabalhava ao lado vigiou a minha patroa sair e me chamou pelo muro. Eu estava passando roupas, levei um susto tremendo. Ela me indagou de onde eu era e quanto estava ganhando. Respondi que estava ganhando um salário e meio. Ela me disse que o valor que eu recebia era muito pouco e que era para eu ficar esperta, pois a última empregada que trabalhou ali ganhava dois salários e que eu teria que trabalhar não só para ela, mas também para a mãe dela. Percebi que era verdade, pois naquela mesma tarde minha patroa voltou com três trouxas de roupas para passar e alho e cebola para descascar para fazer tempero.

Naquele dia fui dormir bem tarde e acordei cedo e muito cansada no outro dia, e minha patroa já estava fazendo planos e inventando pratos para o final de semana. Ela era formada em fisioterapia e com apenas cinco sessões ela já conseguia pagar o meu salário. Questionei sobre as tarefas que a cada dia aumentavam mais, comparadas ao valor que ela estava me pagando, que era muito pouco. Ela se justificou dizendo que só poderia me pagar aquele valor.

Na sexta-feira fui para Caxias e ao conversar com minha tia sobre a situação, ela me orientou a não voltar para o trabalho já que o valor que havia sido combinado comigo não estava sendo pago, além das tarefas a mais que eu estava sendo obrigada a fazer. Na segunda-feira resolvi não retornar ao trabalho, já que minha tia já tinha em vista um outro emprego para mim, de acompanhante de idosos. Com o passar do tempo eu estava me sentindo cada dia mais cansada, não estava me adaptando ao ritmo da cidade grande e a saudade da minha mãe, irmã e avó só aumentava. Assim, resolvi voltar para a Princesinha do Norte como é carinhosamente conhecida minha cidade natal, Miracema. No retorno fui recebida com as “cutucadas” da minha avó, que antes de eu vir para o Rio já havia me dito: “Aqui em casa tem comida, lá é ilusão”. Era o jeito dela dizer: “Você foi porque quis. Eu avisei. Seja bem-vinda minha neta!”

Nesta ocasião conheci o pai da minha filha que trabalhava em Macaé embarcado. Ele me falou das oportunidades de trabalho que tinham por lá. Embora eu tivesse acabado de prestar o concurso de Miracema para auxiliar de enfermagem e ficado em trigésimo terceiro lugar, fui assim mesmo para Macaé. Lá tive a oportunidade de trabalhar na área da Educação em uma creche. Fiquei grávida, durante a gravidez tive pré-eclâmpsia e quase morri. A bebê nasceu antes do tempo e veio a óbito. Depois de um tempo consegui trabalho de Técnico de Enfermagem pela prefeitura e trabalhei por dois anos no Centro de Referência ao Diabético e nesse meio tempo, engravidai da minha filha Ana Júlia. Minha mãe e irmã revezavam para me ajudar a cuidar dela, enquanto o pai dela estava embarcado. Quando ela fez um ano, a matriculei na creche. Logo depois fui desligada do contrato para dar a vaga para os profissionais que tinham prestado concurso e passado. Fiz este concurso, porém minha pontuação não foi boa o suficiente para ser convocada. Eu gostava muito de trabalhar lá em meio a profissionais maravilhosos, que me incentivaram a fazer o Exame Nacional de Educação (ENEM).

Desempregada, passei a vender Natura e peças íntimas, pois não suportava a ideia de ficar pedindo dinheiro para meu companheiro. Sempre gostei de ter minha independência financeira e com este dinheiro pude me qualificar e trabalhar como técnico de enfermagem do trabalho. Esbarrei na falta de experiência, mas busquei a oportunidade de começar em outra área e trabalhei com serviços gerais. Era responsável por fazer café e limpar a base da empresa.

Meu objetivo era mudar de função assim que tivesse a oportunidade, então com três meses de trabalho duro fui promovida a Auxiliar Técnico de Enfermagem. Trabalhava em um canteiro de obras prestando serviços para a Petrobrás. Apesar de ser um ambiente masculino eles respeitavam as poucas mulheres que estavam ali. As estratégias para se livrar do assédio era manter a seriedade e a vestimenta o mais próximo das que eles usavam. O manequim dois números maior, bota biqueira de ferro e cabelo preso. Conversávamos pouco e acertado. Em alguns momentos era constrangedor ver que o trabalhador não tinha condições de trabalhar e mesmo assim o médico o mantinha no campo. Aquilo me incomodava, mas precisava trabalhar.

A questão de gênero influencia muito na vida. Quando se é mulher com filhos a situação fica ainda mais estreita. O salário era muito bom, mas trabalhar de domingo a domingo começou a ficar cansativo, exigindo demais a minha presença. Minha filha precisava de mim. Ela ficava o dia todo na creche e quando eu chegava em casa ela estava praticamente dormindo. Mesmo estando trabalhando na obra, agora como técnica de enfermagem do trabalho continuei estudando. Fiz o Enem, pois queria ter nível superior pois pensei nas possibilidades de ganhar mais e trabalhar menos. Coloquei como primeira opção Enfermagem e como segunda opção Pedagogia.

Tinha muita obra pela frente. A Enfermagem e os técnicos em segurança do trabalho eram os primeiros a chegarem e os últimos a saírem. Estava muito cansativo e eu sempre pedia muita ajuda a Deus para conseguir um trabalho de segunda a sexta-feira. Ele me ouviu! Fui chamada no concurso de Miracema para auxiliar de enfermagem, retornei para Miracema e assim minha filha pode conviver mais de perto com a minha avó e minha mãe. Também fui selecionada para cursar Pedagogia em Santo Antônio de Pádua em uma universidade Federal. Minha mãe ficou muito feliz, pois além de eu retornar para Miracema concursada, também iria cursar o nível superior. Eu não fui a primeira filha a entrar na universidade, minha irmã Antoniolle já estudava lá e desenvolveu a pesquisa sobre a questão da identidade do negro em Miracema.

1.2 O DESPERTAR!

A universidade me colocou em contato, antes de tudo, com a questão racial e em seguida, em contato com disciplinas específicas sobre a questão e com professoras e professores negros, pesquisadores da área. O primeiro encontro é de inquietação, depois de entendimento da realidade local e global. Mas chegou o momento que desenvolvi uma necessidade orgânica de me

debruçar sobre a questão, em especial na região onde a universidade está localizada, marcada ainda pelo coronelismo, por um racismo que está longe de ser sutil e por histórias de mulheres negras que tiveram sua escolarização interrompida, mas que, com a chegada da universidade em Santo Antônio de Pádua, essas mulheres puderam ser inseridas no espaço acadêmico e no caso das novas gerações, puderam ingressar no ensino superior sem serem forçadas a uma interrupção dos estudos após o ensino básico. Entendo assim, a universidade pública no interior como um dos fatores de despertamento e potencialização de militância e intelectualidade da mulher negra inserida em tal contexto.

No curso de Pedagogia me reencontrei, fui mediadora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, (PIBID) sob a coordenação da Professora Maria Goretti Andrade Rodrigues. O grupo de estudo nos fortalecia, a inclusão era importante, mas a questão racial também. Cheguei a participar de algumas reuniões do grupo AZANIA com a Professora Joanice Santos Conceição, onde tivemos a oportunidade de visitar o quilombo em Natividade para compreender como era a educação que aquelas crianças recebiam. Foi fantástico! Não conseguia me fazer presente em todas as reuniões, pois como pertencia à classe trabalhadora que se equilibrava entre o trabalho, estudo, estágio e afazeres de casa, ficava complicado participar das reuniões devido aos horários. Na minha turma eu estava entre as mais velhas, mas tinha sede de aprender. Gostava de assistir às palestras, e foi em uma dessas atividades que tomei conhecimento do cemitério dos pretos novos. O professor Júlio Cesar Medeiros organizou uma atividade e tivemos o privilégio de ter uma aula passeio no centro do Rio de Janeiro e uma oficina no Instituto dos Pretos Novos (IPN). Foi maravilhoso e uma grande oportunidade para alguns alunos que estavam ali e nunca tinham ido até a Capital.

Nem tudo foram flores e o medo de não conseguir muitas vezes rondou meus pensamentos. Lembrei que falei que iria parar de estudar para ter mais tempo para ficar com minha filha. Minha avó estava alinhavando uma roupa e me disse: “Para mesmo! Ela precisa de você! Ela vai crescer e vai precisar de você. Quando se casar vai precisar de você! E os netos, vão vir?” Respondi: “Já entendi! Ela sempre vai precisar de mim.” Então de vez em quando levava ela pra faculdade. Ela se divertia, gostava de ficar correndo pelo corredor, interagia com alguns professores e alunos. A Universidade ultrapassa os muros e foi lá que tomei conhecimento do Fórum Estadual de Mulheres através do meu orientador Rolf Malungo de Souza. Sua esposa, Cristiane Malungo de Albuquerque Souza me convidou para participar de reunião na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj). Lá tive contato com várias mulheres negras de vários municípios, que também estavam se posicionando sobre as

desigualdades enfrentadas por elas e cheguei à conclusão que as histórias das mulheres negras se intercruzam quando se fala de racismo e violação de direitos. A Universidade Federal Fluminense, (UFF) enquanto espaço de extensão cedeu o lugar para fazer uma reunião de chamamento para a Marcha das Mulheres Negras¹, que aconteceu no último domingo de julho de 2017. Assim, no dia 20 de julho foi realizado um encontro conduzido por Ana Gomes e Elaine Pacheco.

Naquele encontro estavam presentes mulheres das cidades de Miracema e Santo Antônio de Pádua, e apesar da ampla divulgação no Noroeste Fluminense pelas redes sociais, por motivos diversos apenas estas cidades tiveram representantes. Saímos de lá com a missão de falar sobre a importância da III Marcha das Mulheres Negras do estado do Rio de Janeiro, que naquele ano de 2017, tinha como tema “Mulheres Negras no Centro do Mundo”.

Foi muito bom estar na orla de Copacabana, reivindicando os direitos, vendo a união daquelas mulheres e crianças, que assim como minha filha, também estavam presentes na luta. As reivindicações são legítimas diante das disparidades em que são postas as mulheres negras com relação às brancas. Mais do que um encontro onde reuniu diversas mulheres negras e não negras, também foi um momento para revigorar as energias, de se reconhecer e compreender que não estamos sozinhas, apesar da distância, pois é na luta e na reivindicação de direitos que nossas histórias se assemelham. A orla de Copacabana se tornou um espaço político de visibilidade para gritarmos contra o racismo, contra o sexism e contra a violência, de modo que esse grito ecoe nos ouvidos daqueles que redigem as leis, para que eles compreendam que existimos, apesar de quererem nos apagar. Neste dia, segundo Cristiane Souza (2021):

A Marcha é um grande encontro anual no qual celebramos, compartilhamos e publicizamos nossas trajetórias, confrontos, conquistas, como também nossas perdas e dores. Ela materializa nossas lutas coletivas e sua construção vai ganhando vida em cada ação realizada pelas pretas nos seus territórios, nas suas comunidades religiosas, no diálogo com o poder público, nos espaços educacionais, de trabalho, nas nossas produções culturais, políticas, nas nossas relações afetivas e familiares. (SOUZA, 2021.p.19)

1.3 MULHERES NEGRAS ESTÃO SEMPRE EM MARCHA

¹- O Dia da Mulher Negra, Latina e Caribenha foi instituído em 1992, no 1º Encontro de Mulheres Afro-Latino-Americanas e Afro-Caribenhais, na República Dominicana. A data surgiu para dar visibilidade à luta das mulheres negras contra a opressão de gênero, a exploração e o racismo. No Brasil, desde 2014, comemora-se em 25 de julho o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, em homenagem a líder quilombola que ajudou comunidades negras e indígenas na resistência à escravidão no século XVIII. A data não tem como objetivo festejar: a ideia é fortalecer as organizações das mulheres negras em defesa de direitos e por uma sociedade antirracista, antissexista e mais justa. Fonte – Fiocruz – <https://portal.fiocruz.br/noticia-celebra>

Após concluir minha graduação em Pedagogia, tentei um processo seletivo para uma Pós-Graduação Lato sensu em Cultura, Patrimônio e Educação: Diálogos no território. Ofertado pelo Instituto Federal Fluminense, Campus Santo Antônio de Pádua. Na ocasião fiquei de fora da classificação por meio ponto e isso me deixou muito mal e que me fez perder até a vontade de escrever. Era uma graduação em um instituto federal e por não conseguir, fiquei me questionando, que talvez a minha pesquisa desenvolvida sobre Caxambu não era tão boa assim. Nunca fui aluna nota dez, mas naquele momento eu só pensava como aquelas pessoas que estudaram comigo e que tinham mais dificuldades que eu, estava lá? Eis que um dia conversando com uma amiga, a Natasha, ela me falou da síndrome da impostora². Como foi difícil reconhecer que ela estava certa e o mais difícil foi enxergar a minha potencialidade. Então tracei estratégias para me reconectar e quando enviei o meu primeiro resumo para o Seminário Sankofa, o meu trabalho foi aceito e tive a oportunidade de apresenta-lo a diversos pesquisadores, com temáticas pautadas nas questões raciais. Saí de lá reluzente.

Mais tarde recebi um telefonema da secretaria de saúde, que me fez a proposta de ser cedida para a Secretaria de Assistência Social como Pedagoga e eu aceitei na hora. Fiquei feliz, pois era uma oportunidade de atuar em um espaço não escolar, dialogando com mulheres, crianças e jovens no serviço de convivência.

Enquanto orientadora social pude observar qual era o público predominante preto e pardos, que recorria a tal serviço e o quanto era doloroso presenciar a decepção no olhar daqueles que recorriam à ajuda e não tinham suas demandas atendidas. “Foi lá que vi as lágrimas deslizarem nos olhos dos pobres. Como é pungente ver os dramas que ali se desenrolam” (JESUS, 2014. p.42). As pessoas em situação de vulnerabilidade social não escolhem estar passando por essa situação. São frutos das desigualdades e do racismo tão presentes no cotidiano.

Neste período realizava atividades pedagógicas lúdicas com as crianças, levando-as a pensar em um mundo além do espaço territorial onde moravam. A violência presente no cotidiano daquelas crianças, na maioria das vezes se refletia na impossibilidade de ir e vir, e na limitação de sonhar com um futuro melhor.

² - A síndrome da impostora é uma desordem psicológica que, apesar de não ser classificada como doença mental pela Organização Mundial da Saúde (OMS), é bastante estudada. De acordo com o Instituto de Psicologia, essa síndrome afeta principalmente mulheres, e é caracterizada por pensamentos que reforçam a perda de confiança em si e a sensação de que o sucesso atingido não foi merecido. Fonte- <https://www.ip.usp.br>

O Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), enquanto espaço não escolar me possibilitou trabalhar com os saberes populares através de reuniões realizadas com as mulheres, onde dialogávamos com o sentido e a busca pela emancipação, encaminhando-as para os cursos de qualificação. Muitas mulheres se sujeitam ao círculo de violência doméstica por não terem a sua independência financeira ou por não terem completado os estudos, mas por outro lado, eram possuidoras da leitura de mundo, a sabedoria popular.

Neste período tive a oportunidade de fazer um curso de extensão ofertado pelo Grupo Pipas de Pedagogia Social na Universidade Federal Fluminense (UFF), fazíamos as leituras e discussões pelo WhatsApp e um encontro presencial mensalmente. As vulnerabilidades, a proteção e a preocupação com relação à violação dos direitos da criança e do adolescente eram os temas centrais e foi através desses aprofundamentos teóricos que publiquei um relato de experiência sobre um determinado jovem que cumpria medida socioeducativa no Caderno da Jornada de Educação de Estudos Não Escolar e Pedagogia Social- (UERJ/FFP). A invisibilidade e a marginalidade em relação ao povo negro são históricas e muito das vezes é perpetuada por pessoas que atuam nos equipamentos. O olhar de condenação é evidente quando deixam de nomear o adolescente pelo seu nome de batismo e passam a identificá-lo como o menino da medida. A reincidência na vida desse adolescente é comum e as políticas públicas não conseguem acabar com este círculo de violência a que eles são submetidos.

1.4 A TOPADA MACHUCA, MAS NOS IMPULSIONA

Eu saí da universidade, mas ela não saiu de mim. O ano novo que tinha começado, me trouxe uma surpresa: no final das minhas férias precisei retornar para a saúde. Uma nova equipe estava sendo formada com o retorno da nova secretaria de assistência social. Geralmente as pessoas querem ter profissionais da sua confiança ao seu lado, e nesse contexto, uma mensagem enviada pela subsecretaria mexeu com meus brios, pois na mensagem dizia que: “Uma pessoa iria assumir o meu lugar e essa pessoa seria um Pedagogo”. Na hora eu pensei: “E eu não sou?” Agradeci a informação e retornei para a saúde. Mais tarde, a mesma, entrou em contato pedindo que eu saísse do grupo do WhatsApp para incluir mais pessoas. Respirei fundo e disse: “Faça o que é preciso fazer. Não fique acanhada. Da mesma forma que você me incluiu no grupo, faça um favor para nós duas e me tire! Nina Simone (1965) vai dizer que: Você tem que aprender a levantar-se da mesa quando o amor não estiver mais sendo servido.

Aquela situação mexeu muito comigo. Fiquei pensando o que teria feito de errado, mas quando se tem a marca indelével, fica difícil permanecer nestes espaços, onde o pacto da branquitude se evidencia na constituição das equipes. Não importa se você é capaz, o que vai prevalecer é a proteção que eles fazem entre eles; fruto também do jogo político. E quem era eu? Apenas uma mulher negra que buscava o meu espaço, exercendo a minha formação, na teimosia da sombra da invisibilidade.

Em uma conversa com a Cristiane Malungo ela disse que é preciso sentar-se em outras mesas, tentar o mestrado. Foi muito complexo, mas em meio às dores e pandemia iniciei minha caminhada, submeti o primeiro projeto para a UENF, mas não passei na entrevista. O professor Eduardo Quintana disse que era assim mesmo e que era para eu tentar no próximo. Adequei meu projeto e enviei para FEBF e também não foi selecionado. Recebi o edital da UFF e no ato da inscrição esqueci de enviar um documento e não consegui a isenção. Naquele momento não tinha como pagar a inscrição. Entre as tentativas para ingressar no mestrado, eu me inscrevi como ouvinte no CEFET, na disciplina da professora Fátima Lima. Foi muito bom! A cada aula eu me fortalecia, embora parecesse que eu iria enlouquecer, pois minha mãe estava internada e entubada, com COVID e eu de mãos atadas, mas pensando como ela iria ficar feliz se eu fosse selecionada para o mestrado. Ao longo da história aprendemos com os mais velhos a tecer redes de afetos e sermos estratégicos. Com este pensamento, a Christiane Malungo Souza de Albuquerque criou um grupo no WhatsApp para leremos os editais de mestrado e compreender como era aquela dinâmica e a capacidade que tínhamos de adentrar naquele espaço. O professor Rolf Malungo de Souza se juntou ao grupo também e sempre reforçava a importância de não desistirmos caso a primeira porta não se abrisse.

Confesso que tinha muito medo e um sentimento de não pertencimento. A Christiane dizia: “Vai com medo mesmo!” O Rolf meu antigo orientador, também dizia que, se eu não conseguisse daquela vez, para tentar novamente e não desanimar. Assim, quando saiu o edital do CEFET eu enviei meu projeto, passei em todas as etapas, porém fiquei excedente. A pandemia havia ceifado tantas vidas e entre as leituras eu só pensava na minha mãe que estava lutando pela dela e no risco de contaminar minha filha e meu companheiro, pois estava trabalhando. A enfermagem estava na linha de frente. A romantização com relação a mulher negra é generalizada, nos veem como guerreiras, imunes à dor. Marcele Oliver (FALAS NEGRAS, 2022) vai dizer que: “As pessoas precisam normalizar a fragilidade que atravessa mulheres negras e entender que ser potência não tem a ver com não sentir dor, e sim sobre sentir e não recuar”.

Eu precisei canalizar a minha dor na escrita, o que me impulsionou a submeter meu pré-projeto para a Rural. A pandemia trouxe oportunidades, fiz todos os trâmites online. E quando saiu o resultado que eu tinha sido selecionada, foi uma alegria enorme. Como eu chorei de felicidade... Passou um filme na minha cabeça com relação às mulheres negras que vieram antes com [...] a teimosia de quem segue na luta (MALUNGO, 2022) desbravando os espaços com suas estratégias e insurgências. Deste modo Christiane Malungo vai dizer que:

Assim como nos ensina o Adinkra Sankofa, nossos pés continuam firmes no chão, ajudando-nos a entender que os passos que vêm de longe nos dão elementos para enfrentar o presente, são nossas raízes que nos impulsionam ao futuro, junto com todas aquelas que abriram os caminhos e que ainda hoje se perpetuam nas nossas existências. (MALUNGO, 2022 p.58.)

Sou grata, pois o acolhimento que recebi no Fórum Estadual de Mulheres Negras me proporcionou reconhecer-me enquanto mulher negra, que tinha capacidade de entrar e permanecer nos espaços institucionais que por vezes nos excluem e nos adoecem.

O período de adaptação no mestrado não foi fácil: ter que assistir as aulas e dialogar. Sentia que o que eu falava não era relevante. Mas Beatriz Nascimento (2007) me mostrou o inverso quando diz que é preciso falarmos de nós mesmos. Deste modo sabemos que as desigualdades, o racismo, o sexismo, permeiam a existência da mulher negra que, apesar da luta solitária na universidade, vai se descobrindo como ser pensante, capaz de dialogar e produzir conhecimento, autonomia, ou seja, uma forma de exercer poder, e assim como nos ensina bell hooks (2006), “aprendi que é preciso tomar posse do território intelectual. Pois só assim vamos alcançar uma compreensão dialógica”.

2-CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA, O OBJETO E OS OBJETIVOS

O pré-projeto apresentado como requisito para o mestrado era identificar e analisar os impactos da interiorização da UFF e do Sistema de Cotas na vida e na subjetividade das discentes negras, mas em conversa com a professora Joselina resolvi muda-lo, pois naquele mesmo dia, vi uma professora negra, a dona Benedita Josefina Oliveira da Silva, a qual eu não via há muitos anos. Estar ali diante dela, me trouxe muitas lembranças da minha infância. Ela, apesar de não ter ministrado aulas para mim, fez parte da minha formação quando realizei estágio no Instituto de Educação de Miracema (IEM). Ela se destacava por ser uma das poucas professoras negras e pela qualidade das aulas. As questões de gênero e raça ainda são elementos centrais da pesquisa. Ao idealizar o projeto, tínhamos pensado em pesquisar duas cidades que

seriam Miracema e Santo Antônio de Pádua. Então a pesquisa foi estruturada para estas duas cidades mencionadas.

Os **sujeitos da pesquisa** foram professoras negras atuantes nos municípios de Miracema e Santo Antônio de Pádua. Foram entrevistadas 3 professoras em cada cidade totalizando 6. Buscou-se compreender as suas trajetórias e quais estratégias elas utilizaram para atuar no ambiente escolar. **Objetivo:** analisar quais foram as trajetórias dessas mulheres negras professoras no magistério, contrariando as estatísticas do lugar da subalternidade, que geograficamente era destinado a elas. A oportunidade de dialogar com mulheres negras me inspira a prosseguir estudando de modo que, a minha circularidade nos espaços de poder e a minha presença possam romper com as estruturas e estereótipos que nos desqualificam enquanto mulheres negras e intelectuais. Deste modo, abrindo caminhos para dialogar, na busca de novos elementos na disputa de narrativas e epistemologias que se estabelecem no espaço acadêmico. (Kilomba,2019).

1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto à metodologia, a pesquisa é do tipo qualitativa pois traz a história de vida das mulheres negras. Foi realizada uma revisão bibliográfica com autores que ajudaram a fundamentar a pesquisa, alinhada às análises das entrevistas semiestruturadas que se iniciou em 2021 com as três professoras de Miracema e entre 2022 e 2023 com as professoras do Município de Santo Antônio de Pádua em um intervalo significativo, dada as circunstâncias particulares de cada uma, as incompatibilidades de horário, entre outros fatores. Apesar das contrariedades, o meu interesse em entrevista-las não diminuiu, pelo contrário, o rememorar das suas memórias contribuiu ainda mais para o desenvolvimento da pesquisa. Segundo Goldenberg M. (2004, p.13), pesquisa é um processo em que é impossível prever todas as etapas. Deste modo há de se pensar e traçar possíveis estratégias no decorrer da pesquisa científica. Trajetos possíveis que dialoguem com a realidade social, e de modo crítico.

A escolha das docentes de Miracema se deu por uma conversa informal com as minhas irmãs. Entre as três professoras participantes da pesquisa duas foram minhas professoras e a terceira, fui estagiária dela na época que fiz o curso normal. No que tange às professoras de Santo Antônio de Pádua, a primeira entrevistada foi indicação da Carla Iolanda, mulher negra e assistente social; a segunda professora foi indicação do Professor Eduardo Quintana atuante na UFF/INFES - Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior e a última indicação

foi do professor Vanderli Campos Pimenta, residente do município de Santo Antônio de Pádua e professor e orientador pedagógico do Instituto de Educação de Miracema (IEM).

3-SITUANDO AS CIDADES DA PESQUISA

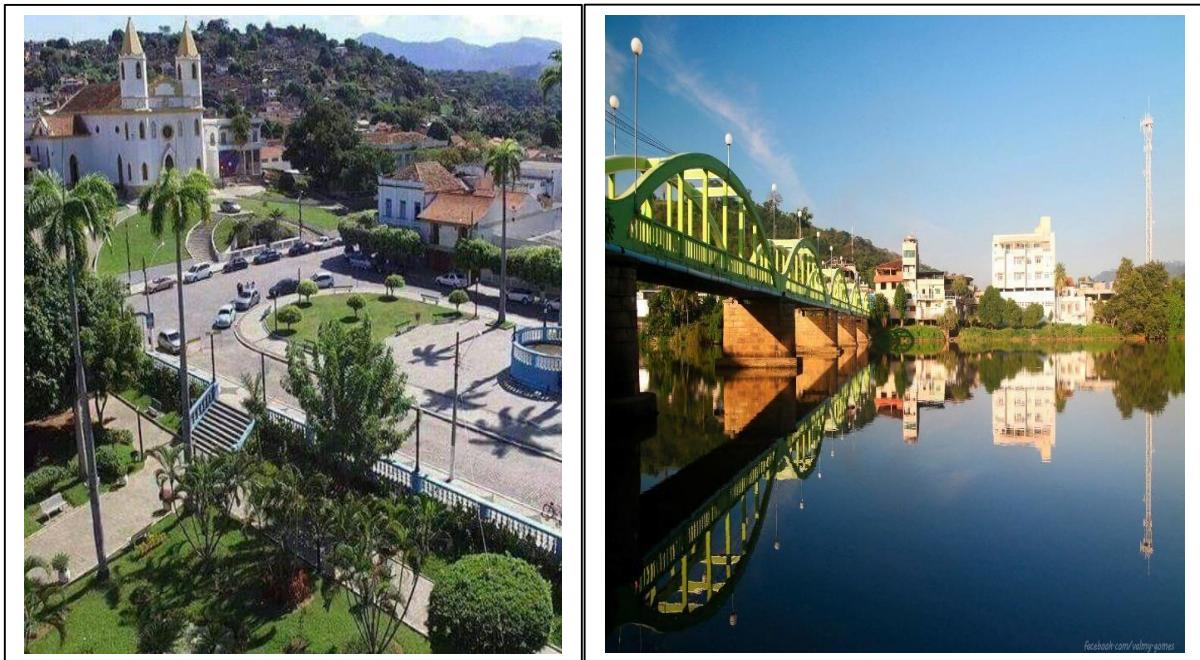


Foto 1 e 2: A esquerda cidade de Miracema, a direita cidade de S^a. Antônio de Pádua (retirada do Google)

1.2 MIRACEMA



Imagen 1: Localização de Miracema no Rio de Janeiro (imagem retirada do Google)

A cidade de Miracema está localizada no Noroeste Fluminense, interior do estado do Rio de Janeiro estando a aproximadamente 289km de sua capital. O município tem 303,353 km² de área total, tem como padroeiro Santo Antônio e teve uma crescente estrutura econômica no período do café. Atualmente a sua economia está em declínio e população sobrevive de pequenas indústrias e do comércio local. A população em 2022 foi estimada em 26.881 pessoas, com densidade demográfico de 88,64 por habitantes. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,713 o que nos faz refletir sobre a qualidade de vida da população, que está distante do esperado que varia entre (0 e 1). É importante ressaltar que a cidade possui 21 escolas de Ensino Fundamental (6 a 14 anos) e 8 escolas do ensino médio (a partir dos 15 anos). Em 2021 a educação ficou em primeiro lugar no estado do Rio de Janeiro no Índice da Educação Básica (IDEB) com nota de 7,2 nas séries iniciais com relação aos anos finais do Ensino Fundamental com média 6,0, ficando em primeiro lugar a nível estadual, da rede pública. Uma conquista importante para um município que está localizado em uma região que traz os níveis de desigualdade acentuada em relação aos outros municípios do país, ocupando a posição de 5570º em 2021.

1.3 SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA



Imagem 2: Localização de Santo Antônio de Pádua no Rio de Janeiro (imagem retirada do Google)

O município está localizado também no Noroeste Fluminense no interior do estado do Rio de Janeiro, fazendo divisa com Miracema, sendo nomeada de Santo Antônio de Pádua em homenagem ao seu padroeiro (Assad, 2022). Estando a aproximadamente 256 km de sua capital, o município tem aproximadamente 603.633 km² de área total. No ano de 2022 a população foi estimada em 41.325, e a densidade demográfica 68,46 por habitantes. Atualmente

é um dos principais municípios com uma vasta indústria de papel e pedras decorativas que são transportadas para vários lugares do país. O município possui 25 escolas do ensino fundamental com faixa etária (6 a 14) e com relação ao ensino médio o número de escolas é de 12 com idade a partir dos 15 anos. Em 2021 ficou em 5º lugar a nível de estado (IDEB) Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, nos anos iniciais do ensino fundamental com média de 6,2 da rede pública. Estes dados ressalta a importância dos professores na educação básica, mas nos alerta que eles não estão sendo valorizados como deveriam. Atualmente a classe luta na justiça para receber o piso nacional da educação.

4-RAÇA, RACISMO E EDUCAÇÃO

A questão racial constituiu-se como campo de conhecimento que comporta em si infinitas temáticas, dada à dimensão do que representa o povo negro na história das sociedades e no desenvolvimento delas. Um campo de conhecimento que se encontra em massiva produção na tentativa de arrancar e assumir espaços que se constituíram também por mentes e mãos negras, mas que foram apagadas pela hegemonização de uma concepção política, ideológica, econômica e cultural etnocêntrica.

Umas das temáticas que têm se apresentado urgentes dentro desse campo é, de acordo com Silva (2010), a intersecção de racismo e sexism, de forma mais clara, a relação entre as desigualdades raciais e a condição imposta à mulher negra, que numa escala de ascensão se encontra em gritante desvantagem nos diversos setores sociais. Pensar em professoras negras no interior no estado do Rio de Janeiro é também elaborar sobre suas trajetórias pessoais, suas atuações na educação e as subjetividades presentes nestes dois ambientes (SILVA, 2021).

Munanga e Gomes (2006) entendem que é imensa a distância que separa brancos e negros no Brasil e acredita que uma das formas de tentar solucionar este problema é o sério investimento em políticas públicas direcionadas a Educação, principalmente da população excluída desse direito. Nilma Lino Gomes destaca que é importante discutir as dimensões estruturais de raça, de gênero e que estas operam em conjunto. E que no Brasil o fenômeno da negação com relação ao racismo é muito presente em todas as dimensões. Deste modo as desigualdades existentes ainda atualmente são frutos do período colonial e que as pessoas têm muita dificuldade de compreender que a questão racial, de gênero e social são relevantes e que impõe barreiras na vida das pessoas negras.

Assim, ela eleva a importância do Movimento Negro como agente de luta, em defesa do negro, que ao longo do tempo foi se ressignificando na sociedade. Eles sempre fizeram denúncias da opressão entre os negros que a vivenciavam. Que era preciso integrar os não brancos na sociedade, que eles precisavam estudar para melhorar sua condição (GOMES, 2017). Sempre combativo em suas ações o Movimento negro sempre buscou mostrar as possibilidades de uma educação antirracista, onde a subjetividade do negro pudesse ser respeitada e que as oportunidades não chegavam para o negro que estava em total miséria (GOMES, 2007)

A representação do negro na sociedade foi repassada como coadjuvante, porém sabemos que o desenvolvimento do país se deu graças a força de trabalho do negro, que era humilhado constantemente. Os africanos que foram escravizados eram tratados como coisas. Muitos que chegaram aqui, vindo do seu continente de origem, tinham uma história, realizavam atividades para além da subalternidade e tinham profissões. O corpo negro, que chegou, trouxe muitos conhecimentos que foram explorados para beneficiar os dominadores. Segundo Henrique Cunha (2005):

Os africanos vieram com conhecimentos técnicos e tecnológicos superiores aos dos europeus e aos dos indígenas para as atividades produtivas desenvolvidas no país durante o período de Colônia e Império, o que tornou esta mão-de-obra africana responsável pelas atividades de trabalho desenvolvidas durante este período histórico. Em todos os campos, da agricultura à mineração, à manufatura, à pesca e ao comércio, o Brasil é em grande escala consequência do conhecimento e da experiência histórica dos africanos, trazidos à força, como cativos, capturados em diferentes regiões da África, e em diferentes épocas. Temos que lembrar que esta imigração forçada durou quase quatro séculos e trouxe mais de seis milhões de pessoas. (CUNHA,2005. p.249)

O Brasil constituiu suas riquezas às custas do povo negro, sua história foi apagada. Com a justificativa de que os não brancos eram inferiores, suas ações foram organizadas pelas teorias racistas utilizadas pelos europeus para colonizar aqueles que eles julgavam medíocres culturalmente. Tal julgamento nos mostra a arrogância deles em se colocarem como superiores diante de outros entendimentos do qual eles não compreendiam.

Diante de tantas desigualdades no Brasil entre brancos e negros onde a negação do racismo é perpetuada, se faz importante combatê-lo, pois as atitudes dos racistas nos desqualificam enquanto seres humanos. Dentro desta constatação há uma hierarquização do branco com relação ao negro.

O mito da democracia racial que é a negação do racismo ainda é muito presente aqui no Brasil, os discursos giram em torno de uma igualdade inexistente, com a perpetuação total de que vivemos em harmonia de condições, o que não é verdade. O fato de vermos poucos negros

em cargos de gestão, as mulheres negras em sua maioria ocupando trabalhos subalternos e recebendo os menores salários é um dos indícios de que esta conta não fecha. Esta democracia harmônica, na verdade esconde a real história de sofrimento e dor em que os africanos e os povos originários foram submetidos.

A identidade racial do negro é forjada com dificuldades, ele, dentro da base estrutural, se faz presente na última esfera (GOMES, 2017). Tudo que é ligado a ele é visto como ruim; a sua cultura, religião e sua existência são consideradas como esdrúxulas. Esta negatividade se manifesta nas relações cotidianas, através de xingamentos, hierarquizando-os, não tendo uma presença significativa de pessoas negras nas universidades, ainda estarem em sua maioria exercendo trabalhos subalternos e não os reconhecendo em pé de igualdade. Essas situações não causam estranheza nas pessoas, ao contrário, elas consideram normal, pois o racismo no Brasil opera no sentido de manter os não brancos nas condições de invisibilidade, enquanto os brancos ocupam os trabalhos considerados de prestígio. Passando a falsa ideia de que os negros não se esforçaram o suficiente para estarem no mesmo lugar de direção e coordenação que os distanciam do trabalho subalterno.

Nilma Lino Gomes, cita a educação como estratégia para superação das desigualdades, porém reconhece que nos ambientes escolares por vezes contribui para silenciar os negros. Sua estética vai ser recusada, ou seja, o lugar que deveria combater o racismo vai perpetuá-lo. O patriarcado e o capitalismo vão influenciar na mobilidade do negro, que vai ter sua existência em todos os lugares institucionais, indesejada, sendo alvo da violência que o racismo reproduz e que causa sua morte (GOMES, 2017)

Dito isso, o movimento negro educa e luta pela emancipação, pelo direito de viver enquanto pessoa capaz de estar na sociedade com sua singularidade (GOMES, 2017). Compreendendo que a luta antirracista é de todos. Que a lei 10.639/2003, vem para quebrar os estereótipos imputados aos negros como a inferioridade e a ausência das histórias das insurgências. Cabe as escolas públicas e privadas incluírem nos currículos oficiais uma nova história que não foi contada na perspectiva das lutas e do protagonismo dos negros.

Mas quando olhamos o passado percebemos que a agrura que está no presente, no dia a dia, de todos nós, dificulta entendermos de que maneira o racismo se manifesta (MUNANGA, 2010). O nosso racismo à brasileira tem suas artimanhas para negá-lo, quando dizem que “não são racistas”, que as pessoas de outros países que são (MUNANGA, 2010). Esta negação, é a materialização da “democracia racial brasileira “que funciona como um mantra poderoso, que se tornou uma verdade absoluta.

Diante dessa constatação o racismo se torna complexo, sua rotatividade se modifica ao longo do tempo. Sua performance é múltipla em diversas situações, assim é difícil identificá-lo a partir de uma única ótica. A raiz das desigualdades sociais tem origem de classe, de gênero, religião, etnia (MUNANGA, 2010). Em suma as adversidades existentes na sociedade são sociais, também os preconceitos e discriminações raciais. Segundo Kabengele Munanga (2010) “As pessoas querem dizer, está claro, que o preconceito racial no Brasil é provocado pela diferença de classe econômica e não pela crença na superioridade do branco e na inferioridade do negro.” (MUNANGA, 2010. pág.3)

Assim, o preconceito racial é disseminado devido a situação econômica dos negros, em vez de assumirem que esta condição se configura pela falsa superioridade dos brancos sobre o negro. O que cai por terra, a ideia de que vivemos em uma democracia racial.

O que nos distingue enquanto seres se torna a base para a constituição de diversos tipos de preconceitos, que se manifesta nas correntes ideológicas. Estas ideologias nutrem as práticas de discriminação baseadas nas diferenças.

Essas diferenças são ampliadas nas sociedades humanas, mostrando a existência dos diversos preconceitos. Em algum momento da nossa existência vamos ser alvos dos preconceitos, pois este está internalizado nas diversas sociedades pelo mundo (MUNANGA, 2010).

É preciso reconhecer as diversas manifestações culturais dos grupos existentes no mundo. Assim diversas etnias vão ser valorizadas e a partir daí suas identidades respeitadas. Ninguém se sentiria parte de uma comunidade, de uma nação, se no decorrer da aprendizagem e interação, não fossem introduzidos os conceitos e as tradições favoráveis desses grupos de pertencimento. Dentro desta perspectiva podemos compreender que assim o etnocentrismo passa a ser uma função positiva no seu grupo e com relação aos demais (MUNANGA, 2010).

Deste modo é célere que se pense em uma nova educação, que abarque a pluralidade inserindo gênero, raças, etnias, classes, religiões, sexo, etc., juntas no ambiente escolar. Assim, ao se pensar em pedagogia inclusiva [...] que enfatize a convivência pacífica e igualitária das diferenças numa sociedade plural como a nossa (MUNANGA, 2010), deste modo é preciso ter um olhar amplo para as diferenças e acolhê-las.

Sabemos que existem diversos tipos de preconceitos e diferentes formas de discriminação: social, econômica, de raça, cultura, nacionalidade etc. Essas discriminações se manifestam pela evitação, rejeição, agressão, segregação e tratamento desigual. Muitos deixam

de frequentar certos espaços físicos pois se recusam estar com grupos diferentes do que o seu. Evitam os nordestinos, negros, judeus e homossexuais (MUNANGA, 2010).

Esse grupo que geralmente são evitados por conta das suas diferenças como os negros, com os cabelos crespos, gordas, são os alvos das brincadeiras de mau gosto, de piadas. Estas atitudes realizadas contra estes grupos são vistas pela sociedade em geral como algo recreativo, ou seja, engraçado. Isso significa que o humor construído a partir de estereótipos raciais produz o mesmo efeito que discursos culturais e políticos destinados a reproduzir a opressão racial (MOREIRA, 2019, pág.65). Assistimos alguns episódios durante partidas de futebol onde os jogadores são hostilizados por palavras de ordem como macaco. Para quem está proferindo estas palavras soa como engraçado, mas quem as ouve é agressão física, pois retira a humanidade que ela possui e passa a ter a [...]

presunção de que apenas pessoas brancas são merecedoras de respeitabilidade social porque só elas devem ser consideradas como agentes capazes de atuar de forma competente no espaço público, o que, no contexto da modernidade, é um requisito fundamental para o reconhecimento da plena humanidade dos indivíduos (MOREIRA, 2019. Pág.65).

Aqui no Brasil e em alguns países da América do sul, a segregação com relação ao critério da raça e do controle social, se assemelham, o que não acontece quando pensamos na segregação institucionalizada por leis que regulamentaram os países citados (MUNANGA, 2010).

Baseado nesta conjuntura, o racismo institucional, segundo Jurema Werneck se constitui como: “Um modo de subordinar o direito e a democracia às necessidades do racismo, fazendo com que os primeiros inexistem ou existam de forma precária, diante de barreiras interpostas na vivência dos grupos e indivíduos aprisionados pelos esquemas de subordinação desse último” (WERNECK, 2013, pág.13)

O que nos faz entender que fator racial, de gênero e a classe social influenciam na visão e atitudes das pessoas (MUNANGA, 2010). Relacionando com as políticas, percebemos que um determinado candidato às vezes tem ótimas propostas, mas não se elege por conta dos marcadores citados acima.

Por esta razão, hoje atualmente podemos compreender o que, de fato, se tornou o Brasil após a abolição legal da escravidão que, na realidade concreta resistiu e até hoje enfrentamos e sangramos por causa desse “ranço escravagista” (MUNANGA; GOMES, 2006), que ceifa violentamente vidas negras e as impõe limites para ascensão e superação das desigualdades resultantes do racismo estrutural.

No entanto, também após a Lei Áurea, “o processo de luta e resistência negra ganhou outros contornos” (MUNANGA; GOMES, 2006). Muitos tombaram para deixar-nos um legado de resistência como, por exemplo, o Movimento das Mulheres Negras que destaca a articulação entre raça e gênero dentro das relações étnico-raciais na sociedade brasileira de um modo geral e dentro dos movimentos sociais em específico. (MUNANGA; GOMES, 2006).

O corpo negro, a circular em um ambiente para além da subalternidade traz interrogações que, na maioria das vezes vem carregada de estereótipos que desumanizam e inferiorizam. Estes estigmas influenciam e determinam a circularidade e em que posição social ele deve ocupar. Com relação a mulher negra, ela está sempre na última camada da pirâmide social. Segundo Gonzalez:

“O destino da mulher negra no continente americano, assim como de todas as suas irmãs da mesma raça, tem sido, desde a sua chegada, ser uma coisa, um objeto de produção ou de reprodução sexual. Assim, a mulher negra brasileira recebeu uma herança cruel: ser não apenas o objeto de produção (assim como o homem negro também a era), mas mais ainda, ser um objeto de prazer para os colonizadores”. (GONZALEZ, 1982.p.35).

A mulher negra sofre diversos tipos de violência e neste contexto vem acompanhado pelo racismo estrutural, que ramifica e se perpetua diante da sociedade que é beneficiada com a exploração a que ela é submetida. Assim, para compreendermos a situação aqui exposta destacamos Lélia Gonzalez, que é referência para feminismo negro com os seus escritos relativos, que nos faz compreender as representações da mulher a partir dos olhares estereotipados, sendo expostas a interseccionalidades. Segundo ela, o racismo e o sexism assumem a desumanização e fortalece as ideologias hierarquizando as raças. Nesta lógica, a questão de gênero atuou na distribuição geográfica do labor da população negra.

Às mulheres negras, não foram dadas o direito de escolha. Desde à época da escravidão o seu corpo tem sido explorado e assim, a reproduutora desde então sobrevive a uma jornada exaustiva de trabalho pesado no campo, exercendo as mesmas atividades que os homens. Já como mucamas, as atividades de limpeza, fazer a comida e alimentar os filhos da senhora com seu leite, saciando os desejos do senhor ou iniciando sexualmente os jovens da casa (GONZALEZ, 1982).

Desde a falsa abolição da escravatura o povo negro sempre resistiu as diversas formas de opressão que foram submetidas. O negro agora como homem livre é visto como problema e passa a ter características que os desqualificam como pessoas, vistos como preguiçosos e irresponsáveis (GONZALEZ, 1982). Diante dessa carga de negatividade como se fazer inserido na sociedade que se encontrava em desenvolvimento? A ascensão da classe média colocou os

negros em situação de marginalização, compondo o exército de reserva dentro da estrutura trabalhista, ocupando os trabalhos que exigia uma menor qualificação com os menores salários (GONZALEZ, 1982).

A realidade da mulher negra é cruel, quando percebemos que ela ficou de fora do processo de ascensão do mercado de trabalho. Sendo assim, ela se refugiou em trabalhos onde a sua escolarização não era impeditivo (GONZALEZ, 1982). É importante destacar que a mulher branca ao sair de casa para trabalhar, tem sua ascensão devido a exploração da mulher negra. Esta mulher cumpre jornada dupla, pois antes de ir trabalhar para as patroas, elas são esposas, mães e responsáveis pela subsistência da família.

A sociedade racista brasileira é responsável pelas representações dos papéis sociais em que a mulher negra é submetida a elas, Lélia destaca a questão das mulatas que são frutos da ideologia do branqueamento e da democracia racial. São vistas e vendidas internacionalmente como produto para o exterior. Geralmente estas são destaque em baterias de escola de samba, realizam performances com samba no pé, fantasiadas com roupas com muitos brilhos, o que para elas é considerado trabalho, para a sociedade é prostituição. O glamour e toda atenção que elas recebem na avenida acaba na Quarta-Feira de Cinzas.

A mãe preta, esta que era responsável por educar as crianças nos seus primeiros dias de vida, desde a época da escravidão, vai se dedicar a esta criança branca e contraditoriamente deixar de cuidar dos seus próprios filhos (GONZALEZ, 1982). Esses vão ficar a cargo do estado, a responsabilidade de cuidar através da institucionalização, no caso a escola. Lá, esta criança negra vai ser considerada desregulada (GONZALEZ, 1982).

As mulheres de terreiro, popularmente conhecidas como mãe de santo, ao contrário das outras mulheres negras, assumem liderança no seu espaço territorial e para além dele, são consideradas sábias (GONZALEZ, 1982). Pessoas de prestígio costumam ir até elas para pedir favor (GONZALEZ, 1982).

Diante desta violência exacerbada cabe analisarmos a situação da mulher negra que desempenha a função de empregada doméstica. Esta é vista como inferior e esta função se estende as mulheres que estão nas escolas como merendeiras, trabalhando como servente, funções estas que são na maioria das vezes desempenhadas por mulheres negras, com carga horária excessiva e uma baixa remuneração salarial. Com toda essa exploração da força de trabalho da mulher negra, como ter perspectivas para sair desta condição? (GONZALEZ, 1982).

As representações sociais com relação à mulher negra são estigma que as desqualificam em setores profissionais a elas. Foram e são impostos códigos de exclusão que as impedem desempenharem funções de liderança em setores considerados de poder, pois vão dizer que

elas não têm perfil para ocupar a vaga (GONZALEZ, 1982). Quando na verdade são impostas barreiras para que a mulher negra permaneça na condição de serva. Dados do Guia de enfrentamento ao racismo institucional de 2013 com relação ao mercado trabalho vai dizer que:

[...] O Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas do Brasil e Suas Ações Afirmativas, realizada pelo Instituto Ethos e IBGE em 2010 revela que nos quadros funcionais e de chefias intermediárias, os negros ocupam, respectivamente, 31,1% e 25,6% dos cargos. Na gerência, são 13,2% e na diretoria, 5,3%. A situação da mulher negra é pior: ela fica com 9,3% dos cargos da base e de 0,5% do topo. Em números absolutos, significa que, no universo que as empresas informaram, de 119 diretoras e 1.162 diretores de ambos os sexos, negros e não negros, apenas seis são mulheres negras. (Ethos/IBGE. 2013, p.13)

É perceptível que a situação da mulher negra na pirâmide do institucional é de total desigualdade, deste modo os estereótipos com relação a inferioridade vão definir o lugar onde deve ocupar, porque por mais qualificada que ela seja, a sua cor de pele vai ser o demarcador que a colocará em desvantagem, dificultando assim que a mesma alcance os níveis mais elevados nos postos de trabalho.

Fica difícil para as elites conceber a ideia de que as mulheres negras estão ocupando vários setores diferentes, provando que têm condições de aprender como as mulheres brancas (GONZALEZ, 1982). A educação formal e os movimentos sociais, destaque para o movimento negro, são formas de educarem os negros e darem condições melhores de vida para eles (GONZALEZ, 1982). Vale lembrar também da organização do movimento de mulheres negras na emancipação das mulheres negras; estas que estavam sendo rechaçadas pelas feministas brancas e até mesmo pelos próprios companheiros do movimento negro. O movimento das mulheres através das conferências denunciava as dificuldades e o racismo a que elas eram submetidas e que era preciso unificar a luta e denunciar o racismo e falsa abolição que deixou os negros na miséria e na total desigualdade social.

No Brasil as pessoas que são tidas como brancas e que tiveram ascensão social tendem a se considerar como mais importantes que as demais, se assemelhando aos europeus brancos, estes que são considerados mundialmente superiores (GONZALEZ, 1982).

No que tange o negro, este é visto como incapaz de formular pensamentos cognitivos, que sua existência é dotada apenas pela força. Tais representações sociais se dão devido as teorias biológicas e antropológicas que trouxeram a perspectiva de que os humanos deveriam ser classificados por raças humanas que se diferenciavam através das suas culturas, das suas percepções cognitivas, mais tarde estas duas ciências tornaram-se pseudociência. Estas

doutrinas perpetuaram e fortaleceram as hierarquias tão vigentes em nossas sociedades, que se guiaram por estes estudos desqualificando os não brancos (SANTOS, 1984)

O termo raça é uma construção social utilizada para segregar os seres humanos (SANTOS, 1984). Onde um determinado grupo é desfavorecido em detrimento do outro por suas características fenotípicas. Historicamente no Brasil o preconceito racial se caracterizou pelo ideário do colonizador que dividiu os grupos como superiores e inferiores (SANTOS, 1984). O primeiro grupo se autodenominou como supremacia e assumiu o papel segregador do segundo grupo com o discurso de que ele não tinha capacidade cognitiva de compreender o mundo. “O Brasil é um país que tem cultivado a concepção de ser uma democracia racial”. Porém, como discute Fernandes (2007), tal concepção não tem nenhuma consistência que constitui mentira cruel, hoje questionada pelos pesquisadores.

O mito da democracia racial propagado ao longo do tempo no Brasil alimentou a ideia de que as relações sociais foram constituídas harmonicamente, o que na realidade não foi. As desigualdades em que se encontram a população negra com relação aos brancos é surreal, aos negros não foi dado a oportunidade devida, ele foi jogado no relento. Segundo Rufino Santos “Há uma particularidade curiosa na formação do nosso povo: os pobres de hoje são “despossuídos históricos”, descendem de pessoas que nunca tiveram nada, nem sequer a posse do seu próprio corpo.) [...] No Brasil, maltratar os pobres é maltratar pessoas de cor e ponto final”. (SANTOS, 1984.p.65).

A falta de oportunidades e os mecanismos de exclusão sempre colocaram os negros em situações de subemprego, o que para uma sociedade de classe é algo ruim. Dentro deste contexto as artimanhas do racismo vinculado ao mito da democracia racial e a negação de que não existe preconceito no Brasil, é uma inverdade. Rufino Santos vai dizer que:

“Além de acreditar na sua “democracia racial”, o brasileiro acha que falar no problema é subversão. Que conclusão extrair daí? O mito da democracia racial é uma forma brasileiríssima, bastante eficaz, de controle social. O que espanta os estrangeiros que nos visitam não é esta democracia racial em que só nós acreditamos é a nossa ingenuidade em acreditar nela” (SANTOS, 1984.p.45).

Na tentativa de esconder os fatos vergonhosos e crueis que o racismo é capaz de reproduzir, a negação se torna uma das estratégias utilizadas para silenciar e ressignificar as exclusões que o racismo reproduz. Dentro desta perspectiva e na possibilidade de furar a bolha que nos é imposta, poucos são os negros que conseguem galgar e estar em espaços de lideranças dentro das instituições.

O discurso de igualdade é posto na roda para justificar a ausência ou não cumprimento das políticas públicas, que massifica o povo negro que não tinha sua subjetividade respeitada (GONZALEZ, 1982). Gonzalez em seu livro lugar de negro nos aponta que:

“Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com feições tão finas...Nem parece preto”. (GONZALEZ, 1982.p.226).

No que tange a situação da mulher negra é importante ressaltar as lutas do movimento negro, que militou e milita, até os dias de hoje, com pautas que buscam atender a diversidade étnica que permeia o nosso Brasil. As desigualdades permanecem, mas a vontade de prosseguir lutando também. E é através da educação que muitas mulheres buscam a transformação social (GONZÁLEZ, 1982). Graças as lutas do movimento negro [...] que estavam em constante interlocução com os mecanismos estabelecidos pela sociedade buscando influenciá-los e sendo por eles influenciados (SILVA, 2017), algumas políticas públicas compensatórias como as ações afirmativas que na [...]visão de Abdias Nascimento haveria um débito para com a população negra, ao longo de sua história, desde que sequestrados para o solo brasileiro (SILVA, 2017). Deste modo as políticas públicas vêm amenizando as desigualdades educacionais daqueles que ficaram de fora das oportunidades institucionais.

Destaco aqui a chegada da Universidade Federal Fluminense no interior, que oportunizou o acesso das mulheres negras principalmente aquelas que não tinham condições financeiras de custear uma faculdade fora do município, pois a necessidade de trabalho vem antes da educação. Aqui cai por terra o mito da democracia racial. Não é raro, em cidades do interior do Brasil, que muitas delas saiam ainda crianças para as grandes capitais com a promessa de estudar, o que se transformava em falácia, pois elas logo são inseridas nos afazeres domésticos e impedidas de brincar ou sonhar com um futuro melhor. É notório compreender que o círculo de trabalho doméstico desempenhado principalmente pelas mulheres negras, com promessas de vida melhor vai se rompendo com as suas filhas, pois elas não desejam esta condição para as suas crias e veem no processo educacional de mudança:

[...] A sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração e que nos permita encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente,

imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a prática de liberdade. (HOOKS, 2003, p.273)

A educação passa a ser vista como prática de liberdade e é através dela que se consegue acesso aos espaços de poder, antes ocupados apenas pela elite majoritária branca. Este espaço proporciona à mulher negra a possibilidade de transformação social, quebrando estereótipos de inferioridade, protagonizando sua história com propriedade e falando em primeira pessoa.

A desumanização imposta ao longo do tempo aos não brancos se sofisticou na medida em que as teorias racistas foram evoluindo no sentido de impor a sua superioridade. Ele teve sua cultura vista como inferior, era considerado um ser incapaz que precisava ser dominado (HASENBALG, 1996). A escravidão não acabou para o povo negro. Ele foi jogado nas ruas sem assistência, sem ter para onde ir, buscando oportunidades para se estabelecer. Vagava pelas ruas sendo marginalizado por quem buscava manter os benefícios e privilégios daqueles que foram explorados. As mãos negras que sustentavam e ainda sustentam este país eram ignoradas (HASENBALG, 1996). Assim ao ser lançado em regiões geograficamente onde as desigualdades sociais eram acentuadas, foi impossível o negro se estabelecer, devido a sua raça e sua condição social, o que não aconteceu com as pessoas brancas, que tiveram oportunidade, significativas de ascensão. Segundo Hasenbalg, 1996:

“O conteúdo desta justificativa variou ao longo do tempo, tendo começado com noções imbuídas de uma visão religiosa do mundo que permitiram estabelecer a distinção entre cristãos e pagãos. “Mais tarde e de uma maneira paradoxal, o ideário de igualdade e liberdade surgido no final do século XVIII acentuou a exclusão dos não brancos do universalismo burguês e levou à necessidade de reforçar a distinção entre homens (brancos) e sub-homens (de cor). Já no século XIX, o darwinismo social, o evolucionismo, as doutrinas do “racismo científico” e a ideia da “missão civilizatória do homem branco” aparecem intimamente relacionadas à expansão imperialista dos países europeus”. (HASENBALG, 1996.p.69).

Muitas foram as estratégias para justificar a discriminação. A exploração daqueles que não eram e não são brancos, em nome de Deus, com a premissa de igualdade, fraternidade e liberdade para quem? Eles mataram, se apropriaram dos corpos, sobrepunderam uma cultura a outra, animalizaram os seres humanos e quando a igreja foi contestada, os cientistas entraram em ação para reforçar a ideia de superioridade.

Carlos Hasenbalg, no livro Lugar Negro, destrincha dividindo em três linhas, a situação dos negros, que foram retratados nas pesquisas e nos cotidianos após o período escravocrata. Durante a república nos meados dos anos 1930, a descaracterização que Gilberto Freire fez com os negros, se tornou um mantra que trazia e que ainda traz a ideia de que somos oportunizados

em reais condições, ou seja, há uma ausência de preconceito, ideologia esta, que perpetua as desigualdades e a hierarquia.

Esta obra de Gilberto Freire na década de 1940 influenciou os Estudos das Relações Raciais no Brasil, fazendo comparações com a realidade dos negros no Estados Unidos, o que tornava evidente que os negros estavam em posição social inferior à dos brancos. As pesquisas mostravam que o preconceito seria de classe, a cor não era impeditiva, os preconceitos eram só verbais e a posição social vinha primeiro do que a raça, pois estavam vivendo relações harmoniosas (HASENHALG, 1996).

A terceira linha na década de 1950 trouxe uma visão de classe e a questão racial, através de pesquisadores fundamentais como Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni e Florestan Fernandes (HASENHALG, 1996). Os primeiros se debruçaram sobre a situação do negro na escravidão e após ela a pesquisa foi superficial. Suas pesquisas foram direcionadas em questões geográficas. No Sul, o negro fazia parte de um grupo, despreparado e sendo ele um ex-escravo, agora como homem livre, sem trabalho, passa a ser marginalizado. Já no nordeste de Minas os negros já estavam livres antes mesmo da assinatura da lei Aurea, porém não estavam inseridos no mercado de trabalho (HASENHALG, 1996). O que nos faz refletir que a mobilidade conquistada não foi suficiente para obter trabalho, pois o negro agora liberto era considerado incapaz para realizar as atividades das quais ele sempre fez enquanto escravo.

Hasenbalg (1996) destaca o autor Florestan Fernandes por suas análises profundas após a abolição. Ele avaliou que a falta de oportunidade do negro livre era discriminação racial, uma vez que os brancos imigrantes teriam ocupado este lugar no mercado de trabalho, que por direito, seria dos negros, pois para a elite, os negros eram deficientes culturais pois traziam em si os estigmas e a descendência daqueles que foram escravizados.

A burguesia se organizava através de diretrizes que se desenvolvessem de maneira democrática e equânime. Ao adotarem este modelo, eles tinham em mente que o capitalismo resolveria a situação do negro e a discriminação, pois ele estaria inserido nas sociedades de classes (HASENHALG, 1996). Dentro deste pensamento otimista eles reconheciam o racismo como algo momentâneo, logo isto se dava pela sua posição social (HASENHALG, 1996).

O negro dentro desta perspectiva estava no centro das desigualdades sociais, mas havia uma negação com relação a isso; o preconceito racial era suavizado, ele era hostilizado pois culturalmente ele era a herança da escravidão. As observações feitas por ele (HASENHALG, 1996) nos mostra que não reconheciam a relação entre racismo e desenvolvimento capitalista, que colocavam o negro em total desigualdade social (HASENHALG, 1996).

Assim, a reprodução das desigualdades raciais no Brasil após a abolição se deu pela difícil situação geográfica em que os negros foram lançados, com poucas ou nenhuma oportunidade e as ações racistas praticadas pelas classes dominantes (HASENBALG, 1996). Essas práticas traziam limitações que impediam o negro de ocupar certos lugares, pois ele não se reconhecia, pois, a sua imagem era vinculada a algo ruim (HASENBALG, 1996).

Dito isto, como se estabelecer em uma sociedade que dita e regula onde, como e qual função o negro deveria ocupar? O racismo opera e perpetua as desigualdades, os não brancos são os que vão receber o menor salário, vão exercer atividades com o grau de escolaridade menor.

É lamentável perceber que mesmo após tanto tempo após o advento da lei Aurea a distância que separa brancos e negros é gritante. As populações negras em relação aos brancos são aquelas que vivem em locais insalubres e o analfabetismo ainda é uma realidade na vida deles, já a população branca é quem vai alcançar os mais altos níveis de escolaridade e consequentemente vai receber os maiores salários.

Hoje, através dos estudos estatísticos de Hasenbalg (1996) podemos perceber que pouco se avançou com relação as desigualdades em que os negros são submetidos. O racismo estrutural ainda opera e limita a posição em que negros vão alcançar. As oportunidades são injustas, pois mesmo o branco pobre vai ter vantagem em cima dos negros, pois ele não tem o demarcador que é a cor da pele.

Diante destas concepções de domínio, outra problemática que surgiu foi a questão da meritocracia que utiliza como referência, geralmente um negro, que se destacou em determinada posição social para culpabilizar aquele que não está no mesmo patamar (Pereira,2005)). Este negro que está em outra esfera social é visto como um negro de segunda classe, porém o negro que ascendeu um pouco vai continuar a ser rechaçado, pois a ascensão social não vai blindar ele contra o racismo, pois sua cor da pele é um balizador social (PEREIRA, 2005). Segundo Pereira:

“Começava aí a desmoronar uma antiga e sedutora idealização: imperava a crença generalizada, tanto entre as elites, como no meio negro em geral, que o preconceito racial seria um mero resquício da escravidão e que, com o desenvolvimento da sociedade, se o negro cumprisse a sua parte, sua integração transcorreria naturalmente, eliminando aos poucos os problemas e as desigualdades raciais” (PEREIRA, 2005).

As barreiras impostas aos afrodescendentes ao longo da vida, são permeadas pelas desigualdades de condições com relação aos brancos. Dentro desta lógica as cicatrizes deixadas

pelas dores da repulsa refletem na dificuldade em galgar oportunidades que viabilizem o ser negro na sociedade pelo que ele é e não pelo que ele tem a oferecer.

Assumir a negritude tem sido um desafio constante. Ainda na infância os afros descendentes são ensinados que ser negro está relacionado a algo ruim, suas aspirações então passam coadunar em direção ao branco que é tido como belo e positivo (RAMOS, 1995). Assim a relação do negro perante sociedade e com ele mesmo é de submissão, onde etnicidade é negada pelo ideal imposto pela branquitude (RAMOS, 1995). As marcas do racismo são imbuídas no povo negro ainda na infância e nos acompanham para vida toda, nos adoecem em nome de uma superioridade que não existe, mas que acaba refletindo na nossa saúde mental e nas relações sócias e nos lugares onde os afros descendentes vão estar. Segundo Ramos: “[...] o chamado problema do negro, no Brasil, é o reflexo da patologia social do branco brasileiro, de uma dependência psicológica... Foi uma minoria de brancos letRADOS que criou esse problema, adotando critérios de trabalho intelectual não induzidos de suas naturais diretas”. (RAMOS, 1995)

Guerreiro Ramos faz uma crítica à sociologia brasileira e aos autores que fizeram as devidas análises. Segundo o autor as relações de poder dos brancos europeus foram realizadas na base da força e da violência que se perpetuaram nos estereótipos, de manipulação psicológica.

Dentro destas análises uma das estratégias utilizadas foi a miscigenação como característica social; as pessoas com mais melanina eram pretas, já as pessoas com pouca pigmentação poderiam se declarar como brancas (RAMOS, 1995).

Deste modo as pessoas puramente brancas aqui no Brasil são minoria, para que se tivesse esta pureza, era preciso não possuir nenhuma gota de sangue negro, o que se torna difícil, devido a miscigenação, então ele se torna um mestiço (RAMOS, 1995).

Esse mestiço que se intitula como branco agora passa a ter uma desconjuntura de patologia, essa se acentua principalmente nas regiões norte e Nordeste, pois lá a maioria das pessoas que passaram pelo processo de miscigenação tem a pigmentação clara (RAMOS, 1995). Logo elas são lidas e se afirmam como brancos, negam a si mesmas, sufocando sua condição étnica. Esta situação desprezível atinge os brasileiros de pele clara e principalmente os de pele escura (RAMOS, 1995).

Para o Guerreiro Ramos (1995) a baixa autoestima se dá pela patologia que é imposta a essas pessoas. Nas regiões como no Norte e Nordeste, os brancos utilizam manobras que se recusam a assumir sua origem racial. E uma dessas manobras foi transformar o negro em tema

de estudo. Para Ramos (1995) o fato de o negro ter se tornado objeto de estudos por alguns autores de origem Norte- Nordeste, intelectuais como Gilberto Freyre, Nina Rodrigues, Sylvio Romero, Thales de Azevedo, Nina Rodrigues, seria uma forma de afirmar uma supremacia branca e estrategicamente afirmarem que eram brancos no estilo dos europeus (RAMOS, 1995).

Ramos (1995) descreve situações sérias com relação à proporção em que o ideal de ser branco se tornou nessas regiões citadas acima.

Guerreiro Ramos (1995) analisa que ao tornarem o negro como objeto de estudo, há uma alienação em adquirir costumes ocidentais, europeus. Assim o Brasil deixa de criar uma identidade nacional, autêntica com as contribuições da nossa cultura.

Ele retrata que a sociedade brasileira toma como referência a cultura dos europeus e assim associam o que é inferior a cor negra, ela é usada para depreciar a personalidade das pessoas no sentido da cor, ou seja algo negativo.

No que tange Alberto Guerreiro Ramos é importante ressaltar a sua importância para a sociologia brasileira, homem negro baiano que direcionou as suas reflexões para as relações raciais, teorias sociológicas e políticas. Participou da criação do Teatro experimental do negro junto com Abdias Nascimento e os outros intelectuais. Escrevia para o jornal o Quilombo ajudou a criar o Museu do Negro e o Instituto Nacional do Negro em 1949. No período do governo de Getúlio Vargas (1951-1954) trabalhou no Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), que tinha como objetivo diminuir a falta de eficiência do serviço público federal e reorganizar a administração pública, trabalhou também na Assessoria Econômica da Casa Civil, se juntou à Escola Brasileira de Administração Pública em 1952, criada nas dependências da Fundação Getúlio Vargas. Trabalhou no Instituto Superior de Estudos Brasileiros, o ISEB. Lá ele teve contato com diferentes intelectuais com formações profissionais diversificadas, mas unidos em torno do pensamento nacionalista. Em 1958 publicou a sua obra mais importante ‘A redução Sociológica’.

Guerreiro Ramos foi eleito para o Diretório Nacional do PTB em 1959 e em 1962 foi eleito como deputado suplente do Leonel Brizola, em 1963 ele assume o mandato na função até abril de 1964, porém é cassado e perseguido pelo autoritarismo que assolava a realidade no período de 1964 a 1966. Na ocasião ele estava abrigado na Fundação Getúlio Vargas (FGV) e teve que deixar o país definitivamente, nos Estados Unidos ele trabalhou na University of Southern California (USC).

A obra de Guerreiro Ramos é evidenciada pela crítica da importação das ideias dos intelectuais europeus por sociólogos brasileiros que utilizavam desses pensamentos para analisar as questões sociológicas do Brasil.

Deste modo, ele critica a forma como se deu as pesquisas com relação ao negro, que é objetificado e que essas pesquisas deveriam ser influenciadas pelos escritores africanos que reconhecem a sua negritude como agentes da sua própria história e não como objeto científico pela ótica da ideologia branca.

Nos orienta que, se estamos em um país onde a maioria são de negros, devemos eliminar os vícios coloniais e preconceitos que foram implantados em nós. Só assim vamos nos curar das patologias coloniais que nos aniquilam como seres humanos.

Gonzalez dizia que era preciso “chamar às falas” (1996) e dentro desta lógica, a sociedade brasileira que se intitula como elite predominante branca e que em suma ocupa os cargos de poder mantendo seus privilégios, deve ser responsabilizado pelo racismo que domina o pensamento brasileiro, segregando os não brancos a permanecerem na subalternidade. É importante destacarmos a atuação do movimento negro que ao longo dos anos luta contra o racismo, e denuncia a falta de oportunidades.

Ao analisar a atual conjuntura e o racismo que paira sobre o negro até os dias atuais, podemos entender que isto é reflexo das teorias sobre raças que determinaram que deveria hierarquizá-las. Neste contexto dentro da pirâmide social ele foi posto como inferior (HASENBALG, 1996). Pereira (1988) na Marcha na avenida Presidente Vargas no Rio de Janeiro disse “Nós vamos até onde o racismo permitir”. Isto explica o porquê de os afrodescendentes ainda estarem em completa desigualdade, recebendo os menores salários, e dificilmente ocupando cargos de gestão.

2- AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DA ESCOLA: PAREANDO NOVOS OLHARES

As pesquisas com análises sociológicas realizadas nos anos de 1980, enfatizavam as questões sócias e as desigualdades em que brancos e negros eram submetidos na educação brasileira. Era relevante incluir o fator raça para refletir sobre a perpetuação das desigualdades raciais (FONSECA, 2009). Há uma crítica com relação a história da educação, pois os pesquisadores e historiadores que atuavam na década de (1990) não demonstraram interesse em se aprofundar nas questões educacionais sobre o negro, mesmo indícios dos movimentos sociais que se articulavam em função desta escolarização.

Apesar dos esforços dos grupos negros que viam na educação uma possibilidade de melhoria da sua condição. Suas ações foram ignoradas e no sentido de registro, de pôr em prática suas pautas que buscavam uma educação que se pautava na etnicidade do aluno (FONSECA, 2009). Com a escassez de dados relacionados à condição da escolarização do negro, muitos

historiadores não davam a devida importância em se aprofundar as questões educacionais, pois muitos acreditavam que estes espaços de poder eram intransitáveis pelo negro (FONSECA, 2009).

No sentido de desmistificar a não presença do negro na educação, foi preciso compreender que era necessário incluir o fator raça nos trabalhos, que foi invisibilizada por ser considerada menos importante por tanto tempo e que contribuiu efetivamente para o desenvolvimento do país. (FONSECA, 2009). As mulheres eram maioria nesta época atuando no magistério (FONSECA, 2009). A educação era voltada para as questões de moralidade (FONSECA, 2009). As professoras negras que exerciam o magistério neste período (MILLER, 1999) não eram vistas como ideal para ministrar as aulas pois não tinham as características ideais que se esperavam no momento que era ser branca. (FONSECA, 2009).

Com a expansão das escolas públicas oportunizou e aumentou o acesso dos negros nas escolas públicas, desta forma os cursos de magistério passam a ser frequentados pela população negra (FONSECA, 2009). Era difícil (1960 e 1970) para a elite ter que aceitar e dividir espaços com as mulheres negras que buscavam se qualificar, mostrando que tinham capacidade de cursar o mesmo curso que uma mulher branca cursava. Com a possibilidade de ver a ascensão das estudantes que, apesar de trabalharem durante o dia, frequentavam as aulas no período noturno, mexeu com a elite, que passou a desqualificá-las (FONSECA, 2009).

A história da educação sobre o negro ganha novos rumos quando se propõem a debruçar sobre novas possibilidades, e novos rumos de pesquisa (FONSECA, 2009). A diversidade nos espaços escolares no século XIX sempre existiu, porém foi omitida por um bom tempo (FONSECA, 2009).

A questão racial é apontada na LDB desde 1961, mas não foi legitimada a suas questões, ao contrário, reforçava a ideia de que a educação era uma questão de igualdade e não levaram em consideração o fator da raça, gênero e muito menos a inserção dos negros nos espaços escolares (FONSECA, 2009). No decurso nos deparamos com a ausência da história educacional dos negros. O preconceito e o descaso corroboraram para a manutenção de uma história que priorizava a escravidão pelo qual ele era submetido. Não era conveniente ressaltar outros temas destinados ao negro que era considerado como um ser inferior que buscava ter oportunidade educacional (FONSECA, 2009).

Ao longo do tempo podemos compreender que a escola não foi pensada para a população negra e que está por ser considerada inábil sofre preconceitos também no ambiente escolar (GOMES, 2002). E que o lugar que deveria ajudar a eliminar toda forma de preconceito na maioria das vezes se omite diante de certas situações (GOMES, 2002).

Os estereótipos criados a respeito do negro contribuíram para que se perpetuassem pensamentos negativos sobre ele, vistos como inferiores, preguiçosos, feio, sujo. Ao adentrarem na escola, o negro é apontado pela sua condição social, sua ancestralidade, como aquele que apresenta dificuldades educacionais e que deve ser culpado por não ter sua singularidade levada em consideração.

Para entendermos as configurações da escola é importante falarmos de uma tendência que por muito tempo foi utilizada na escola. A Liberal Tradicional, que de liberal não tinha nada (FREIRE, 2019). Esta tendência colocava o professor como centro das atenções, as arrumações dos espaços escolares contribuem para tal prática, as carteiras enfileiradas, de modo que os alunos estavam sempre olhando para frente (FREIRE, 2019). A postura sempre alta do professor com relação aos alunos era sempre de cima e distante, um estudo conservador que segundo Paulo Freire se torna uma educação bancária que:

“[...] saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão — a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual, esta se encontra sempre no outro.” (FREIRE, 2008, p 81.).

No período dos anos 80 o ensino que predominava era o tradicional que tinha como característica uma educação baseada na memorização de conteúdos que não fazia sentido para os alunos. Esta tendência educacional foi nomeada por Paulo Freire de educação bancária, que na sua concepção os educandos seriam recipientes onde os professores depositavam os conteúdos atrelados a elas. As teorias racistas também influenciavam as práticas de exclusão, onde a criança negra dentro deste contexto era inferiorizada, vista como a que não tinha entendimentos cognitivos e por isso precisam ser disciplinadas.

Com o passar dos anos a relação na escola começou a ficar menos acalorada (FREIRE, 2019), se antes a presença das crianças negras eram invisibilizadas, com a chegada de professoras negras como a dona Nair Procópio de Souza e a dona Nilcenei da Cruz, ambas ministraram aulas para mim. Eu nunca faltava, mas percebia que havia indiferença em relação a presença delas por parte de alguns alunos não negros. Segundo Freire “O mundo, agora já não é algo sobre que se fala com falsas palavras, mas o mediatizador dos sujeitos da educação, a incidência da ação transformadora dos homens de que resulte sua humanização (FREIRE, 2019. p105).

As aulas eram diferentes, podíamos falar, sorrir, éramos elogiados por nossas atividades, e incentivados a estudar, as aulas eram acolhedoras. Assim hooks (2017, p) destaca que

“Engajada” é um adjetivo para descrever a prática libertadora em sala de aula. Ele nos convida a estar sempre no momento presente, a lembrar que a sala de aula nunca é a mesma.

A distância que existia entre alunos e os professores no ambiente escolar começa a diminuir, tendo uma nova conexão. A postura da professora negra ao se inclinar para explicar uma atividade, de olhar nos olhos das crianças negras, trazia uma sensação de liberdade, pois ali a criança se reconhecia na professora. É importante destacar que tal atitude está cristalizada na sua subjetividade. Sendo assim, precisamos compreender que nem todas as professoras vão demonstrar paridade de afeto, pois com relação às crianças brancas, Cavalleiro (2000) vai dizer que [...] as professoras manifestam maior afetividade, são mais atenciosas e acabam até mesmo por incentivá-las mais do que às negras. A prática docente no ambiente escolar passa por certas escolhas e atitudes quando o assunto são as questões raciais que é vista sem importância e por vezes silenciada. Santana (2011) em sua pesquisa mostra que é evidente:

[...]o despreparo das professoras, de uma forma geral, para lidar com o tema das relações raciais e com o tema das relações raciais e com as situações de discriminações no interior do estabelecimento, como também a falta de sensibilidade por parte de alguns docentes frente a seriedade do problema. (SANTANA, p. 2011)

Assim há de se repensar em novas práticas educacionais que conciliam para a manutenção dos alunos desde a educação básica até o ensino superior. O direito social vai além de frequentar a escola. É preciso prover meios para a sua permanência na escola. A figura do professor é fundamental para que essa transição aconteça. É preciso se voltar para o aluno e se conectar com ele, aceitando sua subjetividade étnica.

Recordo-me de um concurso de beleza que acontecia todo ano na escola. Os alunos tinham que vender o maior número possível de bilhetes para ser a rainha da primavera. Todos pensaram que a coroa iria para a mesma garota, branca, cabelos lisos que ganhava o concurso todo ano. Mas algo de diferente aconteceu, naquele ano a mãe de uma aluna negra teria comprado mais de cinqüenta bilhetes para a filha. Porém, na hora da coroação a diretora teria dito que a rainha seria a garota dos anos anteriores. Nesta hora dona Nilcenei da Cruz, entrou em ação, exigiu que refizessem a contagem do bilhete. Fico arrepiada quando lembro da felicidade que nós ficamos quando anunciaram que a Lucineia (bico doce), como era chamada por alguns alunos, era a primeira aluna negra rainha da primavera da escola.

A atitude da professora Nilcenei da Cruz, em sair na defesa desta aluna, colocou em evidência as atitudes de exclusão da direção da escola, que mesmo sabendo que a aluna negra era a rainha da primavera por direito, ela reforçava o pensamento do estereótipo que o negro não é dotado de beleza, deste modo ela não merecia ser coroada no concurso. Um absurdo!

Se antes a presença das mulheres negras era apenas nos trabalhos subalternos, com a chegada das professoras negras a sensação ou desejo de ser uma docente poderia se tornar possível.

Ao dar continuidade aos meus estudos optei por fazer o curso normal para ter a possibilidade de atuar no magistério e neste período ao começar a fazer o estágio tive contato com a professora Benedita Josefina Oliveira da Silva, que ministrava aulas na educação básica. Uma professora negra muito calma, com uma turma enorme; na sua sala tinha um diferencial: o varal das embalagens. A mesma alfabetizava pelo método do Construtivismo³. Foi um momento muito marcante naquela época; via- se que ela realmente amava o que estava fazendo. As músicas de comando que guiavam as crianças para realizar a lavagem das mãos, a repetição de sílabas, não faziam parte do ambiente da sala dela.

As embalagens de produtos no varal tinham por objetivo fazer com que as crianças tivessem contato direto com objetos do cotidiano como jornais e revistas e assim, as mesmas eram alfabetizadas de forma dinâmica. Lembro-me também do projeto do mercadinho que foi montado em uma sala em anexo, onde as crianças iam fazer compras. O objetivo era mostrar que assim como as letras, os números também eram importantes. Ou seja, a aprendizagem era contínua através de situações concretas.

Neste contexto, os objetos presentes na sala de aula eram manuseados ativamente pelas crianças e assim, o conhecimento era construído de forma dinâmica estimulando a curiosidade e a liberdade de se expressar.

Mas eu já trabalhava, já tinha um pouco de construtivismo em mim de respeitar de trabalhar como saber das crianças. De não ficar presa só no (ba- be-bi- bo- bu). É essencial, mas ver o que que a criança sabe, buscar a realidade dele, onde ele vive? Onde ele mora? Por que que a criança está custando para aprender? Às vezes era fome, tinha criança que não aprendia porque ia com fome para a escola. Você tinha que descobrir. Tinha aluno que tinha os dedos cheio de sarna, eu punha na garupa da bicicleta e levava no posto para fazer curativo. Mas isso era coisa minha. Ninguém me obrigava, ninguém mandava, eu não achava que queria ser mais do que ninguém. Eu queria cuidar da criança, para poder aprender. (**Benedita Josefina Oliveira da Silva, 2021**)

● ³ Jean Piaget (1896) – (1980). Era Suíço, biólogo, psicólogo. Estudioso do desenvolvimento humano. Em sua epistemologia genética desenvolveu alguns conceitos muito importantes que contribuíram com a educação. Segundo sua teoria, a criança assimila um objeto e acomoda um esquema já dominado e acomoda um esquema para que ele dê origem a outra. Piaget afirma que o desenvolvimento passa por quatro estágios do desenvolvimento que são organizados em continuidade cravada e mundial. São eles: Sensório motor: 0 a 2 anos; Pré- operatório: 2 a 7 anos; Operatório Concreto: 7 a 12 anos e Operatório Formal: 12 em diante. Segundo ele o indivíduo é um ser ativo, que constrói conhecimento como ser ativo (Fonte <https://educacaopublica.cecierj.edu.br>)

Ao dizer que era um pouco construtivista, a mesma reconhece que a educação tradicional não poderia permanecer como único método de ensino e que era preciso pisar no chão da escola, e reconhecer que a educação para acontecer de modo integral precisava voltar o olhar para as questões sociais. Segundo Paulo Freire, o construtivismo, seria uma Utopia da liberdade, pois rompe com as práticas do ensino tradicional, onde o autoritarismo por parte do professor é forjado por uma educação bancária que serve de dominação. Faz-se necessário dar lugar a uma educação dialógica, capaz de compreender a autenticidade do outro, que se faz através do conflito buscando a solução. “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portando, na relação eu-tu” (FREIRE, 2019.p109)

3- É TEMPO DE OUVIR! COM A PALAVRA PROFESSORAS NEGRAS DE MIRACEMA E SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA

No que tange a situação da mulher negra no Brasil, esta traz sim muitas contendas. Sua trajetória nem sempre é de forma linear e tranquila. Como identifica Euclides et al (2015) é “uma travessia marcada por disputas”, por isso as mulheres negras lançam mão de estratégias para sobrevivência. Sendo assim, a atuação das professoras negras se ressignifica na medida em que elas conquistam o direito de ocupar espaços que antes eram delegados a homens brancos, que exerciam a função de professor. Para uma mulher negra se tornar professora é um avanço muito importante para desmistificar a incapacidade intelectual que é destinada à mulher negra. As mulheres negras professoras passam por um processo de ascensão social e visibilidade quando entram para o magistério. Porém, esta mobilidade não é proteção para que elas não sofram com o racismo tão naturalizado e recorrente em cidades pequenas do interior. A carreira das professoras negras é transversal à história das mulheres negras, é carregada de sofrimento, superação e de lutas que foram expostas durante as entrevistas. As sutilezas do racismo no chão da escola é uma das artimanhas para hostilizar a mulher negra que precisa se dedicar mais às atividades da escola, provando que tem capacidade para ocuparem aquela função.

Assim, a mulher enquanto professora negra precisa enfrentar muitos obstáculos na configuração da sua identidade ao se fazer presente como mulher negra e profissional, “é algo que demarca lugares e perspectivas” (EUCLIDES; SILVA, 2018). Entretanto, na sua trajetória enquanto professoras negras, os enredamentos que elas são expostas, distorcem sua imagem pois “Há um perene questionamento mediado por alguns parâmetros como por exemplo, a

beleza, a competência, a capacidade e o posicionamento dos nossos corpos" (EUCLIDES; SILVA, 2016).

Para entender como se deu o desenvolvimento escolar e a estrutura da identidade racial das professoras negras integrantes desta pesquisa, foi importante permitir que elas falassem na primeira pessoa. Neste contexto elas revelaram como foram suas experiências, aspirações e lutas no contexto escolar e para além dele. O trabalho foi realizado em duas cidades no interior do Rio de Janeiro (Miracema e Santo Antônio de Pádua). Com o questionário estruturado foi possível também compreender as relações sociais estabelecidas no contexto familiar, nas amizades e deste modo foi possível perceber de que forma se funda o ser professora negra.

Sabemos que as teorias racistas que perpetuaram ao longo do tempo, foram utilizadas nos espaços escolares e para além deles como forma de menosprezar o negro e colocá-lo como ser incapaz de aprender, desta maneira eles permaneceriam em atividades servis mantendo os privilégios daqueles que estavam na pirâmide estrutural (GOMES, 2002).

Esta falácia contribuiu de forma negativa para fortalecer o pensamento da sociedade racista até os dias atuais. Vale ressaltar que estas teorias tão presentes no âmbito escolar, carrega em si estereótipos negativos com relação ao ser aluno e professor negro (GOMES, 2002).

PERFIL DAS ENTREVISTADAS

PROFESSORAS	IDADE	COR	CIDADE	FORMAÇÃO	PERÍODO NO MAGISTÉRIO
Benedita Josefina Oliveira da Silva	72	Preta	Miracema-RJ	Formação de Professores Assistente Social	32 anos Duas Matrículas
Nair Procópio de Souza	80	Preta	Miracema-RJ	Formação de Professores (Normal)	25 anos Aposentada Uma Matrícula
Nilcenei da Cruz	65	Negra Preta	Miracema-RJ	Formação de Professores (Normal) Licenciatura Letras	Atua 35 anos Duas Matrículas
Creusa Maria Mendes	66	Negra	Santo Antônio de Pádua	Formação de Professores (Normal)	25 anos Aposentada

				*Técnico em Contabilidade *Estudos adicionais de Ciências *Licenciatura Plena em Matemática *Pós Graduada em Matemática	Duas Matrículas
Cássia Maria Silveira de Souza	55 anos	Preta Negra	Santo Antônio de Pádua	Formação de Professores (Normal) Pedagogia Pós Graduada Orientação e Supervisão	Aposentou com 25 anos de serviço no magistério. Atualmente está contratada como professora no Município.
Ana Paula Rodrigues Valentim	53 anos	Preta	Santo Antônio de Pádua	Formação de Professores (Normal) Licenciatura em Matemática	Atua como professora na rede privada há 19 anos. E no Município 13anos.

3.1 PROFESSORA BENDITA JOSEFINA OLIVEIRA DA SILVA: E A CONVERSA TÁ NA MESA DE BOLO

Professora aposentada, licenciada em Serviço Social, moradora da cidade de Miracema- RJ, viúva, cinco filhos e oito netos.



Foto 3: Cedida pela entrevistada

Meu primeiro contato com a dona Benedita foi em meu atual local de trabalho, na área da saúde, especificamente na sala de vacinação. Ela foi buscar informações sobre os horários de vacinas e quando a vi, senti que era o momento propício para convidá-la para fazer parte da minha pesquisa. Quando lhe falei que a pesquisa era sobre professoras negras, ela disse:

“Eu quero parabenizar você, porque sempre que você topa, que sempre que eu vejo alguém que invista, que ainda acredita na carreira de professor eu fico numa felicidade. Que professor é uma profissão nobre, é o número um, se não tiver professor, não existem outras profissões. Eu quero parabenizar você, sua professora que te passa essa tarefa, dona Joselina, kkkkk, que deve ser, se eu tivesse a oportunidade de conhecê-la, eu queria. Como conhecer, eu tinha também o desejo de conhecer de perto a Benedita da Silva, era um desejo meu. Quando ela veio aqui em Miracema, na época, ela foi na escola, na minha escola fazer uma palestra. Aí chegou lá, a menina falou, nós demos um abraço, eu tenho uma foto dela até hoje.” **(Benedita Josefina Oliveira da Silva, 2021. “Informação Verbal”)**

Ela disse sim e que eu poderia ir à casa dela a qualquer hora, pois a mesma estava aposentada. Perguntei se ela tinha celular e me disse que não gostava, mas que tinha telefone fixo com o mesmo número há mais de vinte anos. Eu rapidamente anotei e disse que entraria em contato para que pudéssemos combinar um dia para eu ir até a sua residência para conversarmos. No mesmo dia entrei em contato com ela para confirmarmos o dia em que iríamos conversar.

No dia 20 de dezembro de 2021 em companhia da minha filha fui até a casa de dona Benedita, no horário combinado. Ao chegar lá ela estava no portão recebendo uma encomenda da sua nora. Quando me aproximei ela me cumprimentou e disse que estava à minha espera e me convidou para entrar. Da varanda escutei o som da televisão que estava sendo transmitida uma oração. Ela se desculpou e pediu que eu a esperasse rezar o terço da misericórdia para que

depois pudéssemos conversar. Me ofereci de rezar com ela pois também era um hábito meu, clamar pela misericórdia de Deus. Quando estávamos terminando o terço uma das suas netas apareceu dizendo que estava com fome. Calmamente, ela disse para a neta esperar um pouco, que ela iria preparar um lanchinho bem gostoso para ela, sua irmã e para as visitas. Orações finalizadas ela me chamou para irmos até a cozinha que lá era o melhor lugar para conversarmos.

Na cozinha ela abriu um freezer onde me mostrou polpas de frutas de vários sabores que seu filho mais velho deixou para que ela pudesse vende-las. Me contou que seu filho é representante desta fábrica, que ele precisa divulgar seus produtos e ela se ofereceu para trazer aqui para Miracema para tentar vende-los. Enquanto conversávamos ela retirou do forno um tabuleiro com bolo, cortado, trocou a toalha e pegou copos coloridos para o lanche. Confesso que fiquei paralisada com a receptividade dela.

Começamos a lanchar, o bolo estava uma delícia, o suco estava bem geladinho e adoçado com pouco açúcar. Realmente a cozinha era um ambiente agradável com espaço aberto onde o vento circulava amenizando o calor. Notei a diversidade de plantas que ela possuía próximo da cozinha, algumas eu reconheci, como a hortelã, o manjericão, a salsinha, a cebolinha e o boldo, todas geralmente utilizadas para temperar ou fazer chá. Por um instante sua nora adentrou na cozinha para me cumprimentar e se despediu, pois estava indo em uma confraternização da escola onde ela trabalha. Me contou que incentiva sua nora a fazer cursos para que sua prática melhore no dia a dia e que sempre fica com as netas quando não está viajando.

Se lembrou de sua neta mais nova, filha do seu filho adotivo, que nasceu com complicações cardíacas e que fez promessas para que a saúde da menina se restabelecesse. Nesta época ela esteve junto com a nora ajudando-a, e que sentia que a criança poderia morrer, mas nunca perdeu a fé. Dizia que era preciso ter fé, que ela sairia daquela situação. Suspirou e perguntou: você vai me filmar? Porque preciso trocar de roupa para ficar apresentável. Falei que ela estava ótima! Que a gravação seria do áudio e que sua imagem estaria preservada naquele momento.

Então ela pediu que as netas fizessem silêncio para não atrapalharem. Iniciamos a entrevista e ela estava bem à vontade respondendo às perguntas com muito entusiasmo; principalmente quando falou sobre os seus pais que eram oriundos da zona rural e analfabetos. Percebi felicidade no semblante dela quando falou sobre os filhos e disse que todos eles completaram o ensino médio e que estavam trabalhando. Sensação de dever cumprido. Ela silenciou-se quando se lembrou do seu marido, que além de seu amigo foi seu único namorado. Contou-me que ele foi acometido por um câncer severo que o levou a morte muito rápido, que cuidou dele até o

fim e ainda que sente muitas saudades dele principalmente na noite natal. Percebi a dificuldade dela em responder se já havia sofrido racismo. Entendo que situações que causam dor geralmente são arquivadas em nossa memória por trazer sofrimento.

“Hoje parece que o preconceito está mais do que antes. Antes era assim: proibição, você não podia isso, não podia fazer aquilo. Parecia que tinha uma barreira para tudo. Você não pode passar daqui pra lá. Você não pode passar pra cá. Não pode se sentar aqui. O cinema era para as pessoas brancas. Preto não podia entrar. Hoje, não está assim! Não tem mais preconceito, nem pode ter muito preconceito, mas parece que o preconceito está na cabeça de todo mundo. Qualquer coisa que se faça, já é preconceito! Então! Eu nunca tive pré-preconceito. Às vezes a gente pode ter um pré-conceito, de alguma coisa.” (**Benedita Josefina Oliveira da Silva, 2021, “Informação Verbal”**)

Pelo fato de não vivermos em uma segregação racial, no entendimento da professora, o racismo não existe, pois hoje podemos ir e vir. Tais situações são complexas, dado a relevância que traz este assunto. O racismo no Brasil se confunde com o dos Estados Unidos. Neste instante ela trouxe exemplos de episódios de racismo que ela teria visto na televisão e disse que hoje em dia tudo é racismo.

Outro dia vi na televisão a mulher reclamando que o segurança estava vigiando-a. Eu nunca tive problema com isso. (**Benedita Josefina Oliveira as Silva, 2021, “Informação Verbal”**)

O racismo ao longo dos anos perpetuou e reforçou o mito da democracia racial como uma verdade absoluta que roubou a percepção das pessoas negras em identificar se estariam sendo vítimas de preconceito ou não. Assim aos olhos da professora ser monitorada em um local privado é normal.

Terminamos a gravação e ela agradeceu por ter contribuído para a minha pesquisa e reforçou o quanto é importante estudarmos. Disse que sua casa está de portas abertas para que eu voltasse a hora que eu precisasse. Me ofereceu uns pedaços de bolo para tomar café no outro dia, mas falei que não precisava. Ela colocou no pote de plástico e deu a minha filha. Aproveitou para me mostrar as bijuterias que sua nora vendia. Ela me disse que a nora vendia umas coisas para complementar a sua renda. Olhei as peças, minha filha gostou do brinco, fiz a compra e me despedi. Ela me abraçou forte e disse: Vai com Deus! E volte sempre!

3.2 A CONVERSA COM A PROFESSORA, DONA NAIR PROCÓPIO DE SOUZA

Professora aposentada, atuou na educação básica, casada, possui um filho e é moradora da cidade de Miracema- RJ.



Foto 4: cedida pela entrevistada

Consegui localizar a dona Nair pelo fato dela ser uma das poucas professoras negras que trabalhou no Colégio Estadual Prudente de Moraes, pois a maioria eram professoras brancas. Fiz contato com ela em um dia, quando estava saindo do supermercado aqui próximo da minha casa. Ela disse que estava aposentada e que morava no mesmo lugar.

No dia 21 de dezembro de 2021 depois do almoço fui até a casa da dona Nair para conversarmos. Cheguei em sua residência e fui recebida por seu esposo que estava na rua e me pediu para esperar um pouco pois ele iria prender o cachorro, mas que eu poderia ficar tranquila porque o cachorro não mordia, apenas gostava de brincar. Logo em seguida ela veio me receber, pediu para eu entrar e caminhamos para uma área externa onde tinha uma mesa grande. Ela falou para eu me sentar e ficar à vontade. Me ofereceu água para beber, pois estava muito calor naquele dia. Estávamos na varanda da casa; era um espaço agradável, com plantas e algumas árvores frutíferas.

Me convidou para conhecer a casa, disse que tinha feito uma reforma, o marido dela fez questão de mostrar os móveis que ele tinha restaurado. E elogiar as capas de almofada que a esposa tinha feito. Me mostrou a sua oficina onde ele restaura carros e me falou como as pessoas jogam coisas boas fora. Ela o interrompeu me chamando para nos sentarmos na sala e lá

iniciamos a conversa. Ela foi respondendo às perguntas prontamente e me contou da dificuldade que teve para estudar.

Sabe, Adriana, eu saía da roça para estudar na rua. Andava muito! A gente andava quase 3 km para estudar. (Nair Procópio de Souza, 2021. “Informação Verbal”)

Ela enquanto criança negra precisou percorrer uma distância grande de locomoção para estudar, o que nos faz refletir que as barreiras que foram colocadas para a população negra, foram estratégias para retirar as oportunidades, retirar a responsabilidade do estado e assim, os negros tomam para si o esforço pessoal, que vai refletir num desempenho precário. Ela relatou que morou no Rio de Janeiro quando era mais nova onde começou a lecionar e foi lá que conheceu seu esposo.

Ah! Eu já tinha quanto? Uns 24, 25 anos mais ou menos. Lecionei na fazenda do Angola, na... Como chama a outra escola? Deixa-me ver se vou lembrar! Esqueci o nome da outra escola agora. Em Laje do Muriaé. Coloca assim... Esqueci o nome da escola Laje do Muriaé. No Rio, em Duque de Caxias, em Miracema, no Estadual e depois no Prudente de Moraes. (Nair Procópio de Souza, 2021. “Informação Verbal”)

Durante a conversa ela foi categórica em dizer que nunca sofreu racismo e que ela fazia o trabalho dela. Seu esposo se fez presente, o que me fez perceber que ela não estava à vontade para falar. O fato de se justificar dizendo que fazia o trabalho dela dá a entender que as pessoas que sofreram e que sofrem racismo são culpadas pelas atitudes das pessoas.

Parei a gravação e ela se ofereceu para fazer um café. Eu disse a ela que não precisava se incomodar, mas ela insistiu e disse que não era incômodo nenhum. Me chamou pra cozinha, ajeitou a mesa com uns biscoitos salgadinhos e nós lanchamos. Agradeci a ela pela conversa, ela me pediu desculpa por não ter correspondido com as minhas expectativas. Disse a ela que não precisava se desculpar pois ali, naquele momento eu fui para ouvir o que ela tinha para me contar.

Eu não sei se correspondi, se satisfiz você quanto as suas perguntas, mas eu **não tenho muita coisa para falar**, pois graças a Deus eu nunca tive esses problemas. Como eu disse, você perguntou como era na época de estudante. Eu saía da roça para estudar na rua, andava muito. A gente andava quase 3 km para estudar, mas era isto. O problema é esse. A gente não tinha outros tipos de problemas. (Nair Procópio de Souza, 2021. “Informação Verbal”)

A fala da professora traz um reducionismo dela com relação a sua trajetória quando disse que não tinha muita coisa para falar. Mas ao mesmo tempo quando analisamos a distância em que ela e os irmãos percorriam fica evidente que a dificuldade enfrentada por ela para estar no

espaço escolar evidência [...] a visão de naturalidade do tratamento desigual dispensado aos negros como nos aponta (SANTANA, 2011).

Ela me levou até o portão, me parabenizou pelo que eu estava fazendo e disse que depois que os professores se aposentam o contato com os ex-alunos é muito pouco ou nada. Me olhando nos olhos ela disse que se eu precisasse dela, poderia voltar a qualquer hora para conversarmos. Fiquei pensando na questão da solidão da mulher negra que apesar de estar em contexto familiar, ainda assim se sente só, tendo que conviver com o machismo, não sendo ouvida e quando a oportunidade surge não consegue se expressar.

3.3 DONA NILCENEI DA CRUZ, MINHA PROFESSORA.

Professora no momento encontrava-se em transição para aposentar. Licenciada em Letras, casada, dois filhos, dois netos e moradora da cidade de Miracema-RJ.



Foto 5: Cedida pela entrevistada

A última e não menos importante é a dona Nilcenei, a professora que marcou positivamente a minha adolescência na escola. Ela foi a primeira que veio à minha memória. Fiquei muito feliz quando ela aceitou conversar comigo, pois foi a minha referência como professora.

No dia 22 de dezembro de 2021 fui até sua residência no horário combinado e ao chegar lá, ela me recebeu se desculpando. Me convidou para entrar e pediu que eu esperasse um pouco, pois ela estava terminando de fazer uma lista de compras de gêneros alimentícios para que seu genro fosse até mercado para ela. Ela estava nos preparativos do Natal! Aguardei-a sentada na sala, ela me ofereceu água e bebi.

Então ela veio até mim com uma meia de compressão na perna, se queixando de dor. Disse que estava fazendo tratamento e que devido ao ganho de peso, que sua coluna também estava prejudicada, mas que a vida era assim mesmo quando se chegava a uma certa idade. Permanecemos sentadas na sala e ela me contou que foi criada pela avó e que elas passavam muitas dificuldades financeiras.

Começou muito difícil! Eu fui criada com a minha avó, que era lavadeira e foi muito difícil. Eu ia para a escola **sem calçados**, com os pezinhos no chão. Porque o tamancos de pau que eu tinha, quebrou, e eu não tinha como comprar outro. Naquela época as sandálias Havaianas eram só para os mais abastados, então, dessa forma foi a minha vida. (Nilcenei da Cruz, 2021. “Informação Verbal”)

O fato de ter sido educada por sua avó que era lavadeira de roupas nos mostra que tal ofício ajudava na compra dos alimentos, mas não era suficiente para gastar com outros itens como vestuários e calçados. Logo é visível que na sua inserção escolar [...] ela teve que romper inúmeras barreiras que vão desde discriminações sofridas no interior da escola, até as dificuldades materiais e financeiras para se manter nos estudos (SANTANA, 2011).

Ela relatou que sua avó sempre dizia que as coisas iriam melhorar, que tinha que ter fé e trabalhar. Durante a entrevista ela estava bem à vontade, me respondendo às perguntas. Externou sobre as barreiras que teve que enfrentar para ter uma vida razoável. que possibilitou os filhos estudarem em escola particular, fazerem faculdade. Disse também que sente preocupação pela filha, que não está atuando na área para a qual se formou. Que a incentiva a fazer concurso público para conquistar a sua independência financeira, pois foi assim que ela fez. Ficou emocionada, seus olhos encheram-se de lágrimas. Ela respirou fundo e continuamos a entrevista

Sabe Adriana, um fato que me marcou muito também na condição de pobre, foi eu ter saído da extrema pobreza e ir para a classe dos pobres. Eu saí da extrema pobreza. Pode acreditar! E dei um passinho na pirâmide social para classe dos pobres. Sai lá! Da base mesmo... debaixo da base para ir para a classe dos pobres. (Nilcenei da Cruz, 2021. “Informação Verbal”)

O relato da professora evidencia o nível de dificuldade financeira em que estava inserida, quando diz que estava em extrema pobreza, podendo supor, que havia a ausência de alimentação, moradia, habitação, coisas essenciais que a constituição de 1988 prevê como direitos fundamentais, mas que foram negadas a população. Segundo Fernandes:

“Posta, em regra, abaixo dos últimos degraus da economia e da sociedade, a “população negra” via-se excluída do que parecia ser a prosperidade geral, sentindo-se irremediavelmente condenada ao desemprego, ao pauperismo, à desorganização social, a vergonha coletiva e à impotência.” (FERNANDES, 2007.p. 29)

O autor evidencia a situação desumana em que foi e ainda é submetida o povo negro, que ao tentar se estabelecer em uma sociedade branca que dita as regras, se vê totalmente fora das boas oportunidades, tendo que criar estratégias para sobreviver em um ambiente que não lhe proporciona oportunidades concretas para a sua subsistência e de sua família.

A entrada para o magistério se deu com muito estudo. Eu estudei! Graças a Deus! Passava as madrugadas estudando para conseguir mesmo, passar no concurso do magistério. (Nilcenei da Cruz, 2021. “**Informação Verbal**”)

Para adentrar no magistério e ser efetivada a professora compreendeu que era preciso se esforçar muito mais, pois a disputa por um cargo público é uma competição acirrada e passar dentro do número de vagas ofertadas foi uma das estratégias para [...] romper com a lógica da subalternidade, ocupando um espaço que, embora não tão possuidor de status social, ainda é um espaço no qual a maioria da população negra no Brasil não está incluída (GOMES, 1995).

Me falou que racismo adoece a gente e que sempre que pode, protege sua neta das armadilhas da escola, sempre dizendo que ela é bonita e inteligente, mas que precisa estudar para explorar este mundo.

“Sabe Adriana... A gente que é preto passa por muita coisa nesta vida. As pessoas acham que não temos capacidade. Se a gente não lutar muito, não temos nada. Na escola não é diferente; às vezes até as crianças desfazem das outras. Previno minha neta que: ela precisa estudar e que ela é preta linda!” (Nilcenei da cruz, 2021. “**Informação Verbal**”)

Desliguei o gravador, ela me chamou para ir à cozinha, tomamos um suco e na cozinha ela se lembrou de um fato que a teria marcado. Quando impediu que um aluno negro, fosse expulso da escola e por isso, todas às vezes que eles se encontram, ele a agradece. Pois certamente não teria continuado os estudos depois do episódio de violência que sofreu.

“Ah! Tem um fato triste sim! Uma vez, numa certa ocasião, uma família da parte alta da cidade invadiu a escola e queria agredir uma outra pessoa, uma outra criança, uma outra adolescente. Aí a escola teve que acionar a polícia e aí já sabe o que aconteceu: os adolescentes ficaram muito revoltados, a polícia começou com agressões, uma criança deu um tapa na cara do menino e o menino falou que quando ele crescesse ia matar o policial.” (Nilcenei da Cruz, 2021. **“Informação Verbal”**)

A gestão tradicionalista que administrava a escola viu o simples fato de um aluno negro se posicionar como uma insurgência que deveria ser expurgada do ambiente escolar para não influenciar os outros alunos. Neste dia ela me falou que foi no carro da polícia com o aluno até sua residência para conversar com os pais do aluno. O aluno negro que era falante, estava mudo, sem ação e tudo o que ela conseguia dizer era que ia ficar tudo bem.

A violência em que os adolescentes negros das grandes capitais são submetidos não se difere dos que moram no interior, a presença do aluno negro é indesejada. Analisamos que a primeira é o silenciamento dos corpos, que se reflete em palavras de ordem como: fica quieto, senta no seu lugar e em seguida as ameaças: vou chamar seus pais, vou te dar uma suspensão e os alunos que ousavam subverter a ordem eram vistos como “rebeldes” ou mesmo expulsos da escola (SANTANA, 2011). Estas estratégias são para impor a disciplina, se não funcionar, vai ser preciso usar o braço repressivo do estado. Onde a violência física vai ser utilizada pois são treinados para isto.

“E mais... Eles estavam querendo colocá-lo dentro do camburão, porque achou que o menino estava com falta de respeito com eles. Era apenas um adolescente. Digamos que ele tinha uns 14 anos. Derrubou um policial no chão. Ele era forte! O policial ficou muito contrariado com aquilo e falou: “Agora você vai!” Então eu me dirigi à direção da escola, que não tomou atitude nenhuma diante daquela situação, mas eu, como coordenadora de turno, na época, resolvi agir.” (Nilcenei da Cruz, 2021. **“Informação Verbal”**)

A situação relatada pela professora nos mostra várias situações que ferem os direitos da criança e adolescente, quando a família adentra à escola para agredi-lo e a escola recorre à polícia, demonstrando que não existia diálogo capaz de resolver aquela situação. Para Santana (2011) “A escola tirava nossas raízes, violentava a nossa identidade e para sobreviver, talvez fosse preciso ou nos calarmos ou nos revoltarmos”. Tal situação demonstra o quanto as múltiplas violências atravessam os nossos corpos negros e que por vezes precisamos reagir em favor dos nossos semelhantes. Segundo hooks:

“[...] o corpo nesses ambientes que, na verdade, nos convidam a investir profundamente numa cisão entre mente e corpo, de tal modo que, em certo sentido, você está quase em conflito com a estrutura existente por ser uma mulher negra, quer professora, quer aluna. Mas se você quiser permanecer ali, precisa, em certo sentido, lembrar de si mesma- porque lembrar de si mesma é sempre ver a si mesma como um

corpo num sistema que não se acostumou com a sua presença ou com a sua dimensão física.” (HOOKS, p181. 2017)

É perceptível que a mulher negra enquanto professora se colocou como mediadora do conflito existente no ambiente escolar. Sair em defesa do aluno negro demonstra que [...] fronteiras são transpostas, as diferenças são confrontadas, a discussão acontece e a solidariedade surge (HOOKS, 2017).

“Eu cheguei para menino e falei, pode entrar aí Paulo! Ele falou: “Eu não vou entrar dona Nilcenei!”. “Pode entrar que eu vou entrar com você”. Ele entrou dentro no camburão e eu entrei também. Aí o rapaz falou comigo: “Com que ordem a senhora vai?” Eu falei: “Ele é menor de idade. Vocês não disseram que vão levar ele em casa? Eu vou levar ele em casa com vocês.” (**Nilcenei da Cruz, 2021.** “**Informação Verbal**”)

A confusão já estava instaurada e não bastava a violência que tinha sofrido ao ser agredido, era preciso puni-lo, colocando-o no carro da polícia para que todos vissem o crime que ele tinha cometido. O ser negro, pobre e morador da parte alta e marginalizada da cidade. Para Santana (2011) “Os episódios cotidianos mostram-se permeados de situações conflituosas que marcam profundamente cada um”.

Eu fiquei com medo deles, nesse trajeto da escola até a casa do aluno; deles o agredirem. E foi isso que aconteceu: uma ação assim truculenta da polícia, naquele dia na escola. Aí eu cheguei na casa dele e falei: “Vocês podem deixá-lo aqui.” Pronto! Acabou! E retornei para a escola. (**Nilcenei da Cruz, 2021.** “**Informação Verbal**”)

O medo relatado pela professora negra é mesmo medo da mulher (mãe), negra, que reconhece a violência existente dentro e fora do espaço escolar, pois até os dias atuais os corpos negros são alvos potenciais do racismo que mata [...] ele é vítima predileta da violência policial. O negro é o primeiro a ser preso, escolhido a dedo em “batidas” e buscas em geral, violentas. (NASCIMENTO, 1983).

Ela me falou que este triste episódio só aconteceu porque o aluno era negro, que o racismo exclui a população negra de chegar em certos lugares e arruma maneiras de tirar quando chegamos lá. Ela suspirou fundo e disse: “Acho que falei demais”. Eu agradeci, ela me levou até o portão dizendo que se precisasse que era para eu voltar.

As situações de evasão escolar na maioria das vezes são pelos alunos negros, não se sentem acolhidos, por dificuldades em sobreviver no ambiente hostil e por não serem vistos com a mesma ternura que os alunos brancos (CAVALLEIRO, 2000). Ela, enquanto mulher

negra e agora professora, entendeu que era preciso proteger aquele aluno, que a expulsão poderia levar ele para uma trajetória sem volta.

Vim pela rua pensando o quanto o movimento negro influenciou no olhar e nas atitudes daquela professora, que lutou pela permanência daquele e de outros alunos que buscavam o seu espaço. Antes mesmo de se pensar em representatividade ela já nos representa.

3.4 PROFESSORA CREUSA MARIA MENDES A QUE TRANSBORDA VITALIDADE

Professora aposentada, pós-graduada em Matemática, divorciada, cinco filhos, sete netos e moradora da cidade de Santo Antônio de Pádua-RJ.



Foto 6: cedida pela entrevistada

No dia 12 de maio de 2022, saí de casa por volta das 12h para ir até a casa da professora Creuza, que reside na cidade de Santo Antônio de Pádua, município vizinho de Miracema. Ela é moradora do bairro Cidade Nova, que fica próximo ao Instituto do Noroeste Fluminense (INFES). Utilizei o transporte público para me locomover de Miracema a Santo Antônio de Pádua, pesquisei qual era o melhor percurso a se fazer para chegar à residência dela e para ganhar tempo. Optei por ir pelo trajeto que passa por dentro de dois distritos pertencentes à

Pádua que são Campelo e Paraoquena, ambos pertencentes à área rural. Aproveitei o trajeto para contemplar a natureza do lugar.

Ela me aguardava para a nossa conversa. Quando desci do ônibus lhe enviei mensagem para que ela me desse um ponto de referência, pois o bairro é bem extenso, com mercados, farmácias, escolas, posto de saúde e o que mais um bairro poderia ter para melhor atender a população. A infraestrutura do bairro se deu também pela presença da Universidade que influenciou na melhoria e desenvolvimento do bairro.

De posse do ponto de referência consegui localizar sua residência que fica próxima a uma padaria. Ao chegar em sua casa eu estava acompanhada da minha filha. Ao chamá-la, ela nos atendeu prontamente. Nos convidou para entrarmos e pediu para não observarmos a casa, pois estava com um pouco de pó devido a construção que sua filha estava fazendo por cima da casa dela para assim deixar de pagar aluguel.

Sentamos na varanda da sua casa e ela nos ofereceu água para beber. Estava calor, e o sol estava muito quente. Na varanda começamos a conversar, eu agradeci por ela ter aceitado participar da pesquisa. Ela me disse que não precisava agradecer.

Ela, muito vaidosa, estava preocupada com sua aparência e me perguntou se eu ia filmá-la, pois se caso fizesse, ela faria trocas de roupas e soltaria os cabelos para ficar bem bonita no vídeo. Expliquei que não; que usariámos apenas áudio, mas que de qualquer forma, ela estava ótima.

Iniciamos a entrevista, ela estava muito tranquila. Foi me explicando como sua vida foi traçada pelas dificuldades. Que teve uma infância muito difícil morando na roça e que teve conhecimento das primeiras letras graças às aulas que a dona da fazenda ministrava para ela e para os seus irmãos. Já com a educação escolar, de fato, ela teve contato mais tarde, quando estava com 9 para 10 anos.

Me contou que se casou muito cedo e neste período, parou os estudos quando faltava dois anos para completá-los. Se mudou para São Paulo junto com o marido, pois lá as oportunidades de trabalho eram maiores. Em São Paulo, ficava em casa, dividida entre os afazeres domésticos e os cuidados para com os filhos pequenos. A mãe que residia com ela, em Santo Antônio de Pádua adoeceu, então ela retornou para Santo Antônio de Pádua. Para não deixar a mãe ficar sozinha, ela deixou seu filho mais velho com sua mãe. Nessa época ela estava grávida do 5º bebê e quando retornaram para Santo Antônio de Pádua, com sua filha mais nova, ainda pequena e com poucos meses de nascida, foram morar com a sua mãe, em uma casa bem humilde. Ela falou que foi um período muito difícil, pois tinha cinco crianças pequenas, o

marido estava desempregado e sua mãe havia perdido a visão e não tinha autonomia para fazer as coisas.

Ela teve ajuda da igreja católica com doações de alimentos e roupas e foi de grande ajuda, já que era difícil para ela sair para trabalhar. Seu marido não se adaptou a toda aquela situação e retornou para São Paulo, deixando-a com as cinco crianças. Esse acontecimento a deixou doente, anêmica, emagreceu e desenvolveu depressão. Foi com muita força de vontade e oração que ela se reergueu. Sua mãe apesar das limitações a ajudava a cuidar das crianças.

Retornou para a escola para concluir os estudos, na época o estudo à noite era pago e ela não tinha condições de pagar, pois o pouco dinheiro que ganhava como empregada doméstica não era o suficiente. Assim, ao se ver nesta situação difícil, tendo que ficar o dia todo fora de casa, trabalhando e ainda recebendo pouco pelo trabalho, ela viu que no magistério a possibilidade de mudar sua história era viável. Decidiu largar o trabalho para se dedicar aos estudos e se matriculou no período da manhã no mesmo horário em que as crianças estavam na escola. Era menos uma preocupação, pois ela sabia que, na creche, as crianças estavam estudando e recebia alimentação. A ajuda de terceiros também foi fundamental na época, para que ela conseguisse concluir os estudos.

Ela relatou que havia um projeto que abarcava crianças e adolescentes carentes no contraturno e que foi uma ajuda fundamental. Um dos seus filhos foi selecionado pelo projeto para trabalhar no Banco do Brasil, na época ele estava com 12 anos e quando completou 14 anos teve a sua carteira assinada e recebia 70% do salário. Eles moravam em uma casa que era do seu pai no Morro da Borracha, uma localidade humilde, que não tinha saneamento básico abastecimento de água e precisavam carregar água com balde. Nesta casa moravam ela e os quatro filhos, que tiveram de aprender bem cedo a ter responsabilidades de adultos. O filho mais velho morava com a avó desde muito novo.

Após ter concluído o magistério, ela começou a trabalhar para a prefeitura, por contrato. O havia conseguido por meio de muita perseverança, pois todos os dias ia à prefeitura. A escola era longe, mas ela precisava do trabalho. Através desta oportunidade ela se mudou do morro onde morava e alugou uma casa em outro bairro, graças ao seu filho que a ajudava a pagar o aluguel. Fez o primeiro concurso, mas não se classificou dentro do número de vagas. Como professora contratada ela não recebia o pagamento integral, apenas 70%. E devido aos jogos políticos, um agravante, justamente as escolas mais distantes eram as que eram ocupadas pelos contratados.

Isso não a fez desistir. Pelo contrário, ela continuou estudando para ter um bom conhecimento, passar na prova do magistério, ser efetiva e receber o que merecia. E ela

conseguiu! Passou no concurso do Estado com carga horário de 40 horas e ao mesmo tempo para o concurso do Município para o cargo de professor de 16h. Uma carga horária bem intensa, na qual ela saía de casa às 6h da manhã e retornava às 23h e quase não via seus filhos. Eles cuidavam deles mesmos. A filha mais velha trabalhava como empregada doméstica pela manhã e estudava à tarde, pois à noite ela precisava estar em casa para cuidar dos irmãos. A filha do meio e a mais nova estudavam pela manhã e no contraturno participavam do projeto da FEIM. Ela fala que precisou se sacrificar muito para ser o que é hoje e que mesmo trabalhando o dia todo e à noite, três vezes por semana, ela fez o vestibular da UFF para cursar licenciatura em Matemática. Para dar conta, ela pegava poucas disciplinas e aproveitava quando ofertavam aulas aos sábados para assisti-las, mas que chegou um determinado tempo em que ela não conseguiu permanecer nesta rotina exaustiva e parou a faculdade por dez anos.

Continuou trabalhando, fazendo cursos de extensão e por incentivo dos professores e amigos ela retornou para a Universidade Federal Fluminense (UFF) para concluir o curso de licenciatura em Matemática. Desta vez acompanhada da filha que estava fazendo o mesmo curso. Ela aproveitou as disciplinas que tinha feito, o que a ajudou a eliminar matérias. Logo depois ela fez uma pós-graduação em Matemática. Relatou que queria fazer artes, mas por insistência da sua filha e uma amiga acabou cedendo aos pedidos e assim elas fizeram a pós-graduação em Matemática mesmo.

Sua trajetória enquanto professora foi permeada por dificuldades de locomoção. Por ter sua matrícula de 40h no estado com 40h, vir Até Miracema para completa-la e não ser penalizada, pois sempre buscou realizar suas atividades com muito zelo e que sempre teve postura e caráter perante a sociedade, principalmente por ser uma mulher negra professora e divorciada.

Ela expressou uma certa tristeza com o desrespeito por parte de alguns alunos ao dizerem que ela estava velha. Ela sempre foi professora regente, mas que ao se aproximar do tempo de aposentadoria ficava na parte da coordenação da escola, mas continuava fazendo seu trabalho com muito respeito e procurava fazer o melhor.

3.5 PROFESSORA CASSIA MARIA SILVEIRA SOUZA, APAIXONADA POR CRIANÇAS

Professora aposentada, pós-graduada em Orientação e Supervisão Escolar. Atua na educação básica por contrato, casada, duas filhas e moradora da cidade de Santo Antônio de Pádua -RJ.



Foto 7: cedida pela entrevistada

Meu contato com a professora Cássia foi através da mediação do professor Eduardo Quintana que ao tomar conhecimento sobre a minha pesquisa, me informou que ela teria muito para contribuir. No dia 19 de maio de 2023, fui até sua residência em Santo Antônio de Pádua. Saí de Miracema por volta das 8h com minha filha. Resolvi descer no ponto próximo a chegada da cidade. Geralmente as pessoas que moram em Miracema tem o hábito de ficar por ali esperando carona. Seguimos o trajeto em direção a sua residência. Olhei para o céu e fui rememorando as dificuldades que passava quando chovia e eu ficava toda molhada, pensando muitas vezes em desistir, mas logo me vinha na mente que faltava pouco e eu precisava concluir a minha graduação.

Chegamos com antecedência na sua residência que fica próximo ao Instituto Federal Fluminense (IFF), para ser exata fica em frente. Estava calor, por isso, após termos andado cerca de 20m a pé, decidimos nos sentar embaixo de um pé de amendoeira para descansar até quando desse o horário combinado. Após o descanso, assim que deu o horário, enviei mensagem para ela confirmando a minha chegada. Ela informou que e que iria se atrasar um pouco. Passado alguns minutos, fui surpreendida por ela me cumprimentando com um sorriso nos lábios. Você deve estar me esperando né? Disse ela. Desculpa pelo atraso, mas precisei ir fazer perícia. Vamos entrar! Não repare a bagunça. Eu trabalho o dia todo, tive que sair cedo hoje e daqui a pouco ainda vou para a escola dar aulas.

Ela me ofereceu água antes de iniciarmos a conversa, falou que ia molhar a garganta pois falava bastante. Disse a ela que estava ali para ouvi-la. Ela então começou a me contar

sobre sua trajetória. Nasceu em Santo Antônio de Pádua, tem 55 anos, é casada e tem duas filhas que são estudantes e que sempre gostou de estudar. A escola onde ela estudou na infância não era próxima da sua residência e que certa vez destruíram sua bicicleta na escola e que até hoje ela não sabe quem foi. Sua mãe era do lar e seu pai era cobrador de ônibus, mas acabou ficando desempregado e adoeceu e por conta disso. Resolveu abrir um pequeno comércio e era de onde saía a renda da família e quando as condições financeiras ficavam mais apertadas, sua mãe fazia doces para vender.

Seus três irmãos também foram para a escola. Um dos três irmãos prestou concurso para a Polícia Militar sem ter concluído o ensino médio, pois na época, ter o ensino fundamental completo já era suficiente. Mais tarde ele concluiu o ensino médio. Segundo ela, uma das suas irmãs tinha medo da Matemática e por isso parou de estudar. Retornou os estudos algum tempo depois e atualmente é empregada doméstica. Já a sua irmã mais nova terminou o ensino médio e sempre trabalhou em comércio.

Se recordou e falou com entusiasmo sobre a primeira escola em que estudou a Salim Simão, hoje é uma escola extinta, é de competência do estado e se tornou uma escola Militar. A diretora da escola era uma mulher muito fina e cobrava dos alunos postura corporal. Com palavras de ordem, dizia para tirarem os cotovelos da mesa e levantar os ombros. A atitude da diretora para a professora não era vista como autoritária, pelo contrário, na sua visão, ela estava ensinando a serem chiques. As lembranças dela no período de alfabetização foram muito satisfatórias. As atividades eram significativas para ela. Recordou que certa vez uma professora pediu para que eles decorassem um poema para declamar na aula e que neste dia choveu muito e a rua estava alagada o que a impossibilitou de ir na escola. A professora entendeu o ocorrido e deu oportunidade para ela e os demais alunos declamarem o poema. Isso a deixou muito feliz.

Sua entrada no curso do magistério se deu de forma natural, pois desde menina ela ouvia dos seus pais, quando ela nasceu, que ao receber a visita do seu avô do coração, ele sempre dizia que na família havia nascido uma professorazinha. E assim sua trajetória foi trilhada para se tornar uma professora. Ela ganhou uma bolsa de estudos e pode usar o tão sonhado uniforme com a saia verde pregueada que era linda! Sem a bolsa de estudos, infelizmente ela não teria feito o curso normal, pois não tinha condições de pagar. Quando estava finalizando o curso de formação de professores conseguiu um contrato pela prefeitura para cobrir férias de três meses em uma creche e quando o contrato acabou, ela foi efetivada e passou a trabalhar na creche como professora regente.

Nesta ocasião as creches não fechavam; funcionavam direto. Com o concurso que prestou, ela foi deslocada para trabalhar na zona rural, na localidade de Santa Cruz. Lá ela

precisou se impor, pois a diretora da escola queria privilegiar na escolha dos horários, as professoras que já estavam lá, sem respeitar a ordem de classificação. Também nesta mesma ocasião, só tinha transporte pela manhã e a diretora a princípio queria colocá-la à tarde, o que para ela era inviável. Desse modo, ela precisou acionar a Secretaria de Educação para mediar tal situação. No final deu tudo certo ela conseguiu sua vaga como regente no horário que ela pleiteou.

Seu relacionamento com os alunos e o corpo docente é amigável, apesar de determinadas situações que precisam ser contornadas. No começo da sua trajetória como alfabetizadora ela buscou se qualificar, fez cursos de extensão na Universidade Federal Fluminense (UFF), o que a ajudou na sua formação enquanto professora, refletindo em sua prática, que é pautada na busca pelo conhecimento. Foi a primeira da sua família a ter o nível superior e esta conquista se deu com muito sacrifício, pois além de casada ela também tinha bebê pequeno. Alguns familiares até a criticaram por ela deixar o bebê com o seu marido para estudar. Como se as responsabilidades de cuidar e educar os filhos fossem somente das mulheres. Também é responsabilidade dos homens. O crescimento profissional da mulher beneficia a todos da família.

Como professora, ela é muito ativa e recebe muitas premiações por seus projetos, participa dos conselhos escolares e trabalhou por um período na Secretaria de Educação. É referência em alfabetização e sempre procura se atualizar para fazer o seu trabalho bem feito. Apesar de já ter ouvido tons jocosos com relação a sua capacidade, por estar ocupando um cargo de coordenação dentro da secretaria de educação ou mesmo ter ouvido piadas sobre o fato dela estar onde estava, como professora negra e que sua presença ali não passava de uma forma de inclusão, ela nunca permitiu que falas ou atitudes preconceituosas a afetassem e também nunca deixou ser limitada por ninguém.

Se lembrou que, em certa ocasião ela foi rejeitada na escola por alguns funcionários que estavam insatisfeitos com a chegada de um novo diretor, que teria proposto algumas mudanças, que os desagradou. Esses passaram a tratá-lo com rispidez. As crianças da sua turma do 3º ano resolveram fazer cartinhas para animá-lo, pois gostavam dele e percebiam o que estava acontecendo. Havia até rumores de que ele pediria para sair da escola. O fato de a professora ter acompanhado as crianças na entrega das cartinhas ao diretor causou revolta por parte daqueles que o estavam rejeitando. Ela foi chamada na Secretaria de Educação para ser ouvida e disse que realmente a escola precisava de algumas mudanças. Esta situação causou muito aborrecimento a ela, pois ela via o desprezo em relação a sua presença. O diretor permaneceu

por um período de três anos na escola e fez mudanças significativas, que contribuíram bastante para a melhoria da escola.

Com a saída do diretor, uma nova diretora chegou na escola e deu continuidade aos projetos. Naquele momento havia uma parceria com a (UFF) para a realização de projetos de inclusão com mediadores. Ela, enquanto professora regente, já havia identificado que algumas crianças não estavam lendo e nem escrevendo direito e elaborou atividades adaptadas de acordo com as dificuldades e necessidades de cada criança. Porém, seu projeto foi divulgado como sendo discriminatório para com as crianças ditas como não normais e em retaliação, a coordenadora do projeto exigiu a retirada das crianças especiais da turma na qual a professora lecionava, com pena de retirar o projeto da escola.

A diretora com medo de perder a parceria comunicou o ocorrido à professora e a ordem que havia recebido. Foi uma situação muito constrangedora para ela e para os professores que estavam no projeto. Na época, ela não teve oportunidade de conversar com a professora da UFF, que acredita que a informação chegou aos seus ouvidos de forma equivocada. Seis meses após o ocorrido, em uma reunião na escola em que a professora da UFF estava presente, ela se desculpou pelo ocorrido, alegando não ter entendido a verdadeira essência do projeto.

O alívio se deu após ela saber dos resultados positivos do projeto e a evolução das crianças. A situação compartilhada pela professora demonstra uma hierarquia existencial entre professores de universidades e professores da educação básica. Os professores de universidades, por estarem longe da realidade das escolas tem a oportunidade de estreitar os laços através da extensão, mas ao se depararem com os professores que estão de fato nas escolas, não reconhecem e nem dão abertura para o diálogo, pois acham que eles não têm nada a acrescentar por estarem na base escolar.

A professora relatou que apesar da indiferença por parte de algumas pessoas, ela ama o que faz e sente o carinho das crianças para com ela. Vez ou outra ela se depara na rua com alunos que alfabetizou. Eles a chamam de tia de uma forma carinhosa. Disse também que fica muito feliz quando recebe convites de formatura, pois através dessas atitudes ela consegue ver o reconhecimento por ter feito um bom trabalho e ficar na lembrança daquelas crianças.

Ela finaliza a conversa relatando que ser professora em Santo Antônio de Pádua é ser desvalorizada financeiramente e ter que conviver com o sucateamento das escolas, por falta de materiais. Há uma ausência de investimento, não tem biblioteca e informática é totalmente fora da realidade deles. Atualmente viram o plano de carreira ser diluído pelo atual prefeito que se recusa a cumprir a lei. Ela, enquanto professora aposentada na primeira matrícula, recebe um salário inferior ao professor que for entrar agora no magistério, mas que apesar dessa

desqualificação ela procura fazer o seu trabalho da melhor forma, pois as crianças não têm culpa desta situação vergonhosa em que os professores estão sendo submetidos.

Agradeci por ela ter aceitado conversar comigo. Ela se desculpou por não poder conversar mais, pois precisava almoçar para ir trabalhar no turno da tarde. Eu lhe disse que não precisava se desculpar e que foi muito bom escutar a sua história. Saí de lá pensando o quanto somos atravessadas pelas normas da sociedade, por barreiras que são impostas para nos limitar e pelas regras que precisamos quebrar para não adoecermos. A professora, que cresceu ouvindo que nasceu professorinha, hoje de fato se realiza como professora na sala aula e transgrediu enquanto mulher negra ao ocupar um cargo de gestão dentro da Secretaria de Educação, quebrando o estereótipo de incapacidade intelectual e causando incômodo a alguns. Deste modo, o racista vai desqualificar sua trajetória tentando diminuí-la e apontando sua cor da pele como critério para estar lá naquele espaço.

3.6 PROFESSORA ANA PAULA RODRIGUES VALENTIM, A ACOLHEDORA SE SONHOS

Professora Licenciada em Matemática, atua no ensino público e privado, solteira, dois filhos, um neto e moradora da cidade de Santo Antônio de Pádua-Rj.



Foto 8: Cedida pela entrevistada

Conheci a professora Ana Paula no período em que cursava a licenciatura em Pedagogia. Na ocasião tive a oportunidade de fazer estágio em sua turma da (EJA) Educação de Jovens e Adultos, na Escola Municipal Deputado Armindo Marcílio Doutel de Andrade (EDAMDA). Era muito bom estar ali, pois suas aulas eram dinâmicas e ela sempre enfatizava para os alunos que eles eram importantes e que não era vergonhoso retornarem aos estudos depois da idade recomendada, pois nossa vida tem atravessamentos distintos que nos paralisam. Ela trabalhava muito com projetos que colocavam os alunos como protagonistas e um deles me chamou atenção, que era a confecção de uma colcha de retalhos. Foi inesquecível!

Após o término do estágio, eu perdi o contato com ela. Foi através da sua sobrinha, que estudou comigo no curso de Pedagogia, que consegui o número do celular dela. Entrei em contato com ela no dia 2 de abril de 2023 e conversamos pelo WhatsApp. Expliquei-lhe que estava fazendo uma pesquisa sobre professoras negras e que ficaria muito feliz se ela aceitasse participar. Ela ficou muito animada e aceitou o convite. Em uma das nossas conversas ela me disse que sua rotina era intensa, pois trabalhava o dia todo em uma escola particular, mas à noite estava no CIEP de segunda a quinta-feira e que eu poderia ir até lá para que pudéssemos conversar melhor.

Devido aos contratempos só consegui agendar nossa conversa no dia 18 de maio de 2023. Então saí daqui às 17h no transporte público de Miracema a caminho de Santo Antônio de Pádua, na companhia do meu esposo. Chegando lá esperamos o transporte da Universidade Federal Fluminense (UFF), carinhosamente chamado de busuff, que faz a locomoção dos estudantes e professores. Eu como ex-aluna, pude utilizá-lo também. Descemos em frente a UFF e seguimos em direção ao CIEP local onde a professora trabalha. Ela disse que às 18h já estaria na escola, mas chegamos com antecedência. Cumprimentei a secretaria e disse que estava esperando pela professora Paula. A secretaria disse que poderíamos ficar à vontade. Enquanto estávamos sentados à espera da professora, eu aproveitei para dar continuidade na leitura do livro “E eu, não sou uma mulher?” de bell hooks. Como já haviam se passado trinta minutos do horário combinado, resolvi lhe enviar uma mensagem. Passados uns quinze minutos ela chegou junto com alguns alunos, rindo e brincando. Logo reconheci sua voz. Ela foi subindo a rampa e ao se aproximar de mim, eu a olhei e eu perguntei: Você lembra de mim? E ela respondeu! É claro que sim! Nos abraçamos e ela se desculpou pelo atraso.

Seguimos em direção a sala dos professores, ela nos ofereceu café, água e disse que era para ficarmos à vontade. Pediu licença pois precisava olhar os horários dos professores, pois ela estava atuando como professora coordenadora. Permaneci na sala e observei a rotina dos professores, chegando, cumprimentando uns aos outros e indo para suas respectivas salas. Senti

a curiosidade no olhar deles com relação a minha presença. A professora retornou, me apresentou a alguns professores que estavam na sala e com um semblante feliz contou-lhes que eu estava ali para entrevistá-la. Eles a parabenizaram e saíram da sala para ministrar suas aulas. Começamos a conversar ali mesmo, na sala dos professores. Ela começou me contando, que seus pais eram analfabetos e que ela era fruto do segundo matrimônio do seu pai. Ambos falecidos. Seu pai era pedreiro e sua mãe do lar. Ela nasceu em Santo Antônio de Pádua, está com 53 anos e tem dois filhos maravilhosos: um menino que trabalha no laboratório de uma fábrica de papel local e sua filha que é estudante.

Disse que apesar dos seus pais serem analfabetos eles se preocupavam com os estudos dos filhos e os incentivaram sempre a estudarem. Diziam que o estudo era o único bem precioso que poderiam deixar. Ela e os irmãos sempre estudaram em escola pública. As turmas em que ela estudava eram sempre numerosas.

A escolha, pelo magistério na sua vida, foi como um conto de fadas. Ela sempre quis ser professora. Teve uma professora de matemática que a marcou bastante, e a quem se espelhou como professora. Relatou que a profissão de professor era valorizada e que ela gosta do que fazia e não se via em outra profissão. Fez licenciatura em Matemática, embora já tivesse começado a dar aulas particulares na sua casa logo após a conclusão do curso de formação de professores. Neste período ela estava grávida do seu filho mais velho e foi quando recebeu um convite de uma escola particular para cobrir a licença de uma professora que estava com problemas de hipertensão. Por passar por uma gravidez saudável ela não viu nenhum impedimento que a fizesse rejeitar tal oportunidade. Seu bom trabalho foi reconhecido e ela foi convidada para ser professora regente na escola Paulo Freire. Trabalhou lá por alguns anos até que a escola fechou. Em seguida foi chamada para trabalhar no Centro Educacional Professor Rui Azevedo (CEPRA) e já está lá há 19 anos. Sua entrada para o setor público no Município se deu em 2009 por meio do concurso onde passou em 3º lugar.

Seu relacionamento com o corpo docente tanto no setor privado quanto no município, é um relacionamento amigável. Quando começou a lecionar no município precisou adequar seus horários para serem compatíveis com os horários da escola particular. Para conseguir conciliar as duas matrículas ela foi trabalhar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde ela se apaixonou. Em ambos os setores, o relacionamento com os alunos é pautado no respeito e no diálogo. Ela ressaltou que os estudantes da EJA têm suas histórias de vida e que sua prática pedagógica não se difere. As relações interpessoais com a direção e a parte pedagógica ultrapassam os limites da escola.

Relatou que precisou superar muitas barreiras e trabalhar muito para chegar onde está, por ser uma mulher negra e pobre. Disse também que poderia ter avançado mais na carreira educacional e que encontrou um pouco de resistência com relação ao seu tom de pele; como se estivessem colocando-a a prova. As oportunidades são preteridas geralmente para as pessoas brancas. O negro para ocupar alguma posição importante precisa se sobressair. Disse que algumas pessoas faziam piadas para diminuí-la de alguma forma e que em certa ocasião uma pessoa queria falar com o coordenador, e ao se apresentar como a coordenadora, notou que a pessoa se comportou com indiferença ao saber que ela era a profissional. Ela lamentou a situação do Brasil. Um país miscigenado onde muitos alunos não se declaram como negros, e sim como morenos. Não se reconhecem como negros mesmo estando visível suas tonalidades de pele. E nós não podemos opinar, pois é algo declaratório.

Falou que fica muito feliz quando reencontra com alunos que mesmo já adultos a chamam de tia. Que ela sente o carinho que os estudantes têm por ela na escola privada. E que antes, ela era a única negra na escola e que hoje mais. Ela sempre é convidada para viajar com as turmas como professora responsável, muitas vezes é chamada para ser representante das turmas e recebe muitas homenagens. O que para ela, é muito gratificante, por ser lembrada com carinho. Relatou um fato muito triste que acontece com um adolescente da EJA, envolvido com o tráfico. Ele foi assassinado no Rio de Janeiro ao tentar sair desta vida, quando estava morando em Santo Antônio de Pádua. Sua ida para a capital não teve volta. Todos da escola ficaram muito tristes, por uma vida tão jovem que foi interrompida.

Me aconselhou a não parar de estudar, pois a educação muda a vida das pessoas. O professor nunca vai ser rico, pois a valorização da qual precisam, os governantes nunca vão dar. Mas, para a gente que é pobre, negro e de classe social desfavorecida a educação é o melhor caminho. As esperanças dela se renovam quando ela vê, que os alunos da EJA, mesmo com todas as limitações, estão dando continuidade aos estudos e ingressando nas Universidades. Eles retornam para falar sobre suas trajetórias e deste modo mostram para aqueles que estão concluindo os estudos que é possível fazer uma graduação.

Disse que ser professora em Santo Antônio de Pádua é um desafio, uma luta, decepção, uma mistura de sentimentos. Que devido ao sucateamento da educação, eles não têm a estrutura adequada que deveriam ter, mas que apesar disso eles se mantêm na esperança de dias melhores. Há um discurso de que o professor não trabalha, ou seja, uma inverdade, mediante as demandas existentes na vida do educador. Terminamos a nossa conversa e ela me chamou para tirarmos uma foto no mural da escola e li nele uma frase carregada de significados: “Construindo pontes, transformando vidas”. Saí da escola pensativa com relação a frase do mural, que fez muito para

mim. Precisamos construir pontes todos dias quando nos esperançamos diante de uma realidade difícil. Transformamos vidas, quando adentramos em espaços que nos dizem não e que nos mostram que é difícil, mas não impossível.

A questão racial deve ser inserida nas diversas pesquisas relacionadas à educação. O negro contribuiu para a construção e o desenvolvimento deste país e é urgente que se leve em consideração a relevância destas histórias para ressignificar a subjetividade e os estereótipos com relação a mulher negra. Deste modo, trago alguns relatos das professoras Benedita Josefina Oliveira da Silva, Nair Procópio de Souza, Nilcenei da Cruz, Creusa Maria Mendes, Cássia Maria Silveira de Souza e Ana Paula Rodrigues Valentim Rodrigues. Professoras atuantes nas cidades de Miracema e Santo Antônio de Pádua, no Estado do Rio de Janeiro.

3.7 PERCURSO ESCOLAR

Considero que minha trajetória foi uma bênção de Deus, pois eu morava numa roça muito distante e não tinha escola por perto. Eu era muito pequena e meu pai achava que eu não poderia vir tão longe, sozinha para estudar. Quando nos mudamos da zona rural eu já estava com 11 anos. Lembro que minha mãe lavava roupa comigo por perto e sempre cantava e soletrava. Apesar de ser analfabeta ela soletrava todas as palavras e quando eu entrei na escola eu não sabia escrever, mas já sabia ler tudo. (**Benedita Josefina Oliveira da Silva, 2021. “Informação Verbal”**)

A fala da professora mostra as dificuldades de quem mora no campo, como a falta de acesso aos bens comuns, como estudar por exemplo. Sua entrada no ambiente escolar com 11 anos demonstra o desenvolvimento que começava a surgir e o abandono do campo para morar na cidade, ou seja, o surgimento de novas oportunidades.

Quando eu fiz o curso de admissão para entrar para o ginásio, eu passei em segundo lugar, mas o curso era pago. Antigamente os estudos noturnos eram pagos, e eu não tinha condições para pagar. Após eu ter efetuado a minha matrícula, o diretor da escola me procurou, foi à minha casa conversar com a minha mãe e disse a ela que eu tinha que estudar, pois eu era boa aluna! Que tinha que fazer, pois eu poderia me tornar professora. Para nós, naquela época, aquilo parecia impossível. Era impossível filho de pobre ser professor (**Benedita Josefina Oliveira da Silva, 2021. “Informação Verbal”**)

Quando escutava a fala da professora era nítido sua emoção, pois a sua história nos mostra o esforço e superação para que ela pudesse adentrar no espaço escolar. Seria o diretor da escola um visionário que enxergou naquela menina negra uma aluna excepcional?

Aí não tinha jeito! A conclusão foi que ele me arranjou uma bolsa. Ele falou assim: “Vou arrumar uma bolsa para ela!” Eu acho que eu fui a primeira bolsista do colégio

Cenecista Nossa Senhora das Graças. Eu fui bolsista até o quarto ano ginásial, que hoje é o 9º ano né? E sempre graças a Deus com muito sucesso. Os professores me elogiavam, eu tinha facilidade para aprender e era a primeira da sala. Eu fiz o curso normal. (Benedita Josefina Oliveira da Silva, 2021. “Informação Verbal”)

A oportunidade que recebeu para estudar em uma escola particular fez com que a professora se empenhasse para mostrar uma imagem positiva sobre si, estudando muito para demonstrar que não tinha dinheiro, mas que era tão capaz ou melhor que quaisquer outros estudantes daquela escola. Deste modo era a primeira da turma que apesar [...] das dificuldades materiais de se manter numa escola particular, mesmo com bolsa, aliadas ao fato de ser... mulher negra e pobre na classe (SANTANA, 2011)

Foi normal. Foi perfeita. Nós andávamos muito para estudar. É isso! Não tenho muita coisa para contar sobre a minha escola. A gente morava na roça, andava muito para estudar. Não vou dizer que **nós éramos muito inteligentes**, mas ninguém **nunca tomou pau** e ninguém nunca foi reprovado. (Nair Procópio, 2021. “Informação Verbal”)

A professora Nair ao falar sobre sua trajetória no começo da escolaridade normaliza o fato de percorrer grandes distâncias para estudar, evidenciando que eram pobres e que apesar disso, eram bons alunos e estavam dentro da média, pois nunca haviam sido reprovados. Isso nos faz refletir sobre as teorias racistas com relação ao nível de inferioridade intelectual do negro refletida na justificativa dela. Segundo Fúlvia Rosenberg (1987) [...] no Brasil, o alunado negro, em comparação ao alunado branco, apresenta um índice maior de exclusão e reprovação escolar.

Começou muito difícil. Minha mãe morava na Baixada Fluminense, não teve condições de ficar comigo. Eu fui criado com a minha avó, que era lavadeira e foi muito difícil. Passávamos muitas necessidades com relação a alimentação, erámos miseráveis, sabe? (Nilcenei da Cruz, 2021. “Informação Verbal”)

A trajetória escolar da professora evidencia as dificuldades financeiras e expõem as desigualdades sociais a que os não brancos são diariamente submetidos. O percurso por ela percorrido já demonstra uma competição desleal frente aqueles que estão em melhores condições de ter o mínimo. Ao tomarmos conhecimento do ofício da sua avó, cuja ocupação apresenta baixa remuneração e baixa qualificação profissional (SANTANA, 2011). Demostra que, foi com este trabalho que ela como chefe de família conseguiu educá-la.

Eu comecei a estudar ali na escola de Paraoquena quando eu era pequeninha, com seis anos. Depois fomos para roça e eu nunca estudei em uma escola regular. A dona

da fazenda que ensinava as crianças da redondeza. A gente ia lá e ela ensinava a gente a ler e a escrever. Depois eu vim para perto de Paraoquena, para a fazenda do padrinho do Hertinho. Tinha uma professora de Pádua, Ana Maria, se não me engano o nome, que ia dar aula lá. Com 9 anos eu vim para Pádua e aqui em Pádua eu comecei a estudar nas escolas regulares daqui. (Creusa Mendes, 2022 “Informação Verbal”)

Por meio do relato acima, percebe-se que seu percurso escolar a princípio não foi em uma escola regular, mas que a prefeitura designou uma professora para ministrar aulas para as crianças do distrito e o seu contato com a escola regular se deu apenas quando ela já estava com nove anos de idade.

Graças a Deus eu posso falar que eu fui muito feliz na minha vida de estudante. Não tenho nenhum trauma, graças a Deus, mas nessa primeira escola que eu estudei, que era o Salim Simão, eu me lembro de uma coisa, que eu guardo com muito carinho. Nessa escola nós tínhamos aulas específicas de educação para o lar. Eu adorava o dia de educação para o lar, pois ensinava a gente a bordar e cozinhar. Também tínhamos aulas de práticas agrícolas, onde cuidávamos de uma hortinha e tínhamos que lidar com a terra. As aulas de música da professora Sheila era a maior alegria, pois mesmo sem sabermos tocar, ela deixava **todos os alunos** sentarem ali um pouquinho e dedilhar as teclas do piano. Acho que isso é uma lembrança muito boa. Sem falar que todos os professores que eu tive, foram excelentes professores, graças a Deus. Era uma escola sempre muito comprometida. (Cássia Maria S. Souza, 2023. “Informação Verbal”)

Podemos observar que a vida de estudante da professora se iniciou em uma escola regular e que ela sente gratidão por ter passado por esta experiência. Algumas disciplinas como educação para o lar eram ministradas para uma formação de menina. Apesar de ela não explicitar este fato, em se tratando de uma cidade pequena como Santo Antônio de Pádua, de cunho conservador e racista fica evidente que os meninos não participavam desta disciplina. A sociedade dita as questões de gênero desde sempre. Deste modo, quando ela diz “todos podiam dedilhar o piano” e “mexíamos na terra”, podemos ver a participação dos meninos. Ao recorrer as suas lembranças no tempo de escola a professora fechou os olhos e ali, foi como se ela estivesse fisicamente lá, vivenciando tudo novamente, uma sensação que hooks (2017) também expressou ao dizer:

Quando penso na minha vida de estudante, lembro-me vivamente dos rostos, gestos e hábitos de todos os professores e professoras que me orientaram, que me ofereceram a oportunidade de sentir alegria no aprendizado, que fizeram da sala de aula um espaço de pensamento crítico, que transformaram o intercâmbio de informações e ideias numa espécie de êxtase (HOOKS, 2017, p266.).

A experiência escolar positiva na vida de um estudante se torna prazeroso quando se materializa ao compartilhar o quanto o ensinamento fez sentido e se tornou significativo para ele. Sabemos que nem todos vão passar estas vivências de forma igualitária, pois cada ser é único e carrega em si a dor ou a alegria de viver.

Eu sou filha de pais analfabetos. Minha mãe e meu pai estudaram até a quarta série. Mas eles sempre incentivaram a gente estudar. Nós tínhamos nossas obrigações em casa, mas também tínhamos obrigação de estudar, pois **o estudo era o bem mais precioso** que eles deixaram para a gente. (Ana Paula R. Valentim, 2023. “**Informação Verbal**”)

A fala da professora reflete as aspirações das quais sua família tinha com relação à educação. Reconheciam que para se ter um futuro digno, o conhecimento era essencial, pois [...] no mundo moderno, a educação constitui fator essencial para a formação da cidadania e qualificação profissional (CARNEIRO, 2011). Este pensamento nos remete ao ditado popular que diz “Faça o que eu falo, mas não o que faço”. A professora não revelou o motivo da baixa escolaridade dos pais, mas diante das desigualdades em que os negros foram submetidos ficou evidente que as atividades relegadas aos seus não exigia um nível alto de escolaridade.

Os depoimentos das professoras Benedita, Nair, Nilcenei, Creusa, Cássia e Ana Paula se diferem quando observamos que tanto a professora Cássia quanto a professora Ana Paula tiveram um início escolar tranquilo com relação as demais, pois “coincide com o momento em que ocorre o início do processo de ampliação do número de vagas nas escolas públicas do país” (SANTANA, 2011). As dificuldades no percurso escolar as quais elas foram submetidas, ficam evidentes quando foram relatadas a distância percorrida, a exaltação a inteligência, a inclusão tardia na escola regular e ausência de bens materiais como um simples calçado. Situações que são frutos das desigualdades sociais a que os negros foram e são submetidos até os dias atuais.

3.8 A ENTRADA E PERMANÊNCIA PARA O MAGISTÉRIO

Eu comecei a estudar, mas não imaginava que poderia ser professora, pois minha condição financeira não era boa e minha classe social não favorecia. Apesar disso, nunca **sofri** preconceito e nunca deixei ser abatida pelas dificuldades que eu enfrentei. Me formei em 71. Em janeiro de 72 teve concurso, eu fiz e passei. Não passei com uma nota tão alta, mas passei. No meu primeiro ano, eu trabalhei como contratada durante um ano. Foram 3 anos como CLT e depois fui efetivada. Naquela época ninguém ficava desempregado. Você formava e já conseguia trabalho. Eu tinha que ir para longe da roça onde eu morava, atravessava rio, andava de bote. Era longe ir para outra cidade, mas ninguém ficava parado. (Benedita Josefina Oliveira da Silva, 2021. “**Informação Verbal**”)

A inserção da professora no magistério revela a dificuldade que muitos negros tiveram para estudar. Ser professor era uma profissão paga e para poucos; considerada de prestígio. Ao dizer que nunca sofreu racismo, a professora não se dá conta que o motivo de não ter classe social, que reflete em dificuldades econômicas é fruto do racismo como nos aponta Santana (2011).

“O aprofundamento das desigualdades econômicas e, consequentemente, sociais dos negros em relação aos brancos contribuiu para abalar o consenso sobre o caráter democrático das relações étnicas e sobre a inexistência de racismo em nossa sociedade”. (SANTANA,2011, p.31)

É importante destacar a sua persistência em adentrar no magistério quando diz que no começo não era efetiva e buscou através do concurso público a sua estabilidade, mas que esta conquista se deu também através da sua disponibilidade de se deslocar para trabalhar onde tinha oportunidade. Quando analisamos o deslocamento, é importante nos atentar que não devemos reforçar a ideia do esforço pessoal, mas os motivos de sua condição social e a igualdade de oportunidades que está em jogo Santana (2011).

Quando lecionei, meu primeiro trabalho foi à noite, na Escola Doutor Ferreira da Luz que foi escola onde comecei a estudar e fui alfabetizada. Lá foi a primeira escola onde comecei a estudar e também o meu primeiro trabalho, dando aulas à noite para jovens e adultos. Foi uma grande experiência, pois eu também era muito jovem. Chegava na sala, conversava com eles e a gente falava a mesma linguagem. A turma era boa. Claro que sempre tinha um engraçadinho, mas eu sabia lidar com ele com sabedoria. Sempre lecionei aqui em Miracema. Primeiro no Ferreira durante 1 ano, depois na Cachoeira, João Bueno por 20 anos e por último no Miracemense por 10 anos. (**Benedita Josefina Oliveira da Silva, 2021. “Informação Verbal”**)

O comprometimento com o fazer pedagógico da professora se iniciou na turma daqueles que não tiveram oportunidades de estudarem na idade certa. Geralmente com seus modos de vida cercado pelas dificuldades e trajetórias diferentes, que exigiram muito jogo de cintura frente a diversidade presente no ambiente escolar. Sendo assim Santana (2011) vai dizer que: “acolher a oportunidade de alterar nossas práticas de sala de aula criativamente, de tal modo que o ideal democrático da educação para todos possa se realizar”. A sabedoria em que ela fala é flexibilidade para acolher a diferença entre os que são postos como iguais.

Naquela época nós fazíamos o curso do ginásio para professor. Tínhamos que passar do ginásio para o professor. Foi minha primeira escolha. Não tinha opção. Em dois anos fiz dois concursos e passei nos dois. No primeiro não tinha vaga, já no segundo encontrei vaga, mas fora de Laje do Muriaé e aceitei. Fui morar e trabalhar na baixada fluminense. (**Nair Procópio, 2021. “Informação Verbal”**)

Para adentrar no magistério a professora fura o primeiro bloqueio visto que, para fazer o curso de formação de professores foi preciso ser aprovada no processo seletivo. Fica expresso em sua fala que a oportunidade de fazer outro curso não foi possível. Começou a lecionar jovem e descobriu que era preciso se afastar da família para agarrar a oportunidade de trabalho “pois a profissão de professor traz diferencial socioeconômico em relação a maioria da população negra”, Santana (2011). Deste modo ao ter que se deslocar de sua cidade para ministrar aulas no Município do Rio de Janeiro não foi uma escolha e sim uma necessidade.

Eu estudei muito, mesmo! Eu estava com 23 anos. Lecionei em três escolas da zona rural e depois em uma aqui da zona urbana; o Colégio Estadual Prudente de Moraes. Quando municipalizou, os professores foram transferidos para outras escolas e hoje estou no Colégio Estadual Deodato Linhares, onde fui muito bem acolhida. Lecionei sempre aqui em Miracema. (**Nilcenei da cruz, 2021. “Informação Verbal”**)

O relato da professora traz a realidade de muitos brasileiros negros que vão se esforçar mais para “escapar do lugar social historicamente atribuído às mulheres negras” (SANTANA, 2011), o lugar da subalternidade. O esforço em ser aprovada no magistério se evidenciou quando ela disse que estudava de madrugadas. O que nos leva a refletir os processos de superação a que negros tendem a fazer para romper com a lógica de inferioridade intelecto.

A minha entrada no magistério, teve alguns probleminhas também. Por que? Porque faltavam 2 anos para eu me formar no ensino médio. Aqui em Pádua tinham 2 escolas que ofereciam o curso de magistério, uma era no Colégio Estadual Ruy Guimarães de Almeida (CERGA), que era do estado e de graça e o outro era o Cenecista, que era no Caribé da Rocha, só tinha à noite, era pago e eu não tinha como pagar. (**Creusa Mendes, 2022. “Informação Verbal”**)

A professora expõe a dificuldade que teve para terminar o curso do magistério, sem condições financeiras para pagar o curso noturno. Assim, precisou optar pelo diurno que era gratuito e lhe dava condições para estudar.

Porque foi na época em que meu ex-marido foi embora e me deixou sozinha com as crianças. Eu precisava estudar e não tinha como eu trabalhar. Na época, ainda fiquei bem doente, com anemia e depressão. Custei a me recuperar e vencer esses dois difíceis anos. Só consegui graças às ajudas dos professores, dos colegas de sala, da minha mãe e dos meus irmãos. Porque eu não tinha o que dar de comer para os meus filhos, por não poder trabalhar, pois eu precisava estudar; Se eu não tivesse estudado, hoje eu não seria quem eu sou. (**Creusa Mendes, 2022. “Informação Verbal”**)

Nesta ocasião ela disse que contou com uma rede de apoio para que pudesse concluir o curso do magistério. O desejo de sair daquela situação de dificuldades e adoecimento é revelado nos dias atuais, quando ela diz que se não “tivesse estudado não seria quem era hoje”. Mas ao

mesmo tempo é visível a responsabilidade que é imputável à mulher negra na criação dos filhos, logo, ela passa a carregar o estereótipo de matriarca que segundo Davis (2019) “é uma designação cruel e equivocada, porque ignora os profundos traumas que uma mulher negra deve ter vivenciado”. E sendo relegado a mulher negra, fica evidente que não condiz com realidade de exploração e privação a que ela é submetida, logo o termo **Matriarca** que remete ordem social e poder político não faz parte da realidade dela. Esta ilusão exime o homem de culpa ou do zelo que deveria ter. “Assim, qualquer lar que não tem a presença de nenhum homem, a mulher é nomeada matriarca perante a sociedade” (HOOKS, 2022).

Quando eu me vi sozinha aqui, sem profissão e com cinco filhos para criar, eu acho que o magistério para mim, foi a salvação, pois querendo ou não foi a profissão em que eu pude trabalhar e tomar conta dos filhos e de casa, né? Mas eu não tenho nada que reclamar sobre o magistério. Acho que seria mesmo. A minha oportunidade era essa, não tinha outra. Eu até tentei, porque em 88 eu fiz um concurso, mas não consegui entrar nas vagas. (**Creusa Mendes, 2022. “Informação Verbal”**)

Sua entrada para o magistério foi sua salvação, pois a carreira possibilitou a ela ver o crescimento dos filhos. Percebe-se que ela tinha a preocupação com o bem estar dos filhos logo, traçou estratégias, que viabilizassem sua entrada para o magistério e consequentemente no mercado de trabalho.

Os dois primeiros anos eu consegui um contrato. Eu dava aula particular com uma amiga, depois eu consegui um contrato na prefeitura, onde trabalhei por 2 anos. Quando foi em 93, 94, eu fiz o concurso para prefeitura e para o estado. Sou professora de 40h no CIEP. A única prova que fiz para professor de 40h foram essas e eu passei nas duas. Aí eu tive que ajeitar a vida lá para **trabalhar o dia inteiro e a noite**. (**Creusa Mendes, 2022. “Informação Verbal”**)

Podemos observar que a sua entrada para o magistério foi através da indicação de uma amiga, a qual ministram aulas particulares juntas. Trabalhou prestando serviço temporário para a prefeitura e teve consciência de que precisava lutar para modificar aquela situação. Assim ao ser efetivada no concurso público, a realidade dela sofreu alterações estruturais, mas é importante pontuar a carga horária de trabalho a que ela precisou se submeter ao [...] esforço sobre-humano para provar a capacidade e inteligência (SANTANA, 2011) para possibilitar uma vida digna para os seus filhos, assim a estabilidade material que conquistou na vida foi graças aos incentivos e cumplicidade familiar (SANTANA, 2011) o que tornou a sua ausência menos dolorida.

Desde pequena, eu sempre ouvia sobre a história do meu avô do coração que chamava Sebastião Venceslau. Minha mãe e todos da família contam, que quando eu nasci, ele vinha me visitar ele falava: “Nasceu **uma professorazinha!**” E aí eu cresci ouvindo essa história, que nasceu uma professorinha. Desde então eu nunca pensei ser outra coisa, porque eu sempre ouvia que tinha nascido uma professorazinha. Então no meu coração eu seria uma professora. (Cássia Maria S. Souza, 2023. “**Informação Verbal**”)

O fato contado pela professora revela que desde criança por ouvir que ia ser uma professora, ela internalizou esta fala como uma profecia e a fez se cumprir na sua vida. Esta situação revela também a alternativa que estava ao seu alcance para sair da rota do trabalho subalterno que era e ainda é recorrente para o povo negro. Uma outra questão é que a carreira de magistério é tipicamente feminina quando estamos falando de educação básica. Homens e mulheres negros e pobres tendem a “escolher” carreiras possíveis para a sua condição (SANTANA, 2011).

Foi nato! A minha vida sempre foi trilhada para o magistério, observando o que os professores faziam de bom. Tudo que era bom eu queria pegar para mim. Eu estudava no Colégio Cenecista Caribé da Rocha. Usava uma saia verde de pregas, que eu achava linda! Eu só pude estudar lá, pois minha mãe ganhou **uma bolsa integral**. Era uma escola particular, então a gente não tinha **condições de pagar**, então por conta dessa bolsa eu consegui estudar lá até eu me formar, no curso do Magistério. (Cássia Maria S. Souza, 2023. “**Informação Verbal**”)

Podemos constatar que a professora não possuía condições financeiras para custear os estudos evidenciando a profunda desigualdade socioeconômica (SANTANA, 2011) que pairava sobre a sua vida. Mas a falta de recursos não foi um impedimento para que a profecia não se cumprisse e na ocasião ela foi contemplada com uma bolsa de estudos. De acordo com Góes e Cunha, com a tomada do poder pelos militares, em 1964 as verbas públicas eram transferidas às instituições particulares. Podemos compreender que a ausência de recursos para as escolas públicas, foi causado pelo desvio para as escolas privadas. A oportunidade da professora não pode ser vista como a da maioria das crianças negras, que historicamente é excluída da escola. É compreensível que a sua mãe tenha contado com a ajuda de um terceiro, o que favoreceu para que ela obtivesse esta bolsa de estudos.

Foi assim que eu me formei em 87 e em 88 eu já estava trabalhando. Aqui, até uns 10 anos atrás... Uns 10 anos? Por aí. As creches não **tinham férias**, não fechavam, ficavam abertas o ano inteiro. Professores e funcionários tinham férias cada um no seu mês. Não era igual as férias escolares em que as escolas fechavam em janeiro e abriam somente em fevereiro para receber os alunos. Então eu fui para essa creche, por conta disso; para dar férias aos professores regentes. Eu dei férias para todo mundo e

terminando as férias, eu já fui contratada como professora da escola. (Cássia Maria, 2023. “**Informação Verbal**”)

A professora relata que após a conclusão do curso, recebeu uma oferta de trabalho em uma creche. Ao olharmos para a história da educação fica claro que a função da creche era cuidar de forma assistencialista, deste modo quando ela diz que a instituição não fechava, podemos inferir que era uma forma de ajudar os pais que deixavam seus filhos lá porque precisavam trabalhar. Naquele espaço os familiares sabiam que as crianças estariam sendo cuidadas. Ela que no início era substituta passou a ser regente, pois, mesmo que ainda seja pequena a presença de negros na carreira do magistério, talvez seja uma das principais carreiras escolhidas pelas mulheres negras. (SANTANA, 2011).

Nós éramos de uma época muito diferente. O professor era valorizado, era estrela. Toda criança sonhava em ser professor. Eu, por exemplo, tive uma professora de Matemática em quem muito me espelhei quando eu fiz matemática. Naquela época os alunos respeitavam muito o professor e os pais não admitiam que os alunos fizessem algo de errado na escola. Então a gente entra... Eu entrei na educação pensando em um conto de fadas e não é nada disso. Mas acredito que podemos reverter isso. Foi a minha primeira escolha e eu não me vejo em outra função. (Ana Paula R. Valentim, 2023. “**Informação Verbal**”)

A fala da professora denota um saudosismo com relação ao tempo em que era estudante em que a figura do professor era centralizada. Deste modo esta imagem positiva dotada de status que fez parte da sua infância refletiu na sua escolha profissional. Ela reconhece que a sua relação com o magistério hoje, se difere do tempo de estudante, mas nutre-se de esperança, pois sabe – “a conquista do lugar a que fez jus” (FERNANDES, 2007).

Na verdade, eu comecei dando aulas particulares. Desde muito nova eu dava aulas particulares. Eu tinha uma mesa onde colocava alguns alunos (que ainda hoje continuam me chamando de tia). Os colocava sentados e ali eu dava as minhas aulas. Comecei ali. Até que num belo dia me ofereceram trabalho numa escola particular para substituir uma professora que estava grávida e com problemas de hipertensão. Eu também estava grávida, mas por ter tido uma gravidez bem saudável, não vi problemas nenhum em aceitar o trabalho. Trabalhei de setembro a dezembro nessa escola, ganhei meu filho um dia depois que iniciaram as férias e no ano seguinte eles me chamaram para trabalhar como professora regente da turma. (Ana Paula R. Valentim, 2023. “**Informação Verbal**”)

Sua trajetória profissional se deu de forma improvisada em sua residência, dando aulas de reforço e assim, ela tinha sua renda com as aulas. É importante destacar que ela estava grávida e sua condição não a impossibilitou de trabalhar como professora substituta agora em

um espaço formal. O bom trabalho realizado lhe gerou uma oportunidade na carreira do magistério em uma escola particular como docente.

Observa-se que as professoras entraram para o magistério através de muito estudo para passar nos concursos públicos. As oportunidades de trabalho para onde foram alocadas não foram escolhas delas. Nem todas conseguiram permanecer perto da família. Como é o caso da professora Nair, que precisou se mudar para a capital do estado do Rio de Janeiro, na região da baixada fluminense, no município de Duque de Caxias. Ou seja, as vagas eram disponibilizadas de acordo com a necessidade das escolas, deste modo Santana (2011) vai dizer que: “a mudança de espaço geográfico (de uma cidade para outra, de um estado para outro) pode modificar a forma como cada pessoa pensa a sua própria identidade negra”.

3.9 AS RELAÇÕES DE TRABALHO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

O que eu não sabia também, eu buscava. Algumas metodologias da alfabetização de vez em quando mudavam e eu não sabia como proceder, então, mesmo em pleno domingo, eu deixava os meus filhos pequenos em casa, pegava a bicicleta e ia atrás da tia Ricarda, Ana Maria, Iolanda e Fernando Nascimento para eles me ajudarem. Na escola, qualquer mudança ou algo importante eles falavam: Vamos comunicar a Benedita! Eu trabalhei 20 anos numa escola chamada João Bueno, com crianças carentes, aquelas crianças que eu tinha que ir na padaria, pois não tinha o que comer e eu comprava pão doce e as dava de merenda. (**Benedita Josefina Oliveira da Silva, 2021. “Informação Verbal”**)

A professora expressa sua vontade de ensinar e melhorar a sua prática no ambiente escolar reconhecendo que precisa se qualificar e buscar ajuda para encarar o novo. Deste modo [...] a busca de um conhecimento que nos permita unir teoria e prática ...na sala de aula se torna um lugar dinâmico onde as transformações das relações sociais se atualizam concretamente ... entre o mundo exterior e o mundo interior” hooks (2017). Assim fica evidente que as relações de trabalho da docente vão além do ambiente escolar, com a rede de apoio, mediada por profissionais que a ajudavam na construção do saber. A professora negra reconhece as dificuldades financeiras e privações que as crianças estão vivendo e como isso pode influenciar na aprendizagem delas. Uma realidade dura, que reflete as desigualdades sociais existentes. Segundo Santana (2011):

O professor, ao se deparar com a realidade escolar na qual os alunos com maiores dificuldades econômicas e de aprendizagem, principalmente, são os negros, irá se sentir impelido a tentar modificar tal quadro, para que esses alunos possam vivenciar a experiência escolar em bases diferentes das que ele teve oportunidade de vivenciar (SANTANA, 2011, p.130).

A menina negra que enquanto criança foi contemplada com uma bolsa de estudos por não ter condições financeiras, agora como professora, retribui de forma solidária a ajuda que recebeu, pois compreendeu que, a escola, é “o espaço onde se rompe o pressuposto de que todos nós partilhamos as mesmas origens de classe” (HOOKS, 2017).

Quando você acaba de entrar numa escola, eles pegam as turmas piores e te dão. Aquelas turmas com **crianças rejeitadas**. Quando cheguei no primeiro dia na escola, aconteceu um fato interessante. A diretora falou comigo: Oh, Benedita! A sua turminha esse ano vai ser a sua primeira, com as criancinhas de 6 anos que entraram. Eu senti frio na barriga. Falei: “Meu Deus!” Metodologia nova, eu só pensei assim e falei: “Tá bom.” (Benedita Josefina Oliveira da Silva, 2021. “Informação Verbal”)

A fala da professora nos acende um alerta sobre as crianças rejeitadas. Ela não expressa a racialidade das crianças, mas em se tratando de rejeição, historicamente podemos pensar em crianças negras como nos aponta Cavalleiro (2000) que [...] a uma existência de práticas discriminatórias existentes na relação interpessoal entre adultos. Ao assumir a turma das crianças estigmatizadas a professora também precisou se qualificar para desenvolver [...] estratégias pedagógicas que criam rupturas na ordem estabelecida, que promovem modos de aprender que desafiam a hegemonia burguesa (HOOKS, 2017).

Teve uma época, que teve uma festa no João Bueno, a menina que era diretora adjunta, se chateou comigo porque a diretora geral me chamava as vezes para ajudar a conseguir prendas para as festas. Uma vez ela falou comigo assim: Eu acho que vou mudar de cargo com você. Eu perguntei: “Por quê?” Ela respondeu: “Porque a Neide só chama você, para fazer tudo (Risos).” Eu falei: “Minha filha, eu não estou aqui para tomar seu lugar.” (Benedita Josefina Olivera da Silva, 2021. “Informação Verbal”)

A fala da professora evidencia sua ação para além da sala aula. Sua capacidade de socialização a fez ser percebida pela diretora que a via como aliada para os projetos. Porém, tal ação causou estranheza na diretora adjunta que enxergou esta aliança como uma afronta, [...] pois uma identidade racial branca que se estabelece como algo bom e melhor que as demais [...] denota um conflito racial latente no qual os brancos se sentem ameaçados, Santana (2011). A destreza da professora foi um incômodo para a diretora adjunta que não tinha a mesma percepção que a diretora de [...] dar mais ênfase a partilha e a troca de postos de trabalho para criar um ambiente onde a pedagogia engajada possa se sustentar (HOOKS, 2017).

Sempre fui na minha e nunca criei caso com ninguém (risos). Na escola, eu tinha as minhas obrigações. Chegava, fazia o que eu tinha de fazer, combinava com todos e

nunca tive problemas com alunos, Graças a Deus! Isso eu posso falar como diz... de carteirinha. (Nair Procópio, 2021. **“Informação Verbal”**)

A fala da professora expressa seu modo de viver, mas ao mesmo tempo podemos refletir: De que forma podemos nos relacionar com pessoas diversas e não ter conflitos, seja no campo das ideias ou ambiente escolar e fora dele? Deste modo, sua fala expressa passividade que transborda em um [...] sentimento de que, se simplesmente não afirmarem sua subjetividade, terão menos probabilidade de serem agredidos (HOOKS, 2017). Para uma mulher, professora e negra, assumir sua subjetividade em um espaço predominante branco é difícil, pois seu corpo negro vai sobressair frente ao estereótipo da não intelectualidade. Neste sentido, podemos pensar que, ao dizer que “nunca criou casos” e “não teve problemas” ela estaria se preservando para não [...] ser vista como pretensiosa ou mandona (HOOKS, 2017).

O corpo docente é e sempre foi muito legal e amigável. Sempre trocamos experiências. Uns ajudando os outros. Já os meus alunos, sempre foram muito respeitosos comigo. Claro que de vez em quando eu tinha que mandar um ou outro para a direção da escola. Não era bem um atrito, mas eu não aceitava muitas coisas que estavam acontecendo, sempre questionava. (Nilcenei da Cruz, 2021. **“Informação Verbal”**)

A fala da professora demonstra que as relações interpessoais foram amistosas, cercadas de amorosidade. E quando foi preciso, exerceu o seu poder de fala pois [...] havia um espírito de rebelião que tomava posse da língua (HOOKS, 2017). As interações por vezes exigem diálogos que podem ultrapassar a respeitabilidade que não é expresso pela professora. Pois sendo ela mulher, negra e professora, comprehende, que em espaços de poder é preciso [...] subverter a cisão entre mente e corpo estar presentes por inteiro e consequentemente com todo o coração na sala de aula. (HOOKS, 2017) e em outros espaços também que insistem em nos silenciar.

Ah! Eu me dava muito bem com meus colegas de trabalho. Às vezes você tem um atrito ou outro com a direção né? Como eu era uma professora que dava 30 aulas e depois tinha que dar mais 16 aulas pela prefeitura, às vezes você **tinha algum conflito** por precisar ser liberada para alguma coisa e não ter permissão. Eu tentava trabalhar assim, tudo que eu fazia no estado era no horário do estado e tudo que eu fazia na prefeitura, era no horário da prefeitura, mas você sabe que eles sempre dão um jeito de inventar uma coisa e te obrigar a ir mesmo sabendo que você também é comprometida em outro lugar. **Mas a gente sempre tinha um jogo de cintura.** Hoje sou aposentada e sinto muita falta do convívio com os colegas, das festas e das outras coisas que a gente fazia. Era muito bom! (Creusa Mendes, 2022. **“Informação Verbal”**)

A professora relata as dificuldades de trabalhar em dois lugares diferentes e que precisava ter muita cautela nas relações de trabalho para não ser prejudicada. Ela precisou se esforçar para cumprir com suas tarefas de modo que a sua presença não reforçasse o estereótipo do negro sem compromisso. Diante das adversidades que foram surgindo ela aprendeu a harmonizar, adaptar e lidar com coisas difíceis (HOOKS, 2022). Porque [...] o esforço consciente e deliberado dos brancos para sabotar a construção da autoconfiança e do autorrespeito da mulher negra é real (HOOKS, 2022).

A minha primeira experiência na creche foi uma experiência maravilhosa. A diretora Lídia Maria de Castro, era uma diretora muito engajada com a creche. Parecia uma creche de primeiro mundo. Ela, enquanto diretora, se preocupava em trazer todo mês para nós uma formação para que pudéssemos aprender coisas novas. A creche financiava muitos cursos para a gente e isso nos fazia crescer lá dentro como profissionais. Por ser uma creche Espírita, tinha-se uma preocupação em trabalhar o também nosso espiritual. Toda semana ia uma pessoa diferente para almoçar conosco e nesse almoço tínhamos um momento de conversa e de leitura da palavra. (**Cássia Maria S. Souza, 2023. “Informação Verbal”**)

A professora expressa a gratidão em relação a sua primeira oportunidade de trabalho. Ressalta a qualidade da diretora que segundo ela era engajada, o que refletia na estrutura física do local e consequentemente no corpo docente da escola, que era dinâmica. [...] fluída estava sempre mudando (HOOKS, 2017). As relações institucionais transpassam as fronteiras da aprendizagem como se tivesse uma preocupação com o bem estar dos funcionários, através das leituras e diálogos.

Quando eu fui para Santa Cruz houve uma **estranheza** da minha parte. Primeiro por eu ter ido para Santa Cruz. Segundo, porque passei em 7º lugar e tinha o direito de escolha e queria ficar na parte da manhã, porém, a **diretora** de lá não fez valer o meu direito, pois **queria priorizar os funcionários** que já estavam na creche independente de ordem de classificação. Entendo que eles já eram da creche, no caso, da Escola Municipal Lelia Leite de Faria, mas a partir do momento em que houve concurso e houve a dispensa de funcionários, tem que seguir a ordem de classificação do concurso e quando eu fui pra lá, meu direito não foi respeitado de imediato. (**Cassia Maria S. Souza, 2023. “Informação Verbal”**)

A atitude da diretora em relação a professora é reflexo de uma gestão autocrática. A mesma não consegue aceitar que existe uma hierarquia, que precisa ser respeitada. Enquanto gestora, ela não pode fazer daquele espaço a extensão do seu lar. Tal atitude desestabiliza os novos funcionários que vão se sentir preteridos em relação aos mais antigos.

Então eu fui para trabalhar de manhã, pois só tinha condução nesse período, mas a diretora insistiu em me colocar para trabalhar a tarde mesmo não havendo condução para eu ir para Santa Cruz. Desse modo, precisei fazer valer meus direitos indo até a Secretaria de Educação, que precisou entrar em contato com a diretora para resolver a minha situação. Depois disso, entrei na escola com as pessoas me olhando atravessado, pois você entra como se você tivesse causando tumulto, mas não foi minha intenção causar tumulto, mas sim exigir o meu direito! (**Cássia Maria S. Souza, 2023. “Informação Verbal”**)

A atitude da professora em recorrer às instâncias superiores para efetivar um direito que era dela, nos faz refletir que as barreiras existentes na vida de uma mulher são cotidianas. A professora negra que conquistou sua vaga por mérito não estava disposta a recuar e muito menos aceitar a proposta da diretora. Ela compreendeu que estava sendo violada e precisava agir com cautela para não ficar prejudicada. Hooks (2017) nos ensina que “Achar a própria voz não é somente o ato de contar as próprias experiências. É usar estrategicamente esse ato de contar-achar a própria voz para também poder falar livremente sobre outros assuntos.

Olha! Nessa escola eu comecei como professora de 1º ao 5º e minha trajetória foi galgada ali. Já passei por três diretores ali na escola. Já vi muitas pessoas entrando e saindo e sempre tive bom relacionamento com todos. Pela prefeitura eu comecei pela escola de São Pedro, que é um distrito de Pádua. Lá eu fiquei um ano também. Deixei muitos amigos. Depois eu vim pra escola Viva e nessa escola eu precisei adequar o meu horário do Centro Educacional Professor Ruy Azevedo (CEPRA) com o horário do município. Porém, a escola Viva já estava ficando muito apertado para mim, então resolvi ir para a Escola Municipalizada Deputado Armindo Marcílio Doutel de Andrade (EMDAMDA), que é a escola que eu estou hoje. Trabalho no turno da noite e me apaixonei pela EJA. Aqui já passaram muitos alunos bons e acaba sendo aprendizado. (**Ana Paula R. Valentim, 2023. “Informação Verbal”**)

A professora fala com entusiasmo sobre sua trajetória como professora, agora concursada e efetiva. É perceptível que sua relação interpessoal foi tranquila, pois estando ela atuando no espaço privado e público, traçou estratégias para conciliar as duas matrículas como professora. Assim, ela passa a encarar um novo desafio ministrando aulas para jovens e adultos, em um lugar onde ela se reconhece e expressa a sua paixão. Segundo hooks (2017):

“Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de auto recuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidência é o elo entre as duas-- um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra.” (**HOOKS, 2017.p.85**)

Deste modo a paixão exposta na fala da professora se reflete para a sua prática pedagógica, que reconhece que os alunos também têm algo a ensinar. Ela [...] transforma a sala de aula num espaço onde a experiência é valorizada, não negada nem considerada sem significado (HOOKS,2017).

3.10 AS ARTIMANHAS DO RACISMO BRASILEIRO

Eu nunca percebi, porque antes de eu dar aula, eu trabalhava de balcônista numa loja de boutique, então eu já conhecia muita gente e muita gente já me conhecia da Boutique da Marlege. Já sabiam quem eu era. Eu era filha de lavadeira, estudava, me formei, pois queria ser professora, depois fui trabalhar na boutique e a partir daí fui melhorando. Então sempre foi assim. Todo mundo me conhece. Hoje, meus filhos têm como referência a dona Bené. Eu sempre falei com eles: “Oh! Faça por vocês mesmo. Não seja alguém que chega no lugar e as pessoas vejam vocês como o filho da dona Bené. Vocês precisam fazer o próprio nome de vocês. Mas eu afirmo para você, que **eu nunca sofri discriminação.** (Benedita Josefina Oliveira da Silva, 2021. “**Informação Verbal**”)

A fala da professora traz a ideia de que se você está trabalhando e tem uma certa estabilidade, não será discriminado, o que nos faz perceber que o mito da democracia racial influenciou seu modo de viver. Pois sendo ela mulher negra, é um alvo duplo potencial do sexismo e racismo. Segundo Santana (2011):

Entende-se que a discriminação étnica se evidencia quando, em condições sociais dadas, de suposta igualdade entre brancos e negros, se identifica um favorecimento para um determinado grupo nos aspectos social, educacional e profissional. Fato que expressa é um processo institucional de exclusão social do grupo, desconsiderando suas habilidades e conhecimentos. (SANTANA,2011. p.26).

A compreensão do preconceito nem sempre é perceptível e as pessoas têm dificuldades de reconhecê-la, mas quando analisamos o início do percurso escolar da professora podemos dizer que ela estava sofrendo preconceito, pois ela só conseguiu acessar a educação escolar através da bolsa de estudos, em uma escola particular. Logo, ela faz parte da parcela da população excluída socialmente vítima do [...] racismo brasileiro... na sua estratégia e nas suas táticas agem sem demonstrar a sua rigidez, ...ambíguo ..., mas altamente eficiente nos seus objetos (MOURA,1994, p.160).

Teve um dia que eu fui dar uma palestra em Palma para uma colega que trabalha lá. A palestra foi sobre alfabetização. Estava indo de carro com a minha amiga Raquel.

No meio do caminho eu não sei o que aconteceu com o carro, que deu um problema e nos atrasamos para chegarmos lá. Só sei que chegamos lá com meia hora de atraso. Quando cheguei, todos estavam em pé me esperando. Confesso que estava tremendo um pouquinho, diante daquele auditório grande. Eu comecei a rir e disse assim para as meninas: Eu aposto que vocês estavam esperando uma pessoa **grande, alta, loira e bonita.** (Benedita Josefina Oliveira da Silva, 2021. “Informação Verbal”)

Ao analisarmos a fala da professora percebemos que ela utiliza o estereótipo que é empregado ao negro: o de não ser possuidor beleza e faz pilharia reforçando características positivas referentes a uma mulher branca. Por outro lado, ela não reconhece que ter uma estatura mediana e ser uma mulher negra não faz dela uma mulher feia. Assim, no seu inconsciente ela reconhece que não faz parte do ideal beleza [...] símbolo da nacionalidade brasileira, idealizada conforme os padrões de cultura, estética e comportamento dos brancos (SANTANA, 2011).

Nada! Nunca tive problema com isso. Não assim. Barreiras não. Silenciou... Não! Não ouvi nada e nunca percebi nada com relação ao preconceito. (Nair Procópio, 2021. “Informação Verbal”)

Ao analisar a fala da professora fiquei me indagando sobre o quanto somos silenciados através de olhares, ações, gestos e ensinados a não revidar. O corpo da mulher negra é visto como intruso e ao dizer que nunca viu ou ouviu nada, dá a entender que ela [...] valoriza o silêncio diante dos evidentes conflitos étnicos (SANTANA, 2011). Diante da diversidade que se faz presente na escola até que ponto não vemos nada? Seria uma forma estratégica de se fazer despercebida e não confrontar nada que está posto? Segundo Santana (2011)

O silêncio que acomoda, que não cria conflito, que não radicaliza. O silêncio que privilegia alguns setores de nossa sociedade em detrimento de outros, o silêncio que sua metamorfose se transforma em omissão. O silêncio que impede a efetivação de políticas públicas de combate ao racismo, o silêncio que aborta potencialidades humanas, o silêncio que coloca a nós, negras e negros, na condição de desumanos (SANTANA.p.39, 2011)

É importante ressaltar que rememorar situações que estavam adormecidas traz sofrimentos e desconforto ao compartilhar-lhos, isto também é relevante dada a situação de que vivemos em um país que nutre no imaginário a negação do racismo [...] em larga medida, a visão de um país sem preconceitos ou, se muito, detentor de um racismo cordial. (SANTANA, 2011).

Realmente, as barreiras, a gente tem que desafiar, pois como professora negra, a gente tem que furar bloqueios. Eu por exemplo, furei meu primeiro bloqueio quando fui aprovada no magistério. Depois a gente vai encontrando uma certa dificuldade de aceitação até mesmo por parte de pais de alunos. Aquela professora é negra. Às vezes nem aceita a gente como professora dos filhos deles. Com o passar do tempo a gente foi se resolvendo. Esse tipo de desafio foi acabando graças a Deus. (Nilcenei da Cruz, 2021. “Informação Verbal”)

O relato da professora traz situações que ela teve que enfrentar para permanecer no espaço do não lugar que historicamente é colocada a mulher negra. Como professora, ela comprehende as implicações e prejuízos que o estereótipo da baixa intelectualidade trouxe para a vida dela. Devido ao seu esforço pessoal fica evidente que ela precisou [...] inventar, criativamente, novas maneiras de cruzar fronteiras (HOOKS, 2011) mostrando sua capacidade e comprometimento, conquistando a confiança dos pais, da comunidade escolar.

Hoje eu acho que está bem melhor para se lidar. Sim! A cor da pele realmente é uma barreira e a gente precisa estar bem consciente disso para não sofrer. Uma vez eu namorei um... Namorei não! Eu gostei de uma pessoa há mais ou menos quarenta anos atrás e isso pesou bastante, porque ele era um homem branco e eu, uma mulher negra e isso interferiu bastante no relacionamento. (Nilcenei da Cruz, 2021. “Informação Verbal”)

A fala da professora evidencia sua consciência com relação ao racismo tão naturalizado na sociedade. Ela sendo uma mulher negra, relata o seu relacionamento com um homem branco e “o medo racista de que a aceitação social de relacionamentos amorosos” (HOOKS, 2011) a fizeram declinar. Pois ela sabia que cor da pele era um impedimento e consequentemente [...] ameaçava perturbar, pôr em xeque e desmontar o poder branco e a concomitante ordem social ...entre um homem branco e mulher negra (HOOKS, 2011)

Com certeza! Por incrível que pareça essa escola na qual te falei que trabalhei, não tinha **nenhum problema em relação a minha cor**, por parte dos professores e funcionários. Inclusive, lá tinha, por exemplo, a orientadora pedagógica, Maria Rosa, que também era negra como eu. Por parte de alunos sim! Existem muitas pessoas que são racistas mesmo, mas nada que eu tenha sofrido e pudesse falar com você. Eu acredito que meus filhos sofreram mais preconceito que eu. Por exemplo, meu filho Alexandre, que é advogado em Miracema e sofreu preconceito dentro da prefeitura por ter feito Direito. O indagaram de o porquê dele jogar dinheiro fora fazendo direito. (Creusa Mendes, 2022. “Informação Verbal”)

A professora inicia a fala, expressando a ideia de que há uma hierarquia direcionada às funções escolares quando diz que enquanto orientadora pedagógica não sentiu que havia sofrido preconceito, [...] passando a ideia de que as pessoas não viam a sua cor (SANTANA,

2011). O que a diferenciou enquanto ela atuava como professora, afirmando ter sofrido preconceito, por parte dos alunos. Santana (2011) destaca que “esse tipo de postura representa as dificuldades em aceitar a existência da discriminação racial, pois isso pode significar algo muito doloroso que atinge a autoimagem das pessoas” É interessante quando ela traz a realidade vivida pelos filhos, inconscientemente a professora [...] parece tomar para si a violência sofrida por eles (SANTANA, 2011).

Em relação a minha filha mais nova, as coleguinhas que estudavam com ela no Barão, não se achegavam muito a ela por causa da sua **cor** e **ela nem é tão negra**. Eu falo que eu sou negra, mas tenho um bisavô índio e um bisavô italiano. **Então são 3 castas**, esses sangues correm em nossas veias também, por isso, temos **um pezinho lá e cá**. Entendeu? Já o meu ex-marido não, pois o pai dele era branco e a mãe era negra. Então meus filhos também têm essa tendência em não serem tão fechados na cor. Mas no geral, eu sou uma pessoa bem aceita e acho que sempre fui. Problema ou outro todo mundo tem. (Creusa Mendes, 2022. “**Informação Verbal**”)

A mulher negra, mãe e professora expõe a realidade cruel sofrida pelas crianças na escola. Uma violência que por vezes é silenciada e a vítima neste contexto são as crianças negras que carregam o estigma da pele e não ter dificuldades para estabelecer uma identidade positiva (CAVALLEIRO, 2000). É importante ressaltar que a escola enquanto espaço de aprendizagem deve adotar medidas de combate à discriminação e não se eximir perante essas situações. Eliana Cavalleiro vai dizer que “de modo silencioso ocorrem situações, no espaço escolar, que podem influenciar a socialização das crianças, mostrando-lhes diferentes lugares para pessoas brancas e negras”. (CAVALLEIRO, 2000, p.98)

Sobre o racismo que a filha sofria na escola a professora deixa escapar que foi influenciada pelo pensamento que muitos brasileiros têm em relação ao que é ser negro. Ao olhar para a cor da pele, os que possuem uma alta concentração de melanina vai ser considerados negros, descendentes de africanos, já os de tonalidade mais clara podem ser confundidos com as pessoas brancas. Neste contexto fica evidente que ela reconhece, que ser negro é uma carga pesada, porque ele traz os estigmas e os estereótipos negativos que são relacionados à escravidão. Assim, ela afirma que a filha “não é tão negra assim”, pois não ser considerado como negro é ser inserido em um grupo, mesmo que seja baseado nas características raciais e/ou na cor da pele – aquela moreninha, a menina de cor (CAVALLEIRO, 2000). Uma outra questão é que ela passa uma sensação de ter uma certa superioridade com relação ao seu ex-marido quando diz que possui três castas por descendência (preto, índio e italiano) enquanto ele traz em sua essência (branco e negro). O que nos faz

pensar que o fato de ser descendente de italiano para ela é ter status. Quando compreendemos a constituição em que se deu o Brasil percebemos que as questões raciais foram perpetuadas nos moldes de uma democracia racial que não existiu. Logo compreendemos a dificuldade em assumir uma identidade nacional a partir dos afrodescendentes (RAMOS, 1995).

Já percebi algumas situações e outras eu nunca percebi. Mas como professora negra, já participei de vários concursos apresentando o meu trabalho e graças a Deus eu **tive privilégio** de ganhar como professora nota 10 em um concurso em Pádua a nível de Estado. Trabalhei na Secretaria de Educação, sou membro do Conselho Municipal de Educação e do Conselho Municipal de Cultura. Então eu **não tive essa rejeição** ou não percebi, até por conta de que eu sempre procurei fazer muito **bem o meu trabalho**, sempre procurei fazer formações para me capacitar e assim as pessoas vão sempre indicando né! (Cássia Maria S. Souza, 2023. “Informação Verbal”)

A fala da professora ao dizer que nunca percebeu o racismo é compreensível pois em um país que insiste em negá-lo, a pessoa tem dificuldades em identificar se está sendo discriminada ou não. Mesmo porque, as formas como se dão as relações raciais no Brasil apresentam-se ambíguas, havendo situações em que o racismo incide de maneira camouflada (SANTANA, 2011). O que nos faz refletir que as mulheres negras se esforçam muito para provar a sua capacidade pois “ocupar espaços significa não só contestar os estereótipos do negro incapaz, mas romper paulatinamente com o isolamento” (SANTANA, 2011), que por vezes é demarcado pela solidão de ser uma exceção. Segundo hooks “se realmente queremos criar uma atmosfera cultural em que os preconceitos possam ser questionados e modificados, todos os atos de cruzar fronteiras devem ser vistos como válidos (HOOKS, 2017.p175)

Ao romper a fronteira dos espaços onde a sociedade pavimenta para que seja ocupado por pessoas brancas, o negro se depara com a realidade de ser o único naquele espaço, o que nos faz refletir que não há uma democracia racial e sim uma exceção racial, que leva muitas pessoas a acreditarem que os que estão de fora não se esforçaram suficiente para estarem no mesmo lugar. É relevante estar nesses espaços, porém é preciso questionar o porquê de sermos os únicos.

Às vezes a gente ouve de colegas ou de pessoas comentando: “Ah, mas ela? Principalmente se você consegue alguma coisa. Quando eu consegui trabalhar na **Secretaria Municipal de Educação** como coordenadora, as pessoas ficaram comentando como que eu havia conseguido e que eu só estava lá **porque eu era negra** e por isso, tinham que me **dá oportunidade**, como forma de **inclusão** do negro. Desse modo, não te reconhecem como pessoa e nem pelo seu trabalho. Preferem ouvir que você entrou porque precisa ser mostrado, que tem negro lá dentro. Desmerecem seu esforço e tudo aquilo que você fez para estar lá dentro, entendeu? (Cássia Maria S. Souza, 2023. “Informação Verbal”)

A fala da professora revela que ela reconhece que por trás da hostilidade sofrida da sua conquista tem também as amarras do racismo e a desconfiança com relação a sua capacidade profissional. Por mais que ela seja qualificada para exercer tal função o fato dela ser uma mulher negra e estar ocupando um espaço de poder, causa preocupação para a sociedade racista. Assim, as diversas possibilidades de inserção social e política a que as pessoas têm direito e acesso em momentos circunstanciais de suas vidas são desconsideradas (SANTANA, 2011). Logo em toda a sua trajetória profissional, a dedicação aos estudos é contestada pela cor da sua pele.

A gente já sofreu alguma coisa. Às vezes a pessoa acha que **tá brincando**, mas ela sempre quer diminuir a gente de alguma forma. Já aconteceu de chegarem aqui querendo falar com o coordenador. Quando eu me apresento como sendo a coordenadora, **a pessoa engasga**, fica indiferente, mas bola pra frente. O Brasil, mesmo sendo um país bem misturado, tem preconceito. Um exemplo é quando você pergunta a determinados alunos sobre o seu **tom de pele**, na secretaria da escola e eles respondem que são moreninhas ou morenos, mas ninguém tem coragem de falar: **“Eu sou preto ou preta”!** A minha cor é preta. Ali na secretaria, a gente não dá o tom da pele às pessoas. A gente pergunta qual o tom de pele delas. Então ali já começa. Ali você já começa a identificar quem tem preconceito e quem não tem. (Ana Paula R. Valentim, 2023. “**Informação Verbal**”)

A professora reconhece o racismo que permeia a sua existência e aponta que o racismo brasileiro se manifesta através das pilhérias à mulher negra, que tem sua subjetividade dilacerada pelo estereótipo de incapacidade intelectual do qual sempre é lembrada, pois estar em ambientes considerados de ascensão social é de certa forma ser lembrado que “nós temos que saber o nosso lugar”(SANTANA, 2011), o do trabalho subalterno, que a sociedade reservou para nós. Assim, ao se deparar com uma mulher negra em posições de liderança as pessoas não aceitam ou não compreende de que forma a professora negra rompeu com o lugar que foi destinado a ela. A professora traz a questão da dificuldade que as pessoas têm em assumir sua negritude, o que nos faz pensar no que Neuza Santos (2022) escreveu: “ser negro não é uma condição dada a priori. No Brasil, ser negro é tornar-se negro”. O tornar-se negro enquanto uma construção social e individual se materializa na concretude de sujeitos sociais, dotados de identidade, corporeidade e memória. (GOMES, 2002, p.42). Deste modo não é fácil aceitar e se reconhecer negro diante dos vários estereótipos negativos que ele recebe.

Os baques que a vida dá: a tristeza tomou o lugar da alegria.

Eu falo com tristeza, mas não é assim tão triste. Tudo tem o seu tempo e infelizmente meus pais não viveram para verem eu alcançar meu sucesso (Ela ficou emocionada e chorou nesse momento). Desculpa, tá! Ela continuou, emocionada... Meu pai falou que a única coisa que ele poderia fazer, era me esperar na porta da escola, na hora da saída, pois as ruas eram muito escuras e eu saí do colégio Cenecista as 21:40, que era a última aula. Ele sempre estava lá, sentando na praça me esperando, cochilando, coitado! Trabalhava o dia todo na roça, lavrando terra (Se emocionou e chorou). Na minha formatura ele ficou tão comovido, que ele não conseguiu ir. Fomos somente eu, a minha mãe e um rapaz que era meu noivo e também foi meu marido. (**Benedita Josefina Oliveira da Silva, 2021. “Informação Verbal”**)

A fala emocionada da professora reforça o quanto o apoio da família foi importante na sua formação. O seu sonho passou a ser o orgulho dos pais, que viram na educação possibilidade de [...] romper algumas barreiras do racismo e passaram a ocupar posições mais distanciadas da subalternidade (SANTANA, 2011). É importante destacar a presença do seu pai, um homem negro e humilde, para quebrar o estereótipo de que o homem negro abandona os filhos e são ausentes.

Hoje quando eu paro para pensar, vejo que foi Deus. Ele me colocou nesse caminho e me fez ser o que sou hoje, pois como eu poderia ter chegado até aqui e ser professora? Saí da roça com 10 anos, comecei a estudar com 11 anos e com 21 já estava dentro de uma sala de aula. (**Benedita Josefina Oliveira da Silva, 2021.**)

A professora demonstra gratidão a Deus por sua trajetória e rememora as dificuldades que teve que enfrentar. Pois sendo ela uma mulher negra e agora professora, ao olharmos sua trajetória podemos concluir que [...] fugir do destino pode ser tão somente não seguir a profissão da mãe e irmãs, não ser doméstica; fugir ao destino pode ser negro e sobrevivente (SANTANA, 2011). Assim sua presença se torna política e quebra estereótipos imputados à mulher negra.

Não! Fato triste eu não me lembro, não. Eu só acrescento Adriana, que nós devemos lutar mais pelos nossos ideais, pela nossa cor, porque atualmente estamos vendo tanta discriminação com os negros. Então eu acho que nós devemos lutar mais, para ver se melhora essa situação. (**Nair Procópio, 2021. “Informação Verbal”**)

A fala da professora ao dizer que não se lembrava de fatos tristes, traz uma certa ambiguidade quando diz que a discriminação está acentuada. Nos dá a entender que antes não existia ou era pouco. Ela reconhece a discriminação como um fato triste, porém não consegue expressa-la. Para Santana (2011) [...] há uma compreensão diferente das formas como se dão as relações raciais no Brasil e na escola. E estas estão intimamente relacionadas com as suas

vivências enquanto pessoas negras, associadas às diferentes formas de se pensar o racismo no Brasil. (SANTANA,2011, p.141).

Me lembro de uma ocasião na escolha de uma professora. Eu ainda não havia terminado meu curso de Letras para dar aulas de Produção de Texto. A diretora então me chamou e disse que daria essa minha disciplina de Produção de Texto para uma outra professora, pois ela lecionava a disciplina melhor que eu. Eu a indaguei dizendo que eu lecionava bem sim, mas ela insistiu que a outra professora era melhor do que eu e a promoveu como professora da disciplina. Aquilo me marcou muito e me machucou muito, sabe? Eu pude perceber que aquela situação se deu pela minha condição de pobre. A outra professora lecionava muito bem também, mas me doeu a forma como ela falou comigo. (Nilcenei da cruz, 2021. “**Informação Verbal**”)

A fala da professora demarca situações em que as mulheres negras vão ser colocadas e lembradas, que sua presença é marcada pelo estereótipo de incapacidade cognitiva, onde se demonstra uma hierarquia que não existe. Ao dizer que não ia lhe dar a oportunidade de ministrar a disciplina, a diretora nos faz refletir sobre [...] o medo das mulheres brancas de que, na presença do poder das mulheres negras, sua autoridade seria diminuída (HOOKS, 2011). A professora disse que a outra docente possuía condições financeiras melhores que a sua, o que nos faz pensar que se tratava de uma mulher branca e de como os pactos da branquitude (BENTO, 2022) são forjados em benefício de uns e em detrimento de outros. O que está posto na verdade é que a ousadia da professora em almejar uma melhoria é transgressora aos olhos da diretora. Logo este corpo precisa ser demarcado com atitudes negativas pois ao [...] fugir ao destino do “lugar de negro” muitas vezes pode significar o rompimento com padrões não só socioeconômicos, mas com os padrões de negro subjugado (SANTANA, 2011).

Olha só, fatos tristes, a gente passa por alguns né. Acho que a única coisa pela qual passei mesmo e que mexeu comigo era a falta de respeito por parte dos alunos. Quando se está a um certo tempo na educação, a gente comece a perceber muitas coisas. Os alunos não respeitam mais os professores. Vemos como os alunos tratavam o professor e como tratam hoje. Tive aluno que me chamava de velha. Essas coisas às vezes magoam a gente. (Creusa Mendes, 2022. “**Informação Verbal**”)

A professora relata com tristeza o desprezo e falta de respeito por parte de alguns alunos, que na compreensão dela é perceptível, pelo fato dela estar muito tempo no magistério. Isto fica evidente quando diz ter sido chamada de velha. Em uma sociedade onde se põe a esperança nos jovens é preocupante constatar que a experiência da qual ela devotou no magistério é descartada, pois na visão deles ela está obsoleta.

Porque hoje em dia as pessoas têm que pedir muito a Deus para chegar na idade que eu estou, que é de **sessenta e seis anos**. Estamos vendo tantos jovens indo embora

cedo desta vida, seja por falta de dedicação aos estudos, por falta de orientação ou apoio familiar. Mas hoje em dia está difícil! O desrespeito com o professor é algo muito triste e as outras coisas a gente tira de letra. (**Creusa Mendes, 2022. “Informação Verbal”**)

A mulher negra e professora é grata pelos anos que viveu e sinaliza a realidade de violência que os jovens negros são submetidos, cada vez mais precoce. Não chegam nem na fase adulta. Esta violência da qual ela expressa preocupação é algo que vem de longe como nos aponta Nascimento (1978) ao discutir e denunciar a história de violência impostas aos negros e negras durante e após processo da escravidão.

A escola é muito acolhedora. A gente recebe muitas **crianças de inclusão** e a UFF fez uma parceria com a escola enviando mediadores para nos ajudar no trabalho com esses alunos. Eu me lembro de uma situação muito especial na qual eu organizei um projeto de recomposição da aprendizagem porque a gente estava com muitas crianças no terceiro, quarto e quinto ano, na escola, que não sabiam ler e nem escrever. Para os alunos de inclusão eu preparei um projeto específico de acordo com as necessidades deles, assim, eles não ficariam com esse grupo de alunos que participaram da recomposição. A coordenadora da UFF, na época, não entendeu o projeto. (**Cássia Maria S. Souza, 2023. “Informação Verbal”**)

A professora rememorou uma situação difícil que aconteceu com ela quando ao desenvolver um projeto com as crianças ditas normais, apresentou uma outra proposta diferente para os alunos com necessidades especiais. Ela ao identificar essas necessidades das crianças, usou a sua autonomia para executar o projeto. Sua atitude não foi compreendida e foi tomada como preconceituosa.

Eu tinha dois alunos de inclusão e ela os retirou. Ela procurou a direção da escola, a pressionou e exigiu a retirada desses alunos da minha turma, sem que eu soubesse o real motivo, que a meu ver, não tinha. A diretora me chamou e falou: “Cássia, eu vou ter que retirar os alunos, pois a gente precisa desses mediadores e ela falou que se eu não retirasse os alunos da sua turma, que ela iria retirar os mediadores da escola. (**Cássia Maria S. Souza, 2023. “Informação Verbal”**)

Ao ser pressionada por uma profissional externa da escola ela cede ao pedido dela, pois diante da crescente demanda de crianças com necessidades especiais, a presença dos mediadores era fundamental. Ou seja, a professora é preterida diante desta situação, que se manifesta em jogo de poder, onde um manda e o outro obedece.

Na época eu fiquei muito aborrecida com essa situação porque eu achei um absurdo uma professora que não é da rede Municipal e nem da nossa escola, entrar no nosso ambiente escolar e ditar regras. Faça o que eu quero ou eu tiro a minha mediação! **Então muitos ficaram ressabiados de conversar comigo** e isso me deixou bastante

chateada, pois é o próprio colega puxando o tapete do outro sem nenhum tipo de diálogo. Ela tirou as próprias conclusões dela e já deu decisão dela. Nunca houve uma abertura para conversarmos e entendermos uma a outra. (**Cássia Maria S. Souza, 2023. “Informação Verbal”**)

Até que ponto devemos resistir diante das opressões e a desqualificação no ambiente de trabalho? Ela relata a decepção e a revolta, pois na sua concepção, a incompreensão da professora externa e por parte de alguns profissionais, sinalizou como um desafio que se repetia. “Você é forte o suficiente para lidar com o isolamento, crítica?” (HOOKS,2007)

Ela já chegou com pensamento fechado e discriminatório e só depois, quando ela e os próprios colegas começaram a perceber os resultados através da evolução dos alunos ditos normais, que começaram a ler e a escrever, foi que ela procurou conhecer mais a fundo o projeto e começou a visitar a escola. A partir daí, **ela entendeu**. Foi sincera em ir até à escola, pediu a fala e se desculpou, reconhecendo que interpretou mal o projeto. Mas naquela época **eu fiquei bastante chateada** com essa situação. (**Cássia Maria S. Souza, 2023. “Informação Verbal”**)

O relato da professora traz a realidade das docentes da educação básica, que se diferem do professor que atua no nível superior nas relações interpessoais que se dão de forma hierárquica, a tal ponto que para a mulher negra fica [...] difícil dar voz aos modos como são machucadas e feridas (HOOKS, 2007). Neste contexto o professor externo ao tomar conhecimento da real essência do projeto, toma coragem e percebe que não existe, tampouco, diálogo sem esperança. A esperança está na própria essência da imperfeição dos homens, levando-os a uma eterna busca. (FREIRE,2019). Uma escola que busca a transformação social para educar pessoas que sejam capazes de criticar a realidade existente deve aceitar e trabalhar com a extensão universitária, mediando as situações, de modo que fique evidente que: não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão (FREIRE,2019).

O fato mais marcante que nós tivemos é daqui da EJA. Nós tivemos um aluno, na verdade vários, mas esse aluno veio do Rio de Janeiro, mas por algum motivo, a gente não procura saber por qual motivo ele veio. A gente nem precisa saber o sobrenome. A gente matricula e pronto. Depois de um tempo, que esse aluno veio, descobrimos que ele veio fugido do Rio. Ele estava sempre incomodado, pois queria voltar e a gente sempre falava com ele: “-Kauan, não volta! Não volta! (**Ana Paula R. Valentim, 2023. “Informação Verbal”**)

A professora expõe a realidade de um jovem que teria buscado o recomeço de uma nova vida através dos estudos. Ela revela que a pessoa que tem interesse em estudar é bem vinda e que a sua história de vida não é impedimento para se matricular. E que ao descobrirem sobre determinadas situações com relação a sua vida, viam que ele manifestava o desejo de retornar para a capital.

Entramos num recesso da Semana Santa e quando esse recesso passou, esse aluno nunca mais voltou. O menino tinha 16 anos e não apareceu mais. Um belo dia estávamos aqui na secretaria e veio até nós uma senhora que era a tia, que acolheu ele aqui em Pádua. Ela veio pegar a documentação dele, pois ele tinha perdido os documentos. Ao perguntarmos por ele, a tia nos informou que infelizmente ele veio a óbito, pois retornou para o Rio e um dia depois o mataram. (**Ana Paula R. Valentim, 2023. “Informação Verbal”**)

A realidade dos jovens negros é preocupante quando percebemos que muitos chegam a óbito antes de completar a maior idade. O índice de violência é real. É urgente que as políticas públicas incluam esses jovens, que na maioria das vezes não têm perspectivas de vida. O estado tem se eximido das responsabilidades e negado um dos direitos fundamentais, que é o direito à vida. O que podemos concluir, é que existe um projeto de extermínio letal (NASCIMENTO, 1978) para os jovens negros que se materializa nas ausências. Segundo Gomes e Laborne (2018):

Dentre as causas mais citadas teríamos: a violência urbana, a pobreza e a vulnerabilidade social, o tráfico, a ausência de uma política democrática de segurança. Somado a elas existiria, ainda, toda uma situação de falta de acesso à educação escolar, a ausência de equipamentos públicos de lazer nos bairros pobres, vilas e favelas, baixa ou pouca inserção no mercado de trabalho de maneira digna, pouco acesso aos bens culturais, disputa entre os próprios jovens resultando em morte por armas de fogo. (GOMES; LANORNE, p. .2018)

Assim, a morte do jovem, que é relatada pela professora nos causa dor ao percebermos que a vida de um negro não tem o mesmo valor ao se comparada com a de um jovem branco. É importante ressaltar que este ciclo de violência que incide sobre estes jovens negros é fruto do racismo. Segundo Gomes e Laborne (2018) “o racismo é violento e produz violência. Uma violência que incide sobre determinados sujeitos, portadores de sinais diacríticos específicos, frutos de uma ancestralidade negra e africana”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho nos mostrou que o ambiente escolar impõe certas limitações, porém, em se tratando de convivência, estas acabam por se tornarem flexíveis diante da multiplicidade que circula em todo o contexto. E em se tratando da professora negra que possui suas particularidades, esta é vista de forma diferente perante a sociedade.

O lugar onde deveria abarcar a diversidade racial é minado por teorias, pensamentos e atitudes racistas que perpassam pelo ambiente escolar, onde racismo vem avançando o tempo todo com artimanhas que nos sufocam.

Ao analisar as entrevistas destacou-se algumas teorias racistas que influenciaram no pensamento e na atitude de algumas professoras. O mito da democracia racial propagada pelo sociólogo Gilberto Freire (1900-1987), perpassa até hoje. Muitas não acreditam ou não souberam dizer se sofreram racismo ou não.

Através do estudo aqui exposto foi possível identificar um certo desconforto em falar sobre as questões raciais e o discurso de paridade causou discordância entre elas. Embora elas sejam professoras da educação básica, suas experiências enquanto mulheres negras não são iguais. Elas possuem uma leitura de mundo que se difere e reflete nas práticas escolares, pois, em algumas situações não conseguiram perceber o racismo presente no cotidiano escolar e fora dele, que se manifestou em barreiras geográficas e situações de privações de materiais. Pois para a concepção de algumas, o fato de ser professora é uma blindagem que as protegem.

O percurso escolar de professoras negras e sua existência na estrutura racial tem parte central nesta pesquisa. Ao escutá-las, foi possível refletir sobre as subjetividades das professoras negras no que tange sua circularidade dentro e fora da escola. Neste contexto há uma intersecção entre raça e gênero nos espaços de controle onde elas vão estar.

A pesquisa em questão direciona para uma realidade de abstração por parte das professoras negras no contexto da educação e nas relações sociais e a disparidade no que tange a questão racial, de classe, gênero e estrutural. É no contexto do chão da escola que os corpos são moldados. Neste espaço único, diferentes identidades são forjadas, envolvendo pais e alunos. As recordações nem sempre são agradáveis, por vezes trazem dor, silenciamento e uma descontinuidade por parte delas entre estar presente e se fazer presente.

As lembranças compartilhadas trouxeram fatos adormecidos com relação ao preconceito, à discriminação racial e de gênero. Estes refletiram no ambiente escolar, que os espaços sociais também foram um demarcador na formação e na vida das professoras negras. A oralidade foi utilizada como metodologia para realização das entrevistas através do questionário estruturado.

As informações obtidas nas entrevistas nos revelam que a questão racial é lida como algo secundário, que não faz parte da realidade delas e da qual não souberam dizer se sofreram racismo ou até negaram a presença dele. Esta negação prejudica a formação da consciência das vítimas com relação ao fenômeno que faz parte da sociedade.

É importante ressaltar que em cidades pequenas do interior ser mulher, negra e professora é ter prestígio e destaque. Ir de encontro com o que é posto como não existente pode ser uma estratégia para se proteger de possíveis perseguições em redutos onde a gestão democrática não tem voz.

O que nos faz refletir, que o mito da democracia racial e a meritocracia andam juntas no contexto histórico delas e na atual realidade do Brasil. O racismo que aniquila, que impõem barreiras que nos mantêm à margem das desigualdades, que nos sufoca com a falta de representatividade nos espaços de poder e que reflete em políticas públicas que não são efetivadas integralmente. Só quem passa pelo crivo da discriminação racial é capaz de compreender o quanto é frustrante ser menosprezado e excluído pela cor da pele, que é estigmatizada como inferior.

A educação como campo formador intra e extraescolar deve se posicionar e contribuir na construção da identidade racial cumprindo a lei onde uma outra história é apresentada fortalecendo a diversidade profissional. O início da escolarização delas enquanto crianças negras não foi harmônico, mas se diferem em várias ocasiões e trajetórias marcadas por dificuldades de mobilidade e precarização financeira.

Mas quanto ao quesito familiar elas se assemelham, pois relatam a importância delas na concretude dos seus objetivos e quanto elas eram gratas por isto.

A escolha pelo magistério se deu de forma explícita, a profissão era vista como uma rota para galgar uma vida melhor, considerada de prestígio, que romperia com o destino que antes tiveram suas mães e avós. A mulher negra enquanto professora é orgulho para seus familiares, pois representa a ideia das novas possibilidades para suas carreiras. Todas prestaram concurso público, demonstrando suas capacidades e hoje, elas conquistaram o seu espaço no mercado de trabalho saindo da exclusão social.

É importante ressaltar o processo de escolarização na vida das mulheres negras que se deu graças a ampliação e a democratização da educação (Fonseca, 2009). Destaco a importância dos movimentos sociais e aos trabalhadores que lutaram pela gratuidade de acesso, que possibilitou a entrada delas no magistério, na qual muitas trabalhavam durante o dia e estudavam à noite.

Historicamente a carreira do magistério era ocupada pelos homens brancos, seguida pelas mulheres brancas abastadas e o acesso era restrito. A realidade mudou a partir da popularização da educação onde as mulheres negras passaram a ter a oportunidade de fazer parte do magistério (Fonseca, 2009). Quando isto acontece ela se depara com uma outra realidade, ou seja, o prestígio e a valorização já não eram o mesmo. A maioria delas atuam na

educação básica. Porém, foi através dele que elas tiveram a oportunidade de acessar uma nova realidade no mercado de trabalho, com direitos trabalhistas.

As professoras podem proporcionar uma vida melhor para os seus familiares, mas entendem que a desvalorização do magistério trouxe perdas salariais e precariedade nas condições de trabalho. Ou seja, todo o reconhecimento e status no inaugural da carreira do magistério não existe mais.

Por esta razão, hoje podemos compreender qual é a real situação das mulheres negras, professoras nas cidades de Miracema e Santo Antônio de Pádua, marcadas por situações complexas e ao mesmo tempo confusas quando disseram que nunca sofreram racismo ou não souberam dizer. No pensamento delas o fato de poder ir e vir a certos lugares não é racismo, ao contrário do que acontece nos Estados Unidos, se referindo a segregação, onde todas elas foram enfáticas ao dizer que eram negras.

Os estereótipos que ao longo do tempo designou a situação da mulher negra como lavadeira e trabalhadora doméstica, é um pensamento fruto do sexism e do racismo sofrido por elas, dada a conjuntura atual das desigualdades em que a mulher negra se encontra, na última camada da esfera social. Podemos concluir que as professoras negras ao entrarem para o magistério são trabalhadoras valiosas, que dominam os códigos, o letramento institucional e que agora estão em outro nível onde irão perpetuar o saber.

Nossas professoras negras têm suas histórias pessoais marcadas pela superação, reconhecimento pessoal e social. São mulheres que merecem o total respeito por suas trajetórias, que se diferem, mas ao mesmo tempo se aproximam no sentido de se dedicarem mais aos estudos, para se fixarem como profissionais capacitadas e comprometidas com a transformação social da vida dos alunos, refletindo nos familiares.

Posto isto ao dialogarmos sobre as questões raciais e de gênero chamamos a todos para responsabilidade, pelo reconhecimento e o respeito à diversidade. É preciso repensar o espaço escolar, chamar a responsabilidade para si, eliminar com urgência as teorias que reforçam o racismo. Uma pedagogia antirracista se faz presente quando valoriza e fortalece a autoestima do educando com pautas que permeiam a sua estética de forma positiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSAD, Suellen Gomes Barbosa. A Reflexividade sobre o processo de educação permanente dos gestores da educação básica: implicações para a qualidade da assistência. / Suellen Gomes Barbosa Assad. – Niteró: [s.n],2022. 173f.
- BENTO, Maria Aparecida Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.
- CARDOSO, Claudia P. Por uma epistemologia feminista negra do sul: experiências de mulheres negras e o feminismo negro no Brasil. In: **Anais de Congresso-13º Mundos de Mulheres e Fazendo Gênero**. 2017. p. 1-11.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos, and Jerusa Vieira Gomes. "Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil." (2000).
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Selo Negro, 2015.
- Cruz, Nilcenei da. Nilcenei da Cruz: depoimento [dez. 2021]. Entrevistadora: Adriana B. Marcelino. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2021. Entrevista concedida ao **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES – PPGEduc**
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.
- DA SILVA, Benedita Josefina Oliveira. Benedita Josefina Oliveira da Silva: depoimento [dez. 2021]. Entrevistadora: Adriana B. Marcelino. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2021. Entrevista concedida ao **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES – PPGEduc**
- DOS SANTOS CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. Editora Contexto, 2004.
- EUCLIDES, Maria Simone; SILVA, Sânia Paula dos Santos; SILVA, Joselina. Quando se é mulher, negra, doutora e professora universitária: uma travessia marcada por disputas.2016.
- Feres Júnior, J. (2015). A ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE GUERREIRO RAMOS: branquitude e nação. *Caderno CRH*, 28(73). <https://doi.org/10.9771/ccrh.v28i73.19861>
- FONSECA, Marcus Vinícius. Apontamentos em relação às formas de tratamento dos negros pela história da educação. **Revista História da Educação**, v. 13, n. 28, p. 29-59, 2009.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido/ Paulo Freire. -71. ed.- Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra,2019, 256pp.
- GOLDENBERG, M. (2004). A Arte de Pesquisar. Rio de Janeiro: Record.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria: revista de estudos de literatura**, v. 9, p. 38-47, 2002.
- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. **Educação em Revista**, v. 34, 2018.

GONÇALVES, Renata. A invisibilidade das mulheres negras no ensino superior. **Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 12, n. 22, p. 350-367, 2018.

GONZALEZ, Lelia; HASENBALG, Carlos A. *Lugar de negro* / Lelia Gonzalez, Carlos Hasenbalg. __. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. 114p.

GUIA DE ENFRENTAMENTO AO RACISMO INSTITUCIONAL, editora Trama Design. 2013

H CUNHA JR - História da Educação do Negro e Outras Histórias ..., 2005

Nós, afro-descendentes: história africana e afro-descendente na cultura brasileira

História da Educação do Negro e outras histórias/Organização: Jeruse Romão. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. ISBN - 85-296-0038-X 278p. (Coleção Educação para Todos)

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo:WMF Martins Fontes, 2006.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, UFSC, v. 3, n.2, p. 464-476, 2005.

HOOKS, Bell. Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo. 11a ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo. 2ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2018.

JESUS, C. M. D. (2014). Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10ª. São Paulo: Editora Ática.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

MENDES, Creuza Maria. Creusa Maria Mendes: depoimento [maio.2022]. Entrevistadora: Adriana B. Marcelino. Rio de Janeiro: UFRJ, 2022. Entrevista concedida ao **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES – PPGEduc**

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. Editora Perspectiva SA, 2020.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. "Professoras negras na Primeira república.(p. 21-67)." *Cadernos PENESB* nº1 (1999): 96.

MUNANGA, Kabengele. O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo**. Cadernos Penesb, n. 12, p. 169-203, 2010Tradução. Disponível em:

biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_TeoriaSocialERelacoesRaciaisNoBrasilContemporaneo.pdf. Acesso em: 08 ago. 2023.

NL Gomes - Cadernos CESPUC De Pesquisa Série, 1999 - periodicos.pucminas.br. Professoras Negras: trajetória escolar e identidade.

NL Gomes - Revista Cadernos Pagu, Unicamp, V Encontro de ..., 1999 - miniweb.com.br. Mulheres negras e educação: trajetórias de vida, histórias de lutas

NL Gomes - Aletria: revista de estudos de literatura, 2002 - periodicos.ufmg.br. Educação e identidade negra

OLIVER, Marcele. **FALAS NEGRAS**. Brasil. 28 de janeiro de 2021. Instagram: @falas.negras. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CmWTmz-LwsG/> Acesso em: 25/08/2022

OLIVEIRA, Iolanda (org). Negritude e Universidade: evidenciando questões.

PEREIRA, Amauri Mendes. Três Impulsos para um salto: trajetória e perspectivas do Movimento Negro Brasileiro. **Monografia, Curso de Pós-Graduação Lato Sensu História da África. Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro**, 1998.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. Alteridade e raça entre África e Brasil. **Revista de Antropologia**, v. 63, n. 2, p. 1-14, 2020.

PINTO, Regina Pahim. A educação do negro: uma revisão da bibliografia. **Cad. Pesqui**, p. 3-34, 1987.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Patologia social do "branco" brasileiro**. Jornal do Commercio, 1955.

RATTS, Alex. Eu sou atlântica. **Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto**, 2006.

SANTANA, Patrícia. **Professor@s negr@s: trajetórias & travessias**. Mazza Edições, 2004.

SANTOS, Joel Rufino dos. O que é racismo. **São Paulo: Brasiliense**, 1984.

SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão; DIAS, Regina Lúcia Cerqueira. Trajetórias escolares e prática profissional de docentes das camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, p. 49-64, 2013.

SILVA, Joselina. Doutoras, professoras negras: o que dizem os marcadores oficiais. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 1, 19-36, jan./jun. 2010

SOUZA, Cassia Maria Silveira. Cassia Maria Silveira Souza: depoimento [maio. 2023]. Entrevistadora: Adriana B. Marcelino. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2023. Entrevista concedida ao **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES – PPGEduc**

SOUZA, Cristhiane Silva de Albuquerque. Entre o Atlântico e a Atlântica: (re) existências em movimento. Cristhiane Silva de Albuquerque Souza. – 2021. Dissertação de (Mestrado) Centro de Educação Tecnológica Celso Sucko da Fonseca, 2021.

SOUZA, Nair Procópio de. Nair Procópio de Souza: depoimento [dez. 2021]. Entrevistadora: Adriana B. Marcelino. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2021. Entrevista concedida ao **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES – PPGEduc**

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

Sociedade Brasileira de Sociologia- Bionotas

VALENTIM, Ana Paula Rodrigues. Ana Paula Rodrigues Valentim: depoimento [abr. 2023]. Entrevistadora: Adriana B. Marcelino. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2023. Entrevista concedida ao **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES – PPGEduc**

ANEXOS

Roteiro de entrevista

1. Qual o nome da senhora?
2. Qual é a sua cor?
3. Qual é a sua idade?
4. A senhora tem filho?
5. Quantos?
6. Qual a profissão do seu pai?
7. Qual a profissão da sua mãe?
8. Quais as profissões dos seus filhos?
9. Em que cidade a senhora nasceu?
10. Zona rural ou Urbana?
11. Como foi sua trajetória escolar?
12. Me conte algum fato ou história alegre sobre a sua vida de estudante?
13. Me conte um fato ou história triste sobre a sua vida de estudante?
14. Seus irmãos frequentaram a unidade escolar?
15. Como se deu sua inserção(entrada) no curso de formação de professores?
16. Foi sua primeira escolha de profissão?
17. Como foi sua entrada no Magistério?
18. Com que idade a senhora começou a lecionar?
19. Em quais escolas a senhora lecionou?
20. Em quais cidades a senhora já lecionou?
21. Como era o seu relacionamento com o corpo docente?
22. Como era seu relacionamento com os alunos?
23. E com a direção da escola?
24. Com a parte pedagógica?

25. Na sua trajetória profissional e social, quais barreiras precisou superar?
26. Enquanto professora negra, julga que o tom de pele foi uma barreira?
27. Já sentiu alguma forma de preconceito em relação ao seu tom de pele?
28. Me conte um fato alegre sobre sua experiência como professora?
29. Me conte um fato triste sobre sua experiência como professora?
30. Deseja acrescentar mais alguma coisa?